



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
“CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO”
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA



ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS

**VARIAÇÃO SINTÁTICA EM LIBRAS: ORDEM BÁSICA DE OV E VO DA
COMUNIDADE SURDA EM SERRA TALHADA-PE**

CÁCERES-MT

2025

ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS

**VARIAÇÃO SINTÁTICA EM LIBRAS: ORDEM BÁSICA DE OV E VO DA
COMUNIDADE SURDA EM SERRA TALHADA-PE**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza.

CÁCERES-MT

2025

©by Roberto Willians de Lima Santos, 2025.

S237v Santos, Roberto Willians de Lima.

Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO da Comunidade Surda em Serra Talhada-PE / Roberto Willians de Lima Santos. - Cáceres, 2026.

Of.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Doutorado Acadêmico, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santanna de Souza.

1. Libras. 2. Variação Sintática. 3. Ordem de Constituintes.
I. Souza, Prof. Dr. Antonio Carlos Santanna de. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 81`232(813.4)

ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS

**VARIAÇÃO SINTÁTICA EM LIBRAS: ORDEM BÁSICA DE OV E VO DA
COMUNIDADE SURDA EM SERRA TALHADA-PE**

TESE DE DOUTORADO PELA EXAME DE DEFESA:

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza
Orientador – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Cristiane Schmidt
Examinadora interna – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Tânia Aparecida Martins
Examinadora externa - PPGL/UNIOESTE

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins
Examinador externo – PPGL/UFAL

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Examinador interno – PPGL/UNEMAT

APROVADA EM: 17 /12 /2025

Dedico este trabalho a DEUS, que
jamais deixa os sonhos morrer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter concedido a graça de realizar este trabalho, que é tão importante para a minha vida pessoal e profissional.

A minha amada mãe, Zélia Maria Melo de Lima Santos, que me dedicou todo o seu amor, a minha eterna gratidão pela educação que me proporcionou.

Agradeço a minha filha, Maria Flor Soares de Lima Santos que tem 7 anos de idade. A minha filha é a história mais bela que o destino escreveu em minha vida.

Agradeço à minha enteada, Dvinnya Samara Silva Barbosa. Ela me enche de orgulhoso. Gratidão.

Agradeço à minha única irmã, Roberta Julliane de Lima Santos Lira, que sempre expressou sua torcida constante para a conclusão de minha tese.

Agradeço ao meu cunhado, Brunno Monteiro da Lira, gratidão pela preocupação com todos nós.

Agradeço ao meu sobrinho Ricardo de Lima Monteiro Lira, com 4 anos de vida, expressa a transformação de sonhos e esforços.

Agradeço à minha querida esposa, Sandra Pereira da Silva, que esteve ao meu lado, durante todo o tempo incentivando e me dando forças para continuar a escrever essa tese.

Agradeço ao meu orientador, querido professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza, que me aceitou como orientando e me incentivou a seguir a carreira acadêmica e a iniciar este trabalho com dedicação buscando sempre referências de outros linguistas que falam sobre Libras.

Agradeço a minha banca avaliadora, professora Dra. Tânia Aparecida Martins, pelos valiosos comentários na banca de qualificação e defesa desta pesquisa, pela significativa contribuição para o aperfeiçoamento da pesquisa, e pela leitura atenta de minha tese.

Agradeço a todos os outros professores que contribuíram para minha formação, especialmente ao professor Dr. Adilson Pinheiro Sedrins da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, que compartilhou com tanta paixão e carinho seu conhecimento sobre

sintaxe e a importância do tópico de sociolinguística e que junto com a professora Dra. Cristiane Schmidt, contribuíram de forma magnífica para minha pesquisa.

Expresso minha gratidão ao Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino. Tive a oportunidade de estudar com ele uma disciplina essencial sobre Fonética e Fonologia. Ele entende plenamente que a Língua de Sinais, como língua natural, possui sua própria estrutura. Por isso, fiz questão de convidá-lo a participar da banca. Ela desempenha um papel significativo na valorização da Libras.

Às minhas colegas intérpretes de Libras, Janaina Oliveira dos Santos e Kariny Alves Ribeiro, por me acompanharem diariamente ao longo desta trajetória, tornando-a menos solitária com tanto afeto e esforço dedicação a mim e a este trabalho.

À comunidade surda em Serra Talhada, no estado de Pernambuco, por ter me acolhido, minha eterna gratidão.

Por fim, expresso minha gratidão à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) pela oportunidade maravilhosa de participar do programa Pós-Graduação do curso de doutorado em Linguística, e assim, contribuir positivamente através desta pesquisa para comunidade surda e em especial os surdos de Serra Talhada, estado de Pernambuco.

Portanto, necessário se faz dizer que tanto a Universidade quanto o curso de Doutorado proporcionaram um processo verdadeiramente inclusivo.

Obrigado!

“Ele é como a árvore plantada à margem de águas correntes: dá fruto no tempo apropriado e suas folhas não murcham; tudo quanto realiza prospera!”

Salmos 1:3

RESUMO

A presente tese analisa a variação sintática da Língua Brasileira de Sinais (Libras) dentro da comunidade surda localizada na cidade de Serra Talhada, no estado de Pernambuco. Reconhecendo que a Libras constitui a principal língua empregada por uma parcela significativa das pessoas surdas em seus contextos diários, esta pesquisa oferece uma contribuição valiosa ao abordar como os indivíduos surdos que utilizam a Libras, com sua estrutura gramatical própria, estabelecem um sistema linguístico autônomo. Assim, este estudo apresenta como objetivo principal investigar a ordem básica dos constituintes, especificamente a variação entre a ordem Objeto-Verbo (OV) e Verbo-Objeto (VO). A pesquisa fundamenta-se na Gramática Gerativa, Linguística Funcional, na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e nas contribuições de (GREENBERG, 1966), de modo a compreender como fatores sociais influenciam a estrutura frasal. Para o desenvolvimento deste estudo, adotaram-se os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística de (LABOV, 2008), que serviu para discutir a variação na ordem de palavras e os diferentes ajustes do parâmetro do núcleo, a fim de analisar a ordem subjacente dos constituintes na estrutura das sentenças da Libras. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa, onde foi possível analisar dados de 32 sujeitos surdos, estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade, a partir de vídeos da campanha "Fica em Casa", produzidos durante a pandemia de Covid-19, além de entrevistas. Os dados da pesquisa foram analisados por meio do teste estatístico de Mann-Whitney. Os resultados evidenciaram a predominância da variante A (ordem OV), que representou 71% das ocorrências, enquanto a variante B (ordem VO) correspondeu a 29%. No que tange às variáveis sociais, a análise estatística mostrou que os sujeitos surdos, tanto masculino quanto feminino, demonstraram uma maior frequência do uso da ordem OV em comparação à ordem VO. A escolaridade foi subdividida entre os níveis fundamental, médio e superior, apresentando duas variantes estruturais. A primeira delas, denominada Variante A (ordem OV), é predominante entre a maioria dos sujeitos de todos os níveis, sendo atribuída a ela uma elevada frequência em termos de peso relativo. Por outro lado, a segunda variante B (ordem VO) apresenta uma ocorrência significativamente reduzida entre os sujeitos surdos analisados. Entretanto, a faixa etária mostrou-se estatisticamente relevante, indicando maior frequência da ordem OV entre adultos e idosos em relação aos jovens. Dessa forma, conclui-se que a Libras possui um sistema linguístico autônomo, afastando-se da noção de "português sinalizado". A ordem OV, frequentemente associada à forma imperativa e marcadores não manuais, demonstram a complexidade sintática da língua.

Palavras-chave: Libras; Variação Sintática; Sociolinguística; Ordem de Constituintes; Serra Talhada.

ABSTRACT

This thesis analyzes syntactic variation in Brazilian Sign Language (Libras) within the deaf community located in the city of Serra Talhada, in the state of Pernambuco. Recognizing that Libras is the main language used by a significant portion of deaf people in their daily contexts, this research offers a valuable contribution by addressing how deaf individuals who use Libras, with its own grammatical structure, establish an autonomous linguistic system. Thus, the main objective of this study is to investigate the basic order of constituents, specifically the variation between Object-Verb (OV) and Verb-Object (VO) order. The research is based on Generative Grammar, Functional Linguistics, Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008), and the contributions of (GREENBERG, 1966) in order to understand how social factors influence sentence structure. For the development of this study, the theoretical and methodological assumptions of the Theory of Linguistic Variation and Change by (LABOV, 2008) were adopted, which served to discuss the variation in word order and the different adjustments of the core parameter in order to analyze the underlying order of constituents in the structure of Libras sentences. This is a quantitative research study, in which it was possible to analyze data from 32 deaf subjects, stratified by gender, age group, and education level, based on videos from the “Stay at Home” campaign produced during the COVID-19 pandemic, as well as interviews. The research data were analyzed using the Mann-Whitney statistical test. The results showed the predominance of variant A (OV order), which represented 71% of occurrences, while variant B (VO order) corresponded to 29%. Regarding social variables, statistical analysis showed that deaf subjects, both male and female, demonstrated a higher frequency of using the OV order compared to the VO order. Education was subdivided into elementary, secondary, and higher education levels, presenting two structural variants. The first, called Variant A (OV order), is predominant among most subjects at all levels, with a high frequency in terms of relative weight. On the other hand, the second variant, B (VO order), has a significantly reduced occurrence among the deaf subjects analyzed. However, the age group proved to be statistically relevant, indicating a higher frequency of the OV order among adults and the elderly than among young people. Thus, it can be concluded that Libras has an autonomous linguistic system, moving away from the notion of “signed Portuguese.” The OV order, often associated with the imperative form and non-manual markers, demonstrates the syntactic complexity of the language.

Keywords: Libras; Syntactic Variation; Sociolinguistics; Constituent Order; Serra Talhada.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
AUSLAN	Língua de Sinais Australiano
ASL	Língua de Sinais Americano
ISL	Língua de Sinais Israelense
LP	Língua Portuguesa
DP	Sintagma Determinante
VP	Sintagma Verbal
V	Verbo
N	Nome
RFP	Regra de Formação de Palavra
OV	Objeto-Verbo
VO	Verbo-Objeto
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
SOV	Sujeito-Objeto-Verbo
VSO	Verbo-Sujeito-Objeto
VOS	Verbo-Objeto-Sujeito
OSV	Objeto-Sujeito-Verbo
OVS	Objeto-Verbo-Sujeito
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
CODA	Filho de pais surdos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ASST	Associação de Surdos de Serra Talhada

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipos linguísticos (Feature: origem de sujeito, verbo e objeto)	23
Figura 2 – Ordem da preposição na Libras.....	27
Figura 3 – Ordem inversa da posposição na Libras.....	29
Figura 4 – Ordenação básica em Libras.....	32
Figura 5 – Um par substantivo e verbo em AUSLAN.....	34
Figura 6 – Derivação em Língua de Sinais como ASL.....	35
Figura 7 – Pares nome-verbo ISL: Questão e Perguntar.....	36
Figura 8 – Derivação de nome na Libras (CASA).....	37
Figura 9 – Sinais derivados através da modificação do movimento.....	38
Figura 10 – Derivação de verbo na Libras (MORAR).....	39
Figura 11 – Expressão facial é afetiva.....	41
Figura 12 – Expressão facial gramatical.....	42
Figura 13 – Ordenação de inversão em Libras.....	42
Figura 14 – Sinal FICAR.....	44
Figura 15 – Mapa do local de Pernambuco.....	52
Figura 16 – Ordem básica VO da região de interior de Pernambuco.....	53
Figura 17 – Ordem básica de inversão OV da região da grande Recife.....	53
Figura 18 – Ordem básica (V) OV.....	54
Figura 19 – Mapa do local do Alto Pajeú e localização da Comunidade Surda de Serra Talhada.....	56
Figura 20 – Cidade de Serra Talhada.....	57
Figura 21 – Sinal de FRUTA no Rio de Janeiro.....	60
Figura 22 – Sport Club Internacional – Sinal antigo.....	61
Figura 23 – Sport Club Internacional – Sinal novo.....	62
Figura 24 – Sinal de PESSOAS.....	63
Figura 25 – AMIGO CASA VAI.....	75
Figura 26 – EU VOU CASA AMIGO.....	77
Figura 27 – Diretoria Executiva de ASST.....	81
Figura 28 – Associação de Surdos de Serra Talhada – ASST.....	82
Figura 29 – Comunidade Surda em Serra Talhada.....	83
Figura 30 – Publicação na pandemia da COVID-19.....	98

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Faixa Etária.....	61
Tabela 2 – Sinais novos em Serra Talhada.....	71
Tabela 3 – Características dos participantes.....	88
Tabela 4 – Tabela de estatística real.....	100
Tabela 5 – Sujeitos e dados analisados na pesquisa de Ordem OV.....	108
Tabela 6 – Sujeitos e dados analisados na pesquisa de Ordem VO.....	112
Tabela 7 – Características dos Sujeitos pela frequência percentual.....	114
Tabela 8 – Variantes das ordens OV e VO distribuídas por escolaridade.....	116
Tabela 9 – Tabela de valores críticos da estatística <i>U</i> de Mann-Whitney.....	126
Tabela 10 – Variantes das ordens OV e VO distribuídas por faixa etária.....	131
Tabela 11 – Variantes das ordens entre OV e VO distribuídas por sexo.....	140
Tabela 12 – Caracterização sociodemográfica e ordens básicas de constituintes (OV e VO).....	146
Tabela 13 – Peso relativo de utilização nas variantes A e B em Serra Talhada.....	147

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	90
Quadro 2 – Códigos para descrição das células sociais.....	96
Quadro 3 – Células sociais.....	96
Quadro 4 – Variáveis linguísticas consideradas nas análises de dados.....	103
Quadro 5 – Variáveis extralinguísticas consideradas nas análises de dados.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

1. SINTÁTICA EM LIBRAS: ORDEM BÁSICA DE CONSTITUINTES NA VO (VERBO-OBJETO) E OV (OBJETO E VERBO).....	21
1.1. Funcionalismo-Tipológico.....	23
1.2. Núcleo verbo finito de ordem verbo-objeto (VO).....	31
1.2.1. Processo derivacional em Libras.....	33
1.3. Núcleo verbo não finito de ordem objeto-verbo (OV).....	39

CAPÍTULO II

2. VARIAÇÃO SINTÁTICA EM LIBRAS.....	47
2.1. Variação Sintática em Libras: aspectos teóricos.....	47
2.2. Delimitação Geográfica.....	51
2.3. Efeitos das variáveis sociais no tratamento da variação e mudança.....	58
2.3.1. A variável sexo	59
2.3.2. A variável faixa etária	60
2.3.3. A variável escolaridade	63

CAPÍTULO III

3. COMUNIDADE LINGUÍSTICA SURDA EM SERRA TALHADA.....	65
3.1. A chegada das intérpretes e a variação linguística.....	65
3.2. Comunidade Surda da Associação de Surdos de Serra Talhada.....	80

CAPÍTULO IV

4. METODOLOGIA DE PESQUISA	85
4.1. Procedimentos metodológicos	85
4.1.1. Procedimentos Éticos.....	86
4.1.2. Perfil dos participantes.....	87
4.1.3. Vídeos do YouTube relacionados à pandemia de COVID-19 e divulgados pela Associação de Surdos de Serra Talhada.....	95

4.2. Geração de dados	96
4.3. Método Estatístico.....	99
4.4. Definição de variáveis.....	103

CAPÍTULO V

5. ANÁLISE QUANTITATIVA DA ORDEM BÁSICA DE CONSTITUINTES

.....	106
5.1. Variante A – ordem OV	107
5.2. Variante B – ordem VO	111
5.3. Análise estatística de probabilidade.....	114
5.3.1. Variável por escolaridade.....	115
5.3.2. Variável por faixa etária.....	131
5.3.3. Variável por sexo.....	140
5.4. Resultados dos dados	145

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

Anexo I – Ficha de Solicitação de Sujeito.....	161
Anexo II – Termo de Autorização para uso de imagem e som de voz.....	162

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua da modalidade espaço-visual, amplamente usada pela comunidade surda no Brasil, sobretudo em áreas urbanas. Apesar de seu papel essencial na comunicação, os estudos linguísticos voltados para as línguas de sinais ainda são relativamente recentes, o que faz com que as investigações sobre os elementos gramaticais da Libras se encontrem em uma fase inicial de desenvolvimento.

A esse respeito, Quadros e Karnopp (2004, p. 30) afirmam que “[...] as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação [...]”. As línguas de sinais são, portanto, reconhecidas pela Linguística como línguas naturais – ou seja, como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.

Nessa perspectiva, os surdos podem ser considerados como monolíngues quando possuem domínio apenas da estrutura sintática da Libras, e como bilíngues quando possuem proficiência tanto na Língua Portuguesa como segunda língua (L2) quanto na Libras, sua primeira língua (L1). Esses indivíduos, ao deterem conhecimento aprofundado da estrutura e do funcionamento de ambas as línguas, são capazes de transitar entre elas em diferentes contextos comunicativos.

Com base nessa realidade, este estudo se torna relevante ao investigar como indivíduos surdos articulam enunciados que envolvem a estrutura sintática da Libras — como no exemplo #FICAR EM CASA# —, no qual se identificou a presença tanto da ordem OV quanto da ordem VO como possibilidades de ordem básica. No contexto específico da comunidade surda residente em Serra Talhada, constatou-se que a pandemia de COVID-19 gerou preocupações significativas, evidenciadas, sobretudo, na disseminação de mensagens por meio das redes sociais, como o YouTube. Mensagens como "ficar em casa" foram amplamente compartilhadas para reforçar a prevenção do contágio, com orientações claras para que os surdos permanecessem em seus lares e evitassem circular pelas ruas.

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a variação sintática presente na Libras, especificamente na ordem básica dos constituintes. Essa análise aborda duas variantes: a variante A, na qual predomina a ordem OV, caracterizando uma inversão da

ordem básica da Libras, e a variante B, que apresenta a ordem VO, a qual segue, em parte, as regras estruturais da Língua Portuguesa na construção de sentenças em Libras.

Assim, esta tese está dividida em cinco capítulos além da *Introdução* e das *Considerações finais*. O capítulo 1, intitulado: *A ordem básica dos constituintes em VO (verbo-objeto) e OV (objeto-verbo) em Libras*, tem como objetivo discutir os aspectos sintáticos da Libras, com ênfase nas mudanças observadas na ordem básica dos constituintes da sentença e nos parâmetros que regem sua organização estrutural. Parte-se da compreensão de que a sintaxe, enquanto campo da linguística que estuda a análise da estrutura das frases, revela importantes transformações no desenvolvimento da Libras, especialmente no que se refere à variação da ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) para SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), uma configuração recorrente na maior parte das construções dessa língua. Essa mudança reflete processos internos de sistematização e adequação da língua à sua natureza espaço-visual, evidenciando a relação entre estrutura e uso.

Para sustentar esta discussão, são abordados os estudos de Greenberg (1966), que propõe a categorização das línguas de acordo com o “parâmetro do núcleo”, e de Quadros e Karnopp (2004), que descrevem a tipologia sintática da Libras com base na ordenação dos constituintes. Sob essa perspectiva, compreende-se que as línguas podem apresentar núcleos iniciais, como nas estruturas do tipo VO (Verbo-Objeto), ou núcleos finais, característicos da ordem OV (Objeto-Verbo), distinção que contribui para a compreensão da variação e da organização estrutural das línguas naturais. Nesse contexto, a Libras se insere em um sistema linguístico complexo, em que a marcação do sujeito, a disposição dos constituintes e os mecanismos de incorporação verbal assumem funções específicas determinadas pela modalidade visual-espacial.

Com base nesses referenciais, o capítulo 1 está estruturado em três seções. Na seção 1.1, discorre sobre o funcionalismo tipológico, com ênfase no parâmetro do sujeito nulo, bem como suas implicações na estrutura das orações em Libras, apresentando as condições em que o sujeito pode ser omitido e o papel do movimento na incorporação pronominal. A seção 1.2 apoia-se nas contribuições de Greenberg (1966) sobre a disposição dos elementos em diferentes tipos de núcleo verbal, relacionando-os à configuração da Libras e às especificidades de sua gramática visual-espacial — nas quais os sinais, os movimentos e a reduplicação constituem papel fundamental nas relações sintáticas. Por fim, a seção 1.3 apresenta os apontamentos do mesmo autor sobre a

disposição dos elementos em línguas cujo núcleo verbal segue uma ordem fixa, contrastando-a com a organização das línguas de predominância OV.

O capítulo 2, intitulado *Variação sintática em Libras*, discutir os fundamentos teóricos da Sociolinguística, área que se ocupa do estudo dos padrões de comportamentos linguísticos observáveis em uma comunidade de fala. Essa área concebe a língua como um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis, que refletem as dinâmicas sociais e culturais de seus falantes. A linguagem é compreendida como instrumento fundamental de comunicação, aquisição de conhecimento e interação social humana.

Nesse contexto, o capítulo tem como objetivo explorar os fundamentos da teoria da variação, ou Sociolinguística quantitativa, formulada por Labov (2008 [1972]) e por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que orientam a análise sociolinguística da variação linguística, com um enfoque amplo no estudo da Libras, ao mesmo tempo em que discute fatores extralinguísticos (sociais, geográficos, etários etc.) que influenciam a variação sintática no português brasileiro. A partir desse diálogo teórico, pretende-se compreender como os fenômenos da variação, longe de representarem desvios, configuram-se como manifestações naturais da diversidade linguística e social.

O estudo baseia-se na articulação entre a Sociolinguística variacionista e a realidade da Comunidade Surda de Libras. Sob essa ótica, a variação sintática em Libras é observada na organização e na ordem dos sinais que compõem as frases e expressões, evidenciando como fatores sociais e contextuais influenciam as escolhas estruturais da língua. Desse modo, a abordagem variacionista aplicada à Libras permite compreender não apenas o funcionamento interno de sua sintaxe, mas também o modo como as práticas comunicativas da comunidade surda refletem a natureza dinâmica e plural da linguagem humana.

O capítulo 3, intitulado *Comunidade linguística surda em Serra Talhada*, descrever as pesquisas de fontes documentais realizadas em Serra Talhada-PE, para identificação de pessoas surdas da Libras. Além disso, o capítulo apresenta brevemente a história da educação da comunidade Surda na região do Sertão do Alto Pajeú, em Serra Talhada-PE, por meio de relatos com entrevistas, objetivando coletar evidências desses registros.

O capítulo 4, intitulado *Metodologia da pesquisa*, apresentar os procedimentos metodológicos adotados, destacando o tipo de pesquisa empreendida, o mapeamento do perfil dos sujeitos, a seleção e os métodos de análise utilizados na geração de dados.

O capítulo 5, *Análise quantitativa da ordem básica de constituintes*, apresentar a análise quantitativa e os resultados obtidos sobre a ordem básica dos constituintes, com base na pesquisa de campo com os sujeitos. O processo de análise consistiu na mensuração da variação sintática em Libras, concentrando-se em dois tipos principais de ordem de constituintes: a ordem Objeto-Verbo (OV) e a ordem Verbo-Objeto (VO).

Por fim, as *Considerações finais* retomar os objetivos da pesquisa articulando-os aos resultados da análise. Nelas, evidenciam-se os principais achados, as limitações e possibilidades de pesquisas futuras, bem como a relevância desta tese para os estudos sobre a Libras.

CAPÍTULO I

A ORDEM BÁSICA DOS CONSTITUINTES EM VO (VERBO-OBJETO) E OV (OBJETO-VERBO) EM LIBRAS

A sintaxe é a área que analisa a estrutura das frases. No desenvolvimento da Libras, uma das mudanças sintáticas mais evidentes refere-se à ordem básica dos constituintes da sentença, passando de SVO, cuja estrutura frasal segue a ordem Sujeito-Verbo-Objeto, para SOV, que segue a ordem Sujeito-Objeto-Verbo sendo esta última recorrente na maioria das construções.

Segundo Greenberg (1966), a ordem VO (Verbo-Objeto) tende a apresentar o genitivo após o núcleo nominal, enquanto a OV (Objeto-Verbo) o apresenta antes do núcleo prenominal. O núcleo sintático pode ocupar diferentes posições final ou inicial. A posição final ocorre em línguas, como o alemão, a posição inicial é característica do português. Essa variação é conhecida como "parâmetro do núcleo", que categoriza as línguas de acordo com sua estrutura.

Para o aprofundamento desses conceitos, este capítulo está dividido em três seções. A seção 1.1 apresenta o Funcionalismo Tipológico. Sob tal abordagem, o parâmetro do sujeito nulo refere-se a situações em que o sujeito não é explicitamente expresso em palavras na sentença. Nesse caso, o sujeito nulo é característico de oração finita, na qual o pronome ou o sintagma nominal referente ao sujeito não aparece, deixando a posição de sujeito correspondente vazia. A análise da expressão do sujeito evoluiu de uma descrição puramente sintática para uma compreensão baseada em pressões discursivo-pragmáticas. Desse modo, esta seção recupera o percurso histórico da transição para fundamentar porque o Funcionalismo Tipológico trata o sujeito nulo não apenas como uma lacuna, mas como uma estratégia de economia linguística.

Entre os estudos que sustentam essa discussão, destacam-se as propostas de Quadros e Karnopp (2004), que apresentam uma tipologia sintática para a Libras baseada na ordem dos constituintes, e de Greenberg (1966), que identifica as combinações universais de ordenação entre as línguas. No âmbito dessas variações, discutem-se dois parâmetros fundamentais:

1. O Parâmetro do Sujeito Nulo refere-se à possibilidade de uma língua omitir o sujeito gramatical sem prejuízo à compreensão — como ocorre na Libras, no

português e no italiano. Em português, pode-se dizer apenas "Comi um bolo", e o sujeito "eu" está implícito. Na Libras, o sujeito pode ser omitido especialmente quando o verbo apresenta concordância por meio de movimento direcionado, ou quando o referente já foi estabelecido pelo contexto discursivo. Línguas de sujeito obrigatório, como o inglês e o francês, exigem o preenchimento da posição de sujeito: nessas línguas, a construção equivalente a "Comi um bolo" deve necessariamente ser expressa como "I ate a cake".

2. O Parâmetro da Ordem do Núcleo define a posição do verbo (núcleo) em relação ao seu complemento (objeto). Há duas direções estruturais principais: línguas de núcleo inicial (VO — Verbo + Objeto), nas quais o verbo precede o objeto, como em "João leu o livro"; e línguas de núcleo final (OV — Objeto + Verbo), nas quais o objeto antecede o verbo, como ocorre no japonês, em que a estrutura equivalente seria "João o livro leu".

Na seção 1.2, Greenberg (1966), aponta uma correlação estrutural nesses parâmetros: línguas cujo núcleo verbal precede o objeto (ordem VO) tendem a apresentar o objeto posposto à preposição, estabelecendo um padrão de ramificação à direita. Para compreender como essa organização ocorre na prática da Libras, torna-se essencial identificar como a língua distingue morfologicamente as categorias de nome e verbo, uma vez que essa distinção impacta diretamente a identificação dos constituintes da sentença.

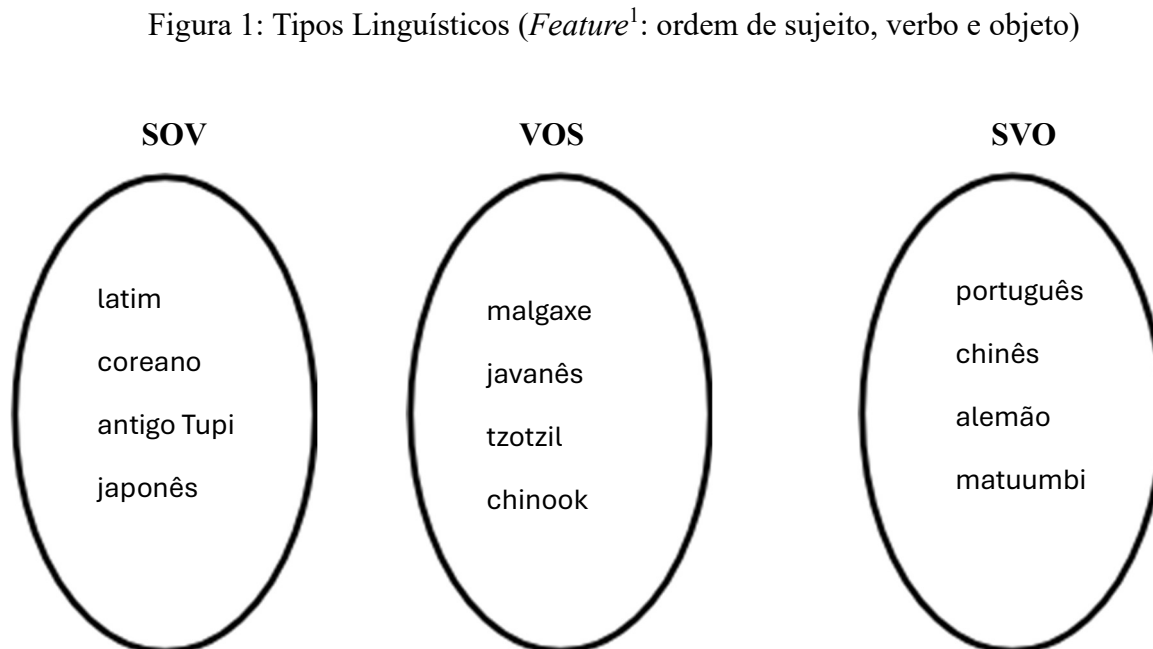
Em Libras, por exemplo, o sinal correspondente ao substantivo CASA é produzido com ambas as mãos formando um contorno semelhante ao de um telhado, com os dedos unidos e as palmas voltadas para dentro. Nessa língua, não há um verbo específico equivalente a CASA, como ocorre no português; ações relacionadas a esse conceito, como MORAR, são expressas por outros sinais e parâmetros de movimento. Ademais, nos pares de sinais da Libras, os movimentos associados aos substantivos tendem a ser mais curtos e apresentam repetição (reduplicação), enquanto os verbos exibem movimentos mais amplos e contínuos. Essa diferenciação pelo movimento é o que permite ao sinalizante e ao interlocutor identificar o papel sintático de cada elemento dentro das ordens VO ou OV.

A seção 1.3 apresenta os apontamentos de Greenberg (1966) sobre a disposição dos elementos em línguas cujo núcleo verbal apresenta uma ordem fixa. Em contrapartida, nas línguas em que a organização sintática predominante segue a ordem OV, observa-se o padrão inverso.

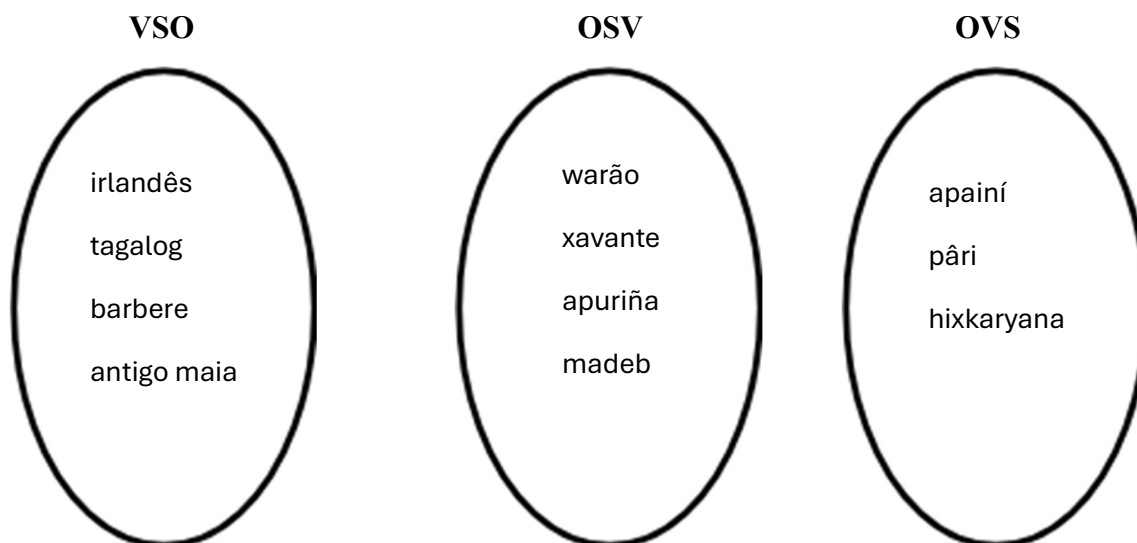
1.1 Funcionalismo-tipológico

A tipologia linguística busca, por meio da análise de dados, comparar línguas não relacionadas genealogicamente para identificar características estruturais presentes em todas as línguas analisadas – daquelas propriedades ditas “universais”, e daquelas que se destacam em meio à variabilidade existente entre todas as línguas do mundo. No que se refere à estrutura sintática da Libras, ela diz respeito à maneira como os sinais são organizados para a composição das frases. Apesar de diferente da estrutura sintática do português, a da Libras estabelece suas próprias regras para a disposição dos elementos na frase, sendo que alguns dos seus padrões comuns incluem as ordens: sujeito-verbo-objeto (SVO) e objeto-sujeito-verbo (OSV).

Dessa forma, a primeira coisa a entender é que o objetivo primordial da tipologia linguística é classificar as línguas humanas em "tipos". Os tipos correspondem aos agrupamentos de línguas em dada amostra, com base em características estruturais, por exemplo, como parâmetro para classificação, conforme a Figura 1:



¹ *Feature* (termo em inglês) que significa "propriedade, característica, traço".



Fonte: Bossaglia (2019, p. 97).

Na Figura 1, observa-se que, a Libras possua especificidades inerentes às línguas de sinais, ela se insere nessa classificação global ao apresentar ordens dominantes, como SVO e SOV, que dialogam com os padrões observados em línguas orais de diferentes famílias genealógicas. Conforme ilustrado na Figura 1, os tipos correspondem aos agrupamentos de línguas com base na ordem de sujeito, verbo e objeto, quando se trata de organização e estrutura das frases em uma determinada língua oral, sempre há normas e regras a serem seguidas. É interessante notar, porém, como essas regras e normas variam de acordo com cada povo e sua língua. Na língua portuguesa, por exemplo, predomina a ordem sujeito-verbo- objeto (SVO), enquanto no japonês prevalece a ordem sujeito-objeto-verbo (SOV). Já nas línguas de sinais, não se identificam normas rígidas para a escrita ou para a sinalização de frases, seja na materialidade textual ou em enunciados isolados.

Dessa maneira, Greenberg (1966) esclarece que a ordem relativa entre sujeito, verbo e objeto em frases declarativas do sujeito é o objeto nominal. A grande maioria das línguas apresenta diferentes ordens possíveis, embora apenas uma delas seja dominante em seu uso. Logicamente, existem seis ordens estruturais possíveis: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS. Entretanto, apenas três tendem a ocorrer como ordens dominantes nas línguas: SOV, SVO ou VSO.

Na ordem dos constituintes sujeito (S), verbo (V) e objeto (O), algumas configurações são mais frequentes que outras. Embora muitas línguas permitam certa

variação na disposição desses elementos, Greenberg (1966) observa que cada língua tende a apresentar uma ordem dominante, que geralmente se enquadra em um dos seguintes padrões: SOV, SVO ou VSO. O autor destaca, ainda, que a disposição dos elementos costuma manter certa regularidade: em línguas de ordem OV ocorre o inverso, com objeto antecedendo a preposição.

Contudo, a Libras tende a seguir a ordem OV, o que implica também o uso de posposições. Entretanto, o inverso também pode ocorrer, conforme esclarece Bossaglia (2019, p. 105):

[...] na maioria das línguas com ordem OV (independentemente da posição de S), fazem-se presentes posposições e, na maioria de línguas que têm posposições, a ordem é de tipo OV – mas não em persa (indo-europeia; Irã), tapieté (tupi-guarani; Brasil), tuvaluano (austronésia; Polinésia) e em outras, nas quais a ordem é OV, mas há preposições; ou em línguas como o guajajara, o estoniano (uralo-altaica; Estônia) ou o songai, onde há posposições, mas a ordem é VO (BOSSAGLIA, 2019, p. 105).

Com base na explicação de Bossaglia, no excerto anterior, é possível refletir sobre um exemplo: a expressão "FICAR EM CASA", em Libras, é representada pela ordem VO, seguindo a estrutura sintática e espacial própria dessa língua. Nesse caso, a preposição "em" não aparece como uma palavra separada, mas integra-se ao sinal ou é expressa por gestos e expressões espaciais que indicam a relação de localização.

Ao contrário das línguas orais-auditivas, que se estruturam sobre a linearidade, a Libras utiliza a simultaneidade morfológica. O sinal CASA, por exemplo, ao receber um movimento descendente ou uma marcação espacial específica para indicar EM CASA, exemplifica o processo de incorporação de afixos locativos. Nesse sentido, elementos que no português são expressos por preposições isoladas, na Libras são integrados à raiz do sinal por meio de parâmetros secundários (movimento e orientação), evidenciando uma estrutura gramatical densa e espacialmente organizada.

Sob a ótica da Teoria de Princípios e Parâmetros, a estrutura sintática da Libras é analisada como uma língua de parâmetro de núcleo inicial. Isso implica que, em sua estrutura profunda, a ordem constituinte básica é VO (Verbo-Objeto)², em que o verbo principal atua como o núcleo do Sintagma Verbal (VP) e precede seu complemento. Tal configuração assemelha-se à de línguas como o inglês, que é tipicamente VO e

² Contudo, vale ressaltar que a ordem de superfície na Libras apresenta grande flexibilidade decorrente de processos da forma imperativa e do uso de verbos com classificadores, que podem derivar configurações OV a partir da base VO original.

preposicional. Diferentemente de línguas de núcleo final, como o japonês e o coreano — que são predominantemente SOV e posposicionais, a Libras estabelece a relação predicativa a partir de um núcleo que projeta seu objeto à direita, mesmo em contextos de sujeito nulo, onde a concordância verbal ou o contexto discursivo suprem a ausência do argumento externo.

Dentro do sintagma verbal, observa-se um núcleo final quando um substantivo seleciona um adjunto locativo; em contrapartida, essa configuração se inverte em sintagma verbal de núcleo inicial. Outras línguas, a exemplo do chinês, suscitam debate quanto à sua classificação como VO ou OV, justamente porque apresentam características híbridas que dificultam uma categorização rígida. Essa direcionalidade variável entre as línguas torna pertinente o questionamento acerca da forte pressão por harmonia estrutural e sobre o ponto exato do sistema linguístico em que tal tendência se manifesta.

No alemão, a regra de ouro para orações declarativas principais é que o verbo finito deve ocupar a segunda posição, independentemente do que venha primeiro. Embora pareça SVO como o português, tecnicamente os linguistas descrevem o alemão como SOV na base, mas que sofre um processo de movimentação do verbo para a frente em orações principais. O japonês não admite SVO e foca na tendência ao Núcleo Final, o núcleo (verbo) vem no fim em todos os contextos. No alemão, o núcleo vem no fim apenas nas subordinadas. A mudança ocorre porque, na evolução do alemão, a estrutura subordinada preservou o estado mais antigo da língua (SOV), enquanto a oração principal desenvolveu o sistema orações principais (V2) para dar ênfase pragmática a diferentes elementos no início da frase.

Nesse sentido, a ordem básica dos constituintes em Libras é diferente da Língua Portuguesa; essa língua apresenta certa flexibilidade, decorrente da interação entre diferentes elementos gramaticais. A ordem (S)VO manifesta-se de modo particular em relação ao argumento do sujeito nulo. Enquanto o português permite que a posição de sujeito permaneça vazia, o inglês, por ser uma língua de sujeito obrigatório, exige que essa posição seja preenchida. Assim, sentenças sem sujeito explícito, como ocorre no inglês, introduzem um elemento expletivo para atender à exigência gramatical. Vejam-se os exemplos apresentados por Mioto, Silva e Vasconcellos (2007, p. 34):

- (1) *It rains.* (inglês)
- (2) *Chove.* (português)

Na sentença (1), vê-se que a palavra sublinhada atua como o sujeito da oração, uma marcação obrigatória em inglês. Já na construção apresentada em (2), fica claro que o português permite a formação da sentença sem a necessidade de um sujeito marcado, visto que, em sua gramática, o aparecimento do sujeito não é obrigatório. Por outro lado, a Libras não reproduz essa característica do português nas frases, e exige nestas uma marcação obrigatória do sujeito. Nesse sistema linguístico, pessoas surdas sinalizantes sempre evidenciam o sujeito, especialmente por meio de marcadores não manuais, quando necessário.

Assim, Greenberg (1966) afirma que o turco da Turquia, segue a ordem de adjetivo anteposto ao substantivo; o objeto do verbo antecede o verbo; o genitivo dependente antes do substantivo regente; os advérbios precedem adjetivos, que se modificam etc. Além disso, essa língua tende a empregar posposições para expressar que, em inglês, são codificados por meio de preposições.

Uma língua de tipo oposto é o tailandês. Nela, os adjetivos seguem o substantivo, o objeto segue o verbo, o genitivo sucede o substantivo regente e há o uso de preposições. A maioria das línguas, como, por exemplo, a língua inglesa, não apresenta marcação tão consistente nesse aspecto: assim como no tailandês, o inglês utiliza preposições, e posiciona o objeto após o verbo, mas também se aproxima do turco ao colocar o adjetivo antes do substantivo. Na construção genitiva, o inglês admite as duas ordens, como em 'John's house', equivalente em português a 'a casa do João'.

Dessa forma, entre os surdos brasileiros, observa-se que o substantivo objeto preposicional é posicionado após o verbo em Libras. Outro exemplo dessa variação pode ser visto nas duas ordens básicas possíveis em enunciados afirmativos: AMANHÃ PROVA ESTUDAR e AMANHÃ ESTUDAR PROVA. Esses casos ilustram a flexibilidade das ordens de palavras permitidas pela língua, incluindo o papel dos elementos equivalentes às preposições. A Libras, portanto, relaciona-se aos parâmetros mencionados anteriormente, como o parâmetro do núcleo, sobre os quais se fundamentam as operações básicas da estruturação frasal. Um exemplo pode ser observado na sentença da Figura 2, estruturada por um sintagma verbal (VP):

Figura 2: Ordem da preposição na Libras³

Estudarei para a prova.

³ You tube: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L_lrNJ5x5P8 Acesso em: 16 fev. 2026.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 2, observa-se que o item lexical ESTUDAR não possui flexão morfológica de tempo, diferentemente de formas do português como "estudarei" ou "estudei". Em Libras, a referência temporal é estabelecida pelo advérbio posicionado no início da sentença, que funciona como um indexador. Ao introduzir o sinal AMANHÃ, toda a sequência subsequente é interpretada sob a perspectiva do futuro, permanecendo sob esse escopo até que um novo marcador temporal seja apresentado. Esse processo de manutenção da referência no discurso é denominado ancoragem temporal.

A sentença AMANHÃ ESTUDAR PROVA exemplifica propriedades fundamentais da gramática da Libras. A ausência de um sujeito fonologicamente expresso ilustra o fenômeno de sujeito nulo, recorrente em línguas de modalidade visual-espacial quando o referente é recuperável pelo contexto discursivo, pela dêixis ou pelo estabelecimento prévio de locos no espaço de sinalização.

Assim, é possível perceber nos dados analisados, compostos por 32 sujeitos surdos de Serra Talhada, a omissão do sujeito que se correlaciona diretamente com a organização dos constituintes, especificamente nas variações entre as ordens OV (Objeto-Verbo) e VO (Verbo-Objeto), enquanto a ordem VO "ESTUDAR PROVA" tende a ser empregada para introduzir informações do português sinalizado, a ordem OV geralmente emerge de processos da forma imperativa.

Nesse caso, o constituinte 'PROVA', já integrado ao conhecimento compartilhado, é deslocado para a periferia esquerda da sentença, funcionando como forma imperativa seguido pelo comentário “AMANHÃ ESTUDAR”.

Essa flexibilidade sintática é reforçada pelo princípio da economia morfológica. Em Libras, a temporalidade não é codificada por afixos flexionais no radical verbal, mas sim por meio de ancoragem lexical (advérbios como AMANHÃ). Essa característica desonera o verbo de marcas temporais, permitindo que a ordenação dos constituintes responda prioritariamente a demandas pragmático-discursivas e à proeminência informativa desejada pelo sinalizador.

No âmbito do Sintagma Verbal (VP), o sinal ESTUDAR desempenha a função de núcleo verbal (V), enquanto o sinal PROVA atua como seu complemento/objeto (Sintagma Nominal - NP). Quando o núcleo verbal precede o objeto, configura-se a ordem VO, padrão tipicamente associado à introdução de informações novas (foco). Em contraste, o sinal AMANHÃ não integra o constituinte verbal; na hierarquia sentencial, ele ocupa uma posição superior, sendo comumente analisado como o núcleo de um Sintagma de Tempo (TP) ou como um adjunto adverbial que estabelece a moldura temporal da proposição. Assim, a estrutura hierárquica da sentença pode ser representada pela seguinte distribuição:

1. **Nível Superior:** Marcador de Tempo (AMANHÃ)
2. **Nível Médio:** Sujeito (neste caso, implícito/nulo)
3. **Nível Inferior:** Sintagma Verbal (ESTUDAR PROVA)

A Figura 3 evidencia que representação de ordem inversa da posposição de um sintagma com dois argumentos.

Figura 3: Ordem inversa da posposição na Libras⁴

A prova estudarei.

⁴ You Tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XcHxbaW3G-8> > Acesso em : 16 fev. 2026



Fonte: Elaborado pelo autor.

A figura 3, mostra que em Libras, a ordem mais comum é SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), mas é extremamente frequente o uso de OSV (Objeto-Sujeito-Verbo) ou a colocação do advérbio de tempo em posições específicas para dar clareza. Ao colocar o AMANHÃ no final, usa-se uma estrutura de ênfase. O tempo foi "posposto" (colocado depois), o que é aceitável em contextos informais ou quando a forma imperativa principal (a prova) já foi estabelecida. Nessa configuração, coloca-se o objeto PROVA como evidência servindo para marcar a forma imperativa sobre o objeto no início da sentença.

Ao traduzir a sentença para “Estudarei para a prova”, percebe-se que a ordem básica dos constituintes ocorre de maneira distinta daquela apresentada na língua portuguesa. Observa-se uma diferença estrutural significativa entre as duas línguas. No exemplo em Libras, o sinal AMANHÃ funciona como marcação temporal; embora não tenha significado lexical específico, pertence à categoria funcional e atua como um argumento essencial para a interpretação da sentença.

Em outro exemplo, AMANHÃ ESTUDAR PROVA, também se observa claramente a estrutura da frase em Libras. Como mencionado, sua tradução para o português seria “Estudarei para a prova”. Nessa organização, o verbo aparece como núcleo ou elemento central da sentença, determinando a relação entre os demais constituintes.

Nesse sentido, a gramática gerativa descreve a estrutura básica das sentenças em Libras, que, segundo Quadros e Karnopp (2004), tende a seguir a ordem SVO (sujeito-verbo-objeto):

Há menção quanto à flexibilidade da ordem das frases na língua de sinais brasileira: Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995). As autoras observaram que há várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças, mas que, apesar dessa flexibilidade, parece haver uma ordenação mais básica que as demais, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto. Quadros (1999) apresenta evidências que justificam tal intuição propondo uma representação para a estrutura da frase nesta língua. As evidências surgem de orações simples, de orações complexas contendo orações subordinadas, da interação com advérbios, com modais e com auxiliares. As demais ordenações encontradas na língua de sinais brasileira resultam da interação de outros mecanismos gramaticais (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 139).

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 139), uma oração simples é definida como uma frase que contém apenas um verbo, expressando um único pensamento completo. Em Libras, isso corresponde a uma estrutura formada por apenas uma oração organizada em torno desse verbo. Dessa maneira, a variação sintática em Libras na ordem básica dos constituintes gera diferentes configurações possíveis entre as línguas, resultando em derivados estruturais condicionados pelos parâmetros de núcleo adotados por cada sistema linguístico.

Segundo Bossaglia (2019, p. 126), as línguas que apresentam a ordem Verbo-Objeto são classificadas como "de núcleo inicial", uma vez que o núcleo do sintagma verbal (representado pelo verbo) antecede o complemento. Esse comportamento também se manifesta em construções que incluem preposições, como na expressão "em casa", em que "em" funciona como preposição. Por outro lado, as línguas que seguem a ordem Objeto-Verbo são geralmente categorizadas como "de núcleo final". No que se refere à posição do artigo, observa-se também uma tendência, nas línguas OV, de incluir elementos como artigos em suas estruturas gramaticais.

1.2.Núcleo verbo finito de ordem verbo-objeto (VO)

A ordem básica da Libras é semelhante à da Língua Portuguesa, mas também apresenta certa flexibilidade, devido à sua interação com diferentes elementos gramaticais. A ordem (S)VO é diferente do argumento do sujeito nulo. Dessa forma, a

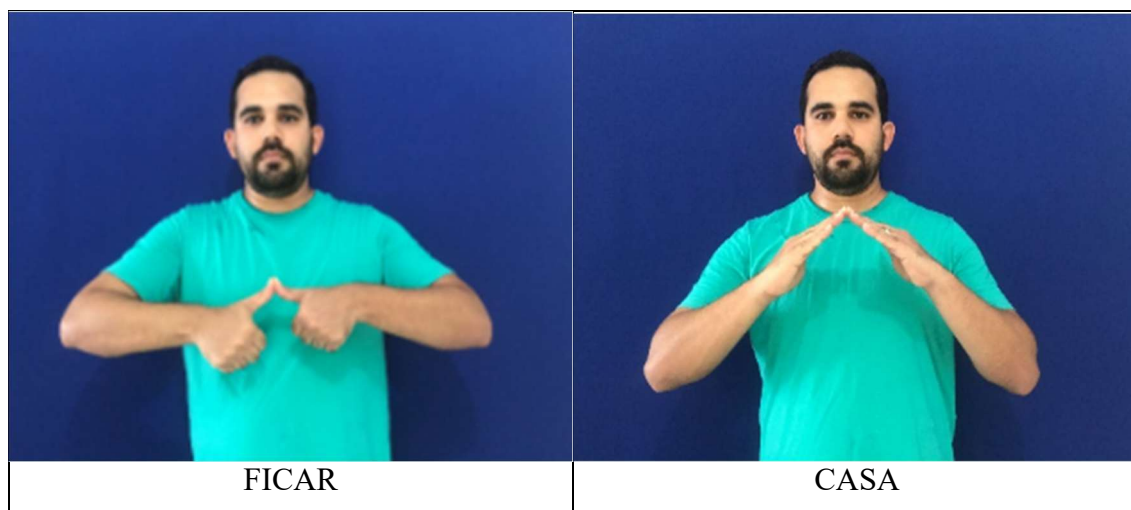
sentença é construída sem a necessidade da marcação do sujeito, pois, em Libras, ela não é obrigatória. Essa característica está ligada a um parâmetro.

Assim, o pronome de segunda pessoa (VOCÊ) nem sempre é sinalizado, pois vários verbos incorporam o argumento que está na posição sintática de sujeito através do movimento. Aquele que sinaliza, assim o faz na segunda pessoa, exceto quando o sinalizante indica outra pessoa do discurso como sujeito do verbo.

A figura 4, a seguir, demonstra a segunda variante da sentença em Libras com o verbo, que pode apresentar apagamento do argumento com o parâmetro de sujeito nulo:

Figura 4: Ordenação básica em Libras

<FICAR CASA>_v



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 4 é ainda mais importante. Só para exemplificar, ao selecionar o termo CASA, percebe-se que o surdo sinalizou, usando o termo sem movimento, ou seja, trata-se de um sinal estático. O exemplo mencionado os dados divergem da descrição do dicionário Capovilla (2001), segundo o qual o sinal CASA possui movimento, dando a entender tratar-se de uma regra nacional. Se assim o fosse, poder-se-ia pensar, sob essa lógica, que o verbo MORAR é considerado um verbo, por não possuir movimento.

Outro parâmetro relacionado ao sujeito nulo pode ocorrer, conferindo um valor positivo ao contexto. Ao analisar a posição do verbo e do objeto nos exemplos, a seguir:

(3) FICAR EM CASA.

(4) *FICAR EM MORAR.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No exemplo (3), identifica-se um caso de ordem direta nas sentenças em Libras, em que o verbo aparece antes do objeto. Essa estrutura sintática confere a Libras uma marcação de valor positivo, pois coloca o núcleo verbal na posição anterior ao objeto, alinhando-se aos padrões gramaticais da língua. A palavra CASA, nesse contexto, desempenha o papel de um substantivo. Contudo, ao tentar aplicar a mesma lógica na sentença (4), surgem complicações. Tanto FICAR quanto MORAR são verbos que indicam uma ação ou estado locativo. Posicionar um verbo como MORAR em uma construção onde a grade temática do verbo "FICAR" requer um substantivo locativo (ou seja, um lugar) gera inconsistência. Um verbo não pode funcionar como o "lugar" de outro verbo sem que ocorra uma nominalização ou algum tipo de subordinação, o que não acontece nesse caso. Consequentemente, a sentença é considerada agramatical (*).

Chama-se uma sentença de agramatical quando ela está mal formada segundo o processo de derivação em Libras. No caso do exemplo (4), o verbo MORAR não segue os padrões necessários para manter a integridade estrutural da frase. Por esse motivo, é agramatical, ou seja, inadequada do ponto de vista linguístico.

1.2.1. Processo derivacional em Libras

O léxico estabelecido da Língua Brasileira de Sinais apresenta novos sinais que evoluem e se integram ao vocabulário já estabelecido, enquanto aqueles já existentes mudam de significado. Assim, o processo derivacional em Libras discutido é a reduplicação. A reduplicação refere-se à repetição de um segmento de movimento para modificar algum aspecto do significado de um sinal ou criar um léxico.

Em Libras, os sinais MORAR e CASA, por exemplo, possuem significados diferentes. O sinal CASA é icônico e representa o que seria a estrutura física de uma casa, sendo caracterizado pela repetição do movimento das mãos em toque, o que reforça sua identificação como uma representação visual da ideia de moradia. Já o sinal MORAR apresenta um movimento distinto, e se refere à ação de viver ou residir em um lugar específico. Esses sinais seguem os parâmetros da sigmanulogia, como configuração das mãos, localização, movimento, orientação e expressão facial, que auxiliam a distinguir o contexto em que cada um é usado.

Nesse sentido, Stokoe (1960) foi o primeiro linguista a propor a comprovação do *status* da língua de sinais como língua natural, algo desnecessário para as línguas orais. A

língua de sinais, de forma mais específica, apresenta evidências linguísticas, quando se fala da *American Sign Language* (conhecida como ASL), e propõe que as unidades se enquadrem em três tipos: a configuração de mão, o ponto de articulação e o movimento.

A configuração de mão refere-se à forma, ao posicionamento dos dedos durante a produção do sinal. O ponto de articulação do sinal está relacionado ao lugar no corpo, que pode ser posicionado em um espaço neutro, à frente do corpo de quem executa o sinal. Finalmente, o movimento refere-se à maneira como a mão se move no espaço, ao expressar um sinal. O movimento pode ter direções distintas, podendo ser retilíneo, sinuoso, semicircular e circular. A mão pode tocar, bater ou ser posicionada em um ponto inicial a partir do qual deslizará para outro ponto do corpo.

Há evidências de que a Língua de Sinais da Austrália (AUSLAN) faz algum uso de reduplicação para distinguir sinais de substantivos e verbos relacionados. Os ingleses, por exemplo, tendem a ter um único movimento para o sinal *OPEN-DOOR*, enquanto o sinal *DOOR* pode ter uma forma reduplicada. O movimento de sinal de substantivos que se referem a objetos específicos, como *DOOR*, *BOOK*, *SELL* e *DRAWE*, é frequentemente duplicado. Os sinais para os movimentos relacionados, como *OPEN-DOOR*, *OPEN-BOOK*, *STORE* e *OPEN-DRAWE*, envolvem um parâmetro de movimento, assim como se vê na Figura 5:

Figura 5: Um par substantivo e verbo em AUSLAN

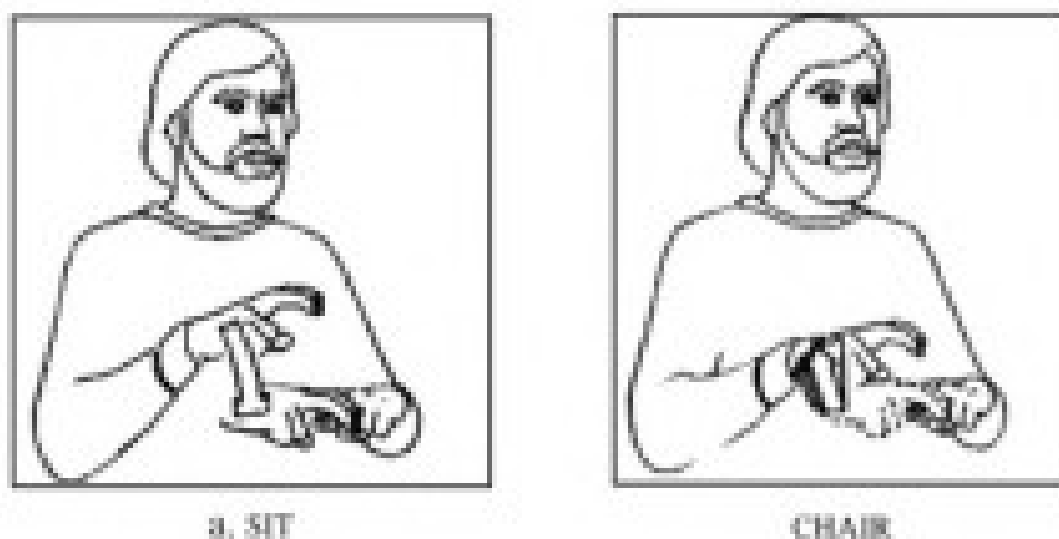


Fonte: Johnston & Schembri (2007).

Sandler e Lillo-Martin (2006), ao caracterizarem processos derivacionais em línguas de sinais, abordam um dos primeiros estudos de Supalla e Newport (1978) sobre a derivação de nomes a partir de verbos na ASL. Nesse estudo com pares de substantivos

e verbos, os autores observaram que a reduplicação (repetição com alguma mudança no movimento, um encurtamento, por exemplo, como em *SIT* > *CHAIR*) no parâmetro - movimento de sinais correspondentes a verbos – resultaria na derivação desses verbos em substantivos/nomes, formando assim um novo sinal de categoria lexical diferente. Os verbos analisados designam um evento, uma atividade, como sentar-se. Os substantivos derivados são concretos e semanticamente relacionados à atividade, assim como se percebe na Figura 6:

Figura 6: Derivação em Língua de Sinais como ASL



Fonte: Supalla & Newport (1978).

Na Figura 6, o sinalizante realiza o sinal do verbo *SIT* (sentar-se) com um movimento único, e do nome *CHAIR* (cadeira) com movimento reduplicado, ou seja, a reduplicação é a marca que diferencia o verbo e o nome.

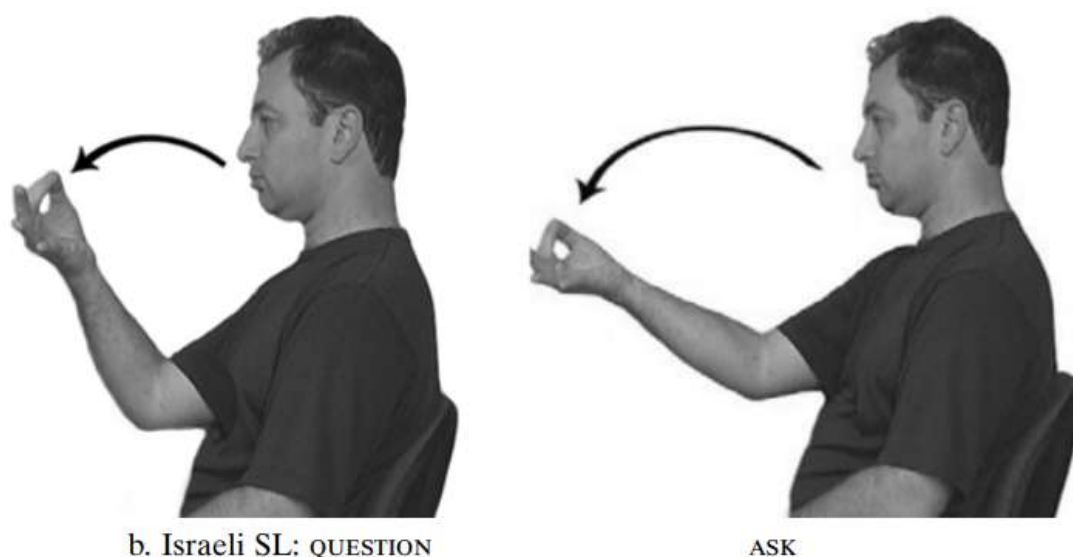
Inicialmente, com base na proposta de Supalla e Newport (1978), pensava-se que, em Libras, a derivação consistia na criação de nomes a partir de verbos com uma mudança de movimento. “O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos” (SUPALLA E NEWPORT, 1978, p. 103).

Portanto, entende-se que a abordagem gerativista, para a qual a formação de palavras novas por determinada regra é chamada de Regra de Formação de Palavra (RFP), pode ser muito produtiva ou improdutiva. Conclui-se, então, que o processo de reduplicação em Libras, apenas por ser uma RFP aparentemente pouco produtiva, envolve a reduplicação de um sinal verbal para a formação de um composto nominal Vi Vi

(SENTAR_i SENTAR_i), em que V representa uma base verbal (SENTAR-se), e o subscritoⁱ a identidade total entre as formas, ou melhor, o tema do verbo de ação/evento é repetido e o redobro cria o sinal nominal (CADEIRA). Tal composição, entretanto, não acarreta repetição semântica da base, porque a semântica nominal não deriva da soma composicional de Vi Vi.

Outros pares de N e V diferem sistematicamente nas propriedades do componente de movimento: o substantivo é reduplicado, mas o movimento do verbo é não relacionado. Além disso, na Língua de Sinais Israelense (ISL), os verbos geralmente têm um movimento mais longo, como, por exemplo, nos sinais “questão” ou “perguntar”, como se vê na Figura 7:

Figura 7: Pares nome-verbo ISL: Questão e Perguntar



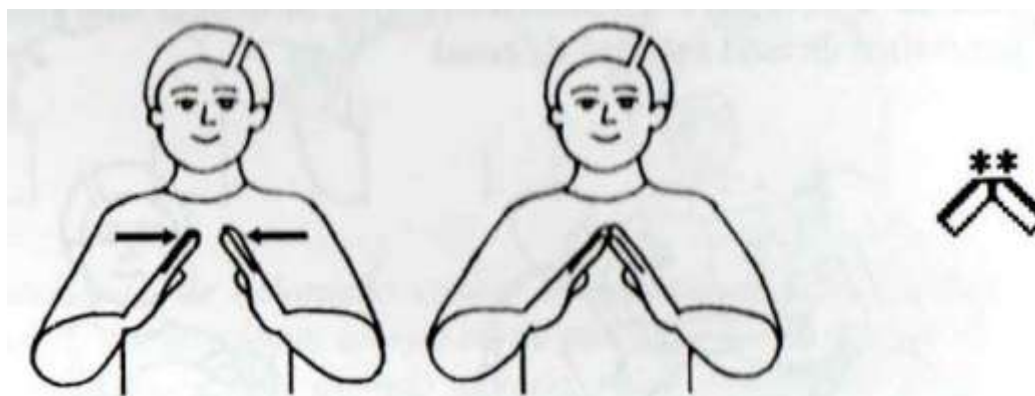
Fonte: Meir & Sandler (2008).

No contexto da Figura 7, foi analisado um sinal, segundo as convenções da Língua de Sinais Israelense, portanto, com a utilização de dois sinais, que se diferem entre si no movimento para se referirem às palavras “questão” e “perguntar”. Na palavra “questão”, a configuração de mão posiciona-se perto da boca, com um movimento curto a frente para mostrar o sinal. Já na palavra “perguntar”, usa-se a mesma configuração de mão anterior (à frente da boca), porém com um movimento diferente a partir desse ponto - um espaçamento maior para o deslize da mão -, o que nos leva a entender que esse é um termo verbo-nominal naquele país. Tal fenômeno é distinto no Brasil, onde se usa o mesmo sinal para se referir às palavras “questão” ou “perguntar”.

Os sinais mencionados anteriormente (Fig. 7) semanticamente utilizam diferentes padrões de movimento para criar um significado novo. Uma das modificações/operações morfológicas mais importantes é a reduplicação.

O processo de derivação entre nome e verbo, por meio da reduplicação, será detalhado na próxima subseção, na qual serão apresentados os recursos da sintaxe na Libras como características sequenciais dos componentes das frases observadas, evidenciando não apenas seu funcionamento nas estruturas frasais, mas também no vocabulário mais amplo da língua. Como exemplo, destaca-se o sinal CASA, apresentado em suas unidades mínimas e nos signemas⁵ que o compõem, conforme ilustrado na Figura 8:

Figura 8: Derivação de nome na Libras (CASA)



Fonte: Capovilla, Raphael, Mauricio (2001).

Na Figura 8, é demonstrado o uso do sinal “CASA”, que é considerado pelo dicionário Capovilla (CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO, 2001) como uma reduplicação nominal, justamente por ter o movimento de reduplicação. Entretanto, a geração de dados desta pesquisa, constituído das entrevistas dos sujeitos surdos, revelaram que os entrevistados, ao se expressarem em uma frase, como FICAR EM CASA, sinalizavam CASA sem essa reduplicação, realizando o movimento uma única vez. Esse dado leva a repensar a regra anterior (CAPOVILLA, RAPHAEL E MAURICIO, 2001) sobre a palavra “CASA” ser de fato nominal, ou ao menos sugere que o sinal pode não funcionar exatamente como prescreve o dicionário Capovilla.

⁵ Segundo Nóbrega (2019), o termo SIGMANULOGIA é um estudo de unidades mínimas viso motora espacial da Língua de Sinais. O proposto para a adequação de uma mudança de termos que conceitua tal terminologia, visando abranger o leque de possibilidades na descrição de uma língua.

Nesse sentido, Xavier e Neves (2016) afirmam que o movimento que faz com que as duas mãos se toquem pelas pontas no sinal CASA é modificado em VIZINH@⁶ e FAVELA. Em VIZINH@, as mãos são mantidas em contato pelas pontas dos dedos, mas são movidas para os lados repetidamente. Já em FAVELA, as mãos também são mantidas em contato pelas pontas dos dedos, mas são movidas para frente do corpo, girando simultaneamente pelos pulsos, como mostram as imagens na Figura 9:

Figura 9: Sinais derivados através da modificação do movimento



Fonte: Xavier & Neves (2016).

Na Figura 9, visualiza-se o sinal CASA, apresentado sem movimento. De acordo com Xavier e Neves (2016), essa reduplicação é inexistente, ou seja, essa regra não se aplica. A afirmação dos autores reforça os dados obtidos neste estudo, mencionados anteriormente, e comprova que essa reduplicação nem sempre é necessária, pois o sinalizante, por vezes, não usará o movimento para se referir à CASA. Isso pode ser observado na Figura 10:

⁶ Enquanto o símbolo @ é associado à neutralidade, a língua utiliza sinais distintos de homem/mulher para marcar gênero.

Figura 10: Derivação de verbo na Libras (MORAR)



Fonte: Elaborado pelo autor.

No exemplo da Figura 10, é possível observar a criação de um sinal a partir de outro já existente, ou seja, evidencia-se a derivação de sinais em Libras, como em MORAR – formado pela combinação de Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação ou Locação (L) e um Movimento (M) único - e CASA, cuja forma resulta da simples repetição/reduplicação do movimento, de maneira mais curta. Ao analisar esses dados na Libras, Pizzio (2011) investigou o processo de derivação e criação de nomes, também conhecido como normalização, propondo uma metodologia para descrever esse fenômeno.

A pesquisa de Pizzio (2011) evidenciou a ausência de regularidade nesse processo na Libras, demonstrando que a repetição de parâmetros não constitui um padrão na criação de nomes a partir de verbos e não pode ser associada a determinadas categorias de palavras. Para se certificar dos resultados, a autora ainda comparou seus dados com uma busca dos pares correspondentes em dicionários.

1.3. Núcleo verbo não finito de ordem objeto-verbo (OV)

A ordem OV apresenta uma inversão que pode ser empregada para enfatizar o objeto da ação, posicionando-o como prioridade na frase. Em Libras essa ordem é produtiva e está relacionada ao uso de posposições, ainda que a relação inversa também ocorra. Conforme afirma Bossaglia (2019, p. 105):

[...] na maioria das línguas com ordem OV (independentemente da posição de S) fazem-se presentes posposições e, também, na maioria de línguas que têm posposições, a ordem é de tipo OV – mas não em persa (indo-europeia; Irã), tapieté (tupi-guarani; Brasil), tuvaluano (austronésia; Polinésia) e em outras, nas quais a ordem é OV, mas há

preposições; ou em línguas como o guajajara, o estoniano (uralo-altaica; Estônia) ou o songai, onde há posposições, mas a ordem é VO (BOSSAGLIA, 2019, p. 105).

Dessa maneira, em Libras, a ordem básica dos constituintes segue o padrão SVO. No entanto, em determinadas situações, a ordem SOV na qual o objeto antecede o verbo – também pode ocorrer. Essa inversão, longe de ser inválida, serve para modificar o foco ou a ênfase da informação, destacando o elemento que se deseja reforçar.

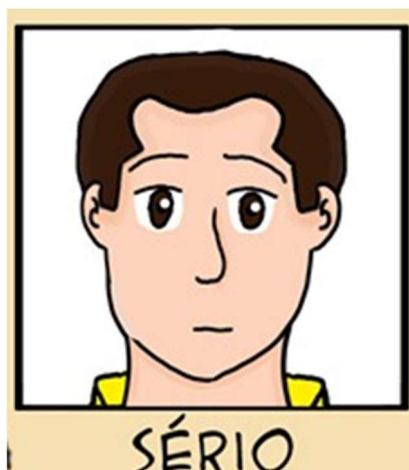
Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 146):

[...] a marca de tópico associada ao sinal topicalizado é seguida por outras marcas não manuais, de acordo com o tipo de construção. Ou seja, pode ser seguida por uma marca não manual de foco (se a sentença for focalizada), de negação (se for negativa), interrogativa (se for interrogativa) (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 146).

Na Libras, esse fenômeno acontece com maior regularidade, podendo ser considerado como uma das ordens básicas para a organização das sentenças. Além disso, é possível afirmar que a forma imperativa pode ser a ordem natural das frases, mas há uma posposição, já que a ordem inversa aparece com maior frequência do que a ordem SVO. A entonação desempenha papel fundamental na marcação da forma imperativa. Esse tipo de construção é determinado pela expressão facial que acompanha toda a frase ou apenas alguns sinais específicos. Por exemplo, na forma imperativa, a expressão facial assume um tom de comando: as sobrancelhas são levantadas, a cabeça é inclinada em um movimento para baixo, a boca aberta com os dentes unidos, e o lábio inferior pressionado para baixo.

Dessa maneira, Quadros e Karnopp (2004) evidenciam que o verbo é o núcleo da frase, permitindo a inversão entre o objeto e o verbo, resultando em uma estrutura de núcleo final. Ao analisar a ordem OV na Libras, pode-se afirmar que sua interpretação depende fortemente da expressão facial utilizada pelo sinalizante. Por exemplo, na frase “CASA FICAR”, o que vai determinar seu caráter imperativo não é a presença de um sinal específico, mas sim a expressão facial que acompanha a enunciação. Isso ocorre porque, na Libras, as expressões faciais são um argumento fundamental de sua estrutura gramatical. A figura a seguir ilustra como a expressão facial característica do modo imperativo se manifesta:

Figura 11: Expressão facial é afetiva

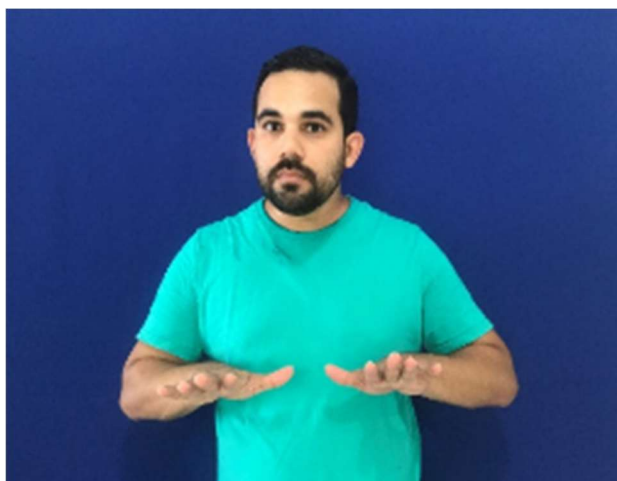


Fonte: Bertelli (2013).

Conforme demonstra a figura 11, um sinal pode mudar completamente seu significado em função da expressão facial. Quadros e Pimenta (2006) explicam que existem dois tipos de expressões faciais: as afetivas e as gramaticais. As expressões afetivas estão ligadas a sentimentos e emoções, enquanto as gramaticais estão relacionadas à entonação afirmativa, interrogativa, exclamativa, negativa ou imperativa da frase. Dessa forma, observa-se que a expressão corporal na comunicação em Libras é um fator importante e, muitas vezes, decisivo para a compreensão da mensagem.

As expressões faciais possuem uma função gramatical em Libras e desempenham um papel fundamental na comunicação. Além de expressarem emoções, elas atuam como elementos gramaticais que ajudam na definição do significado de palavras e frases. No nível morfológico, elas podem ser classificadas como morfemas gramaticais, marcando, por exemplo, o núcleo verbal. Já no nível sintático, elas contribuem para a construção de frases, como na forma imperativa. Assim, esta pesquisa concentra esforços na análise da expressão facial gramatical relacionada à ordem básica de OV, cujo núcleo é o verbo em Libras e busca-se, ainda, investigar a existência de padrões fixos nos marcadores não manuais, como é possível observar na figura a seguir:

Figura 12: Expressão facial gramatical



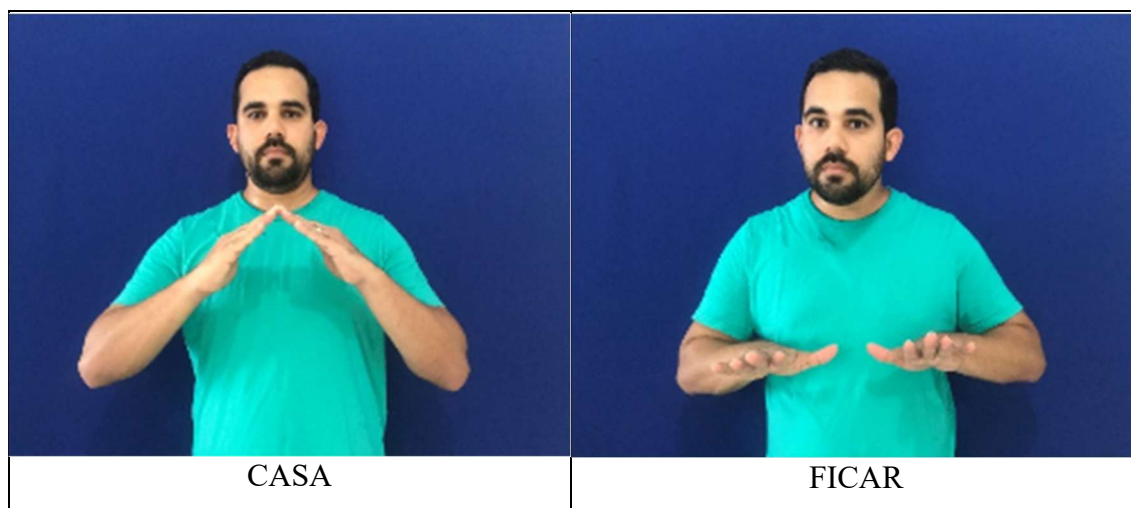
Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 12, o sinal FICAR emerge como o núcleo verbal da forma imperativa, cujo parâmetro sigmanulogia é definido pelas características específicas desse sinal. Ele é executado com ambas as mãos abertas, posicionadas em um espaço, com os dedos unidos. O movimento pode ser retilíneo, com as palmas das mãos voltadas para baixo. Além disso, a expressão facial desempenha um papel crucial, reforçando e complementando a informação visual que o sinal busca transmitir.

Nesse sentido, o sinal FICAR atua como um núcleo verbal extremamente relevante e assume um papel predominante na construção da forma imperativa, pois expressa a ideia de permanecer em um lugar, complementada por uma expressão facial gramatical adequada. À forma imperativa, nesse caso, é utilizada para marcar a ordem básica OV. Entre pessoas surdas, essa construção apareceu com frequência em vídeos do *YouTube* na época da pandemia de COVID-19 que incentivam a permanência das pessoas em casa, reforçando o sentimento de segurança e cuidado com a saúde.

No que se refere à reduplicação em Libras, os dados desta pesquisa sugerem que o sinal CASA apresenta relação entre o par nome-verbo. A Figura 13, a seguir, ilustra a variante utilizada para esse sinal. A ordem OV, por sua vez, corresponde a uma construção em que ocorre a elevação do objeto, resultando na inversão típica das frases em forma imperativa. Em Libras, essa inversão está associada a mecanismos não manuais, com a elevação da sobrancelha.

Figura 13: Ordenação de inversão em Libras



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se, na Figura 13, uma alteração na estrutura da sentença: a ordem OV incide apenas sobre o sinal FICAR, e não sobre toda a construção. Nesse caso, o NP [CASA] aparece na posição inicial da frase, funcionando como elemento nominal. Na análise sintática, identifica-se CASA como o objeto do verbo FICAR.

Para evidenciar a forma imperativa da frase, a figura seguinte apresenta a variante utilizada para o item CASA, cuja organização segue a ordem OV como resultado da elevação do objeto. Assim, o uso do tópico desloca o argumento que ocupa a posição sintática de objeto do verbo “ficar” para o início da sentença afirmativa, alterando a ordem direta VO para OV.

Nesse sentido, Petronio e Lillo-Martin (1996) analisam as construções como “construções duplas”, caracterizando-as como aquelas em que não há uma pausa significativa antes do elemento final duplicado. Nesses casos, a frase pode apresentar dois verbos, mesmo tratando-se de uma oração simples. O verbo FICAR, por exemplo, pode surgir sem concordância e aparecer em ordem inversa, seguindo a estrutura básica (V) OV.

As construções com foco são identificadas pela presença de constituintes duplicados dentro da mesma oração. Esse tipo de repetição ocorre quando um constituinte é destacado de maneira específica, diferenciando-se da ênfase normalmente atribuída aos tópicos.

(5) CASA <FICAR>_{mc}.

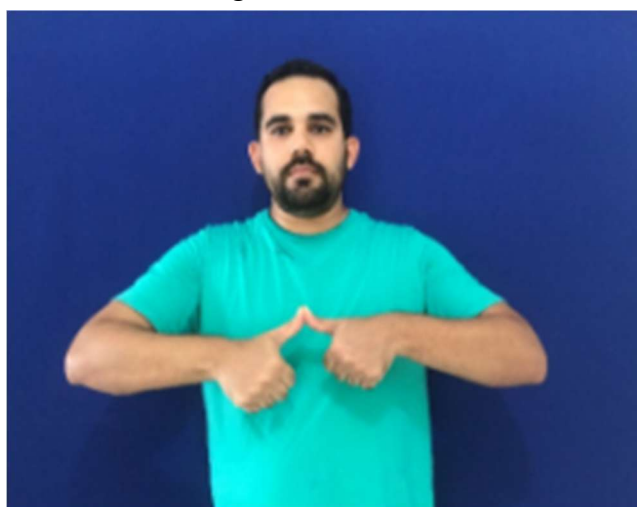
(6) *FICAR CASA <FICAR>_{mc}.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No exemplo (5), observa-se um caso de ordem OV na estrutura da sentença em Libras, em que o verbo aparece após o objeto. Porém, ao tentar aplicar a mesma lógica na sentença (6), surgem problemas relacionados à coexistência da forma sublinhada de FICAR, que funciona como construção dupla, atuando como verbo. Essa duplicidade compromete o sentido da frase, pois as duas instâncias do verbo não podem coexistir sem causar incoerência.

A construção dupla, nesse caso, está associada a mecanismos gramaticais específicos: os sinais de FICAR podem apresentar configurações de mão distintas, variando entre pessoas surdas. Entretanto, na sentença (6), o núcleo verbal posicionado após o objeto contribui para classificá-la como agramatical. Por essa razão, tal estrutura é considerada inadequada do ponto de vista linguístico e gramatical, conforme o processo de derivação em Libras, como mostra a Figura 14:

Figura 14: Sinal FICAR



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 14, observa-se que o verbo FICAR atua como elemento verbo inicial da estrutura frasal, na ordem verbo-objeto (V) OV. O Dicionário Capovilla (2001) apresenta esse verbo articulando seu significado no âmbito da Linguística Aplicada, tanto na Língua Portuguesa quanto na Libras. Contudo, o conceito "português sinalizado" emerge de uma interpretação equivocada acerca da interação entre a Língua Portuguesa (LP) e a Libras, ao ignorar as características intrínsecas e os parâmetros específicos que distinguem cada sistema linguístico. De acordo com Moraes (2013, p. 14-15):

É importante salientar que o sistema gramatical das línguas de sinais é independente do sistema gramatical das línguas orais dos países em que elas são utilizadas. Por exemplo, a Língua de Sinais Brasileira não é um conjunto de sinais que se sobrepõe à gramática do português usado pelos ouvintes; este é chamado de português sinalizado, cuja gramática nada tem a ver com a gramática da LSB [Libras]; esta, por sua vez, possui regras, palavras, ordem de constituintes etc., próprios, independentes da língua portuguesa (MORAES, 2013, p. 14-15).

Moraes (2013) evidencia que esse tipo de processo afeta diretamente a maneira como os próprios surdos realizam as traduções entre línguas, levando-os, muitas vezes, a adotar um método literal e descontextualizado. Faria (2006), por sua vez, pontua que esse fenômeno influencia a tradução da palavra, comprometendo a construção de sentidos mais amplos e adequados ao contexto linguístico-discursivo. De acordo com Faria (2006), a estrutura se apresenta da seguinte forma:

[...] pode ser explicado como resultado da prática de interpretação estanque e descontextualizada, a qual foram e têm sido submetidos os métodos da Comunicação Total que preconizam o português sinalizado como técnica importante para o acesso à língua-alvo para os surdos (FARIA, 2006, p. 262).

Para Quadros (1999), o foco dentro das construções linguísticas é estabelecido quando uma informação recebe maior relevo por meio da marcação da entonação. Isso significa que, do ponto de vista gramatical, essa informação associa-se a um traço de foco específico, o qual autoriza o apagamento de sua cópia na estrutura sintática subjacente.

(7) ~~FICAR~~ CASA <FICAR>_{mc}.

Fonte: Elaborado pelo Autor.

No exemplo (7), a estrutura sintática da construção com foco não segue a ordem tradicional, apresentando-se como (V) OV. O verbo que encerra a sequência funciona como uma repetição do verbo, já que a sua primeira ocorrência é apagada em razão da duplicação do mesmo elemento. Esse verbo final permanece associado a uma marca não manual afirmativa, padrão recorrente em grande parte das construções com foco.

Ao observar uma frase iniciada por objeto-verbo, não é possível classificá-la imediatamente como afirmativa, pois nesse tipo de inversão, o sujeito é sempre nulo. Essa configuração sugere uma leitura imperativa, aproximando-se de uma ordem. Ao comparar a frase CASA FICAR com enunciados de placas, como “É PROIBIDO FUMAR”, percebe-se que, em ambos os casos, o interlocutor compreende imediatamente a ordem

expressa. Da mesma forma, em Libras, quando o objeto é colocado antes do verbo, como em CASA FICAR, a frase adquire caráter forma imperativo.

CAPÍTULO II

VARIAÇÃO SINTÁTICA EM LIBRAS

A Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis em uma comunidade de fala, formalizando-os analiticamente por meio de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. A linguagem é o que distingue o ser humano das demais espécies animais: é por meio dela que se adquirem e compartilham conhecimentos, expressam-se opiniões e se interage socialmente.

Este capítulo tem como objetivo discutir a variação sintática, explorando os fatores extralinguísticos que a influenciam na Libras. Nele também são apresentados os pressupostos teóricos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, com base nos estudos de (LABOV, 2008 [1972]) e (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 2006 [1968]).

A Sociolinguística Variacionista é articulada, neste estudo, à realidade da Comunidade Surda usuária de Libras, com o propósito de ampliar as perspectivas sobre a relação entre língua e a sociedade. A análise da sintaxe da Libras, à luz da abordagem variacionista, evidencia que essa vertente teórica integra aspectos sintáticos ao considerar como a derivação de um sinal influencia sua função na frase e como essa função é condicionada pela estrutura oracional. Nesse sentido, a variação sintática em Libras manifesta-se, principalmente, na ordem dos sinais que compõem as frases e expressões, refletindo a influência de fatores sociais sobre as escolhas estruturais da língua.

2.1 Variação sintática em Libras: aspectos teóricos

A Teoria da Variação e Mudança Linguística tem origem na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 89), que rompe com os modelos anteriores ao conceber a língua como um sistema heterogêneo e ordenado, sujeito à variação e à mudança. Contudo, é importante salientar que “[...] nem toda variação e heterogeneidade envolve mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”. Considerando essa heterogeneidade, os autores afirmam que a escolha linguística do falante não se relaciona apenas a fatores estruturais, mas também a fatores sociais – de modo que o sistema tende a se transformar com as mudanças da sociedade. Ao reconhecer

a heterogeneidade da língua, portanto, não se deve desconsiderar a existência de regras, uma vez o uso da língua é regido por regras variáveis.

A Sociolinguística, área da Linguística que estuda as relações entre língua e sociedade, investiga o impacto dos fatores sociais, culturais, políticos e históricos no uso da língua, bem como a influência recíproca entre eles. Dentre seus principais domínios de investigação estão: a variação linguística entre diferentes grupos sociais, a mudança da língua ao longo do tempo, as atitudes linguísticas (percepções sociais sobre diferentes formas de falar) e as políticas linguísticas (decisões políticas que afetam o uso e o *status* das línguas em uma sociedade).

Em 1964, William Bright tomou a iniciativa de definir e delimitar o campo de atuação dessa nova ciência, ao organizar a *Sociolinguistics Conference*, na Universidade da Califórnia em Los Angeles. O evento reuniu diversos estudiosos, entre eles William Labov, que apresentaram e discutiram suas pesquisas. Um dos temas abordados na conferência foi “a hipercorreção como fator de variação”. Na introdução dos anais do congresso, intitulado *As dimensões da sociolinguística*, Bright (1974 [1966]) oferece uma visão geral concisa dessa área de estudo, destacando a diversidade das variações e diferenças sociais, e enfatizando que tais fenômenos não constituem simples recorrências, mas expressões complexas das dinâmicas linguísticas e sociais.

No início da década de 1960, William Labov, desenvolveu dois estudos fundamentais: uma ampla investigação sobre o inglês falado na Ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts (1963), e uma pesquisa de natureza semelhante sobre o dialeto do inglês da cidade de Nova York (1966). Esses trabalhos, posteriormente analisados e reconhecidos, tornaram-se marcos para a consolidação do modelo variacionista, e constituem alicerces empíricos para o desenvolvimento de uma teoria da mudança linguística.

A despeito da irregularidade observada no uso da língua, existe um conceito de homogeneidade advindo de certa concepção linguística, que consiste em compreender a língua como um sistema fechado de regras e possibilidades, como um objeto homogêneo, estruturalmente consistente e previsível, a partir de suas próprias possibilidades internas de arranjo. Além disso, trata-se de um fato verificável em qualquer língua natural, ao notarmos que a variação linguística é controlada e fortemente condicionada por fatores inerentes à língua e por outros a ela externos: os fatores sociais. Dessa forma, qualquer fenômeno de variação linguística pode ser explicado por um conjunto de fatores

interrelacionados que pode indicar o modo como as possibilidades de usos para um mesmo sentido se distribuem na língua.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é nessa combinação de fatores que se identifica o que existe de sistemático na heterogeneidade linguística. A visão de homogeneidade linguística estruturalista é posta em xeque pela proposta da heterogeneidade sistematizada da Sociolinguística. Do mesmo modo, a Libras apresenta variação sintática em sua utilização. Essas variações estão diretamente ligadas às condições sociais, culturais, regionais e históricas em que o falante está inserido.

A variação linguística adotada neste estudo baseia-se na proposta do linguista americano William Labov (1972), reconhecido por suas pesquisas centradas na fala e no uso da língua em contextos sociais. Labov é um dos autores mais influentes nos estudos sobre variações linguísticas observadas em diferentes grupos sociais, motivo pelo qual foi escolhido como referência nesta análise sobre a variação sintática na Libras.

No que se refere ao estudo da sintaxe em Libras, nesta pesquisa, são focalizados eventos linguísticos da cidade de Serra Talhada, no Sertão Pernambucano, por se destacar na promoção da inclusão, e por ser um local no qual as pessoas surdas demonstram grande empenho na aquisição da Libras, participando ativamente de eventos como simpósios, conferências e festivais. A interação com esses eventos oferece a oportunidade de aprofundamento em aspectos linguísticos da Libras, como sua estrutura sintática, cuja ordem básica é Objeto-Verbo. Além disso, a cidade se destaca também por possuir uma associação que atua de forma decisiva, oferecendo suporte e informações atualizadas e essenciais para o desenvolvimento da fluência e para o fortalecimento da comunicação e da inclusão.

Vale destacar, porém, uma distinção relevante para o entendimento da variação: as pessoas ouvintes tendem a diferenciar os sinais de MORAR e CASA com base nas regras da língua portuguesa. Um exemplo disso é a seguinte configuração de mão: duas mãos fechadas posicionadas para cima, com as palmas voltadas uma para a outra e somente as pontas dos dedos juntas, de modo estático — o que resulta no verbo MORAR; enquanto esse mesmo sinal, ao tocar as pontas dos dedos por mais de uma vez, resulta no substantivo CASA. Porém, essa distinção não costuma ser adotada por pessoas surdas na comunicação cotidiana, que tendem a utilizar o mesmo sinal para ambos os conceitos, confiando no contexto para a compreensão.

A participação de pessoas ouvintes sinalizantes em comunidades surdas, como em associações, é um fator determinante para a aquisição da fluência em Libras. Essa imersão

leva o ouvinte a adotar padrões de comunicação mais alinhados aos dos falantes surdos nativos, diferenciando-os daqueles que usam a Libras apenas no ambiente de trabalho e com pouca interação social.

Essa imersão na comunidade surda permite que o ouvinte desenvolva a habilidade de manipular a ordem dos sinais na frase, desvinculando-se das normas da Língua Portuguesa. Eles passam a sinalizar diretamente em Libras, refletindo a estrutura própria da língua. A variação de sinais, uma característica inerente à cultura surda, também é incorporada por esses falantes, demonstrando que a fluência não se limita à memorização de sinais, mas à adoção das dinâmicas linguísticas e culturais da comunidade.

Para ilustrar esse fenômeno, este trabalho analisa um vídeo do *YouTube*⁷, que revelou um aspecto fundamental do uso de sinais por pessoas surdas, especialmente na forma como o significado é atribuído. O sinal para CASA/MORAR exemplifica essa questão. Enquanto ouvintes tendem a se basear nas regras do português, utilizando o sinal com um movimento de deslocamento para 'morar', e um movimento de repetição para CASA, os falantes surdos utilizam o mesmo sinal com o movimento de repetição, tanto para o substantivo CASA, quanto para o verbo 'morar'. Essa observação evidencia que o significado do sinal é determinado pelo contexto comunicativo. Para os surdos, cuja aquisição da língua ocorre de forma natural, a distinção rígida entre 'verbo' e 'substantivo' não é tão relevante quanto para os ouvintes.

Nessa perspectiva, a análise sintática revelou variações na estrutura da frase relacionadas ao sexo dos falantes. Na pesquisa preliminar, foram analisados alguns vídeos do *YouTube* sobre a sociedade surda. Observou-se que a maioria dos homens surdos e sinalizantes inovadores tendem a preferir a ordem OV, enquanto as mulheres demonstram ser mais conservadoras, com preferência pela ordem VO.

Essa observação sugere que a estrutura sintática da Libras, utilizada por mulheres e homens surdos sinalizantes, especialmente na comunidade surda de Pernambuco, apresenta variação diastrática na ordem básica, alternando-se entre VO e OV. Para aprofundar essa análise, este estudo tomou como foco a investigação dessa variação na comunidade surda da cidade de Serra Talhada. Essa variação na ordem preferencial, que se manifesta em ambos os grupos de falantes, é um ponto relevante para os estudos sintáticos da Libras e para a discussão sobre as diferentes formas de aquisição e uso da

⁷ *You Tube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3bFEgGZepFo>. Acesso em: 11 set. 2025.

língua. Tais achados sugerem que, mesmo em uma língua visual-espacial, fatores sociais e culturais podem influenciar a estrutura preferencial das frases.

Frequentemente, pessoas que não conhecem a Língua Brasileira de Sinais entendem erroneamente que se trata de uma língua única e invariável. No entanto, a Libras apresenta inúmeras variações, dependendo da região em que é utilizada. Como qualquer outra língua, ela está sujeita a alterações e adaptações, possuindo uma estrutura complexa que inclui léxico, semântica, pragmática, sintaxe, entre outros componentes.

Portanto, é possível inferir que a variação linguística é natural em todas as línguas, constituindo uma característica fundamental para a formação da sintaxe. Essa variação permite alterações na estrutura linguística condicionada por diversos fatores, uma vez que a língua é essencialmente social.

2.2 Delimitação geográfica

A presente análise explora a variação sintática na Libras, com foco na identificação de ordens básicas do tipo não-padrão e sua relação com a área de variação sintática específica. Para Terra (2018), fatores como variação geográfica, sociocultural, individual e canal influenciam a variação sintática. Com base nessa e em outras abordagens, a serem apresentadas, o autor explica algumas dessas variações na Libras. Cabe ressaltar que, na comunidade de Serra Talhada-PE, o número de surdos é bastante reduzido, o que limitou abrangência da análise.

A variação geográfica ou regional está relacionada a diferentes localidades. É comum identificar a origem do sinalizador, por meio das particularidades do sinal utilizado no âmbito regional. Isso ocorre devido à influência do contexto local, haja vista que pessoas surdas tendem a desenvolver seu vocabulário de acordo com o ambiente em que estão inseridas, conforme observa Terra (2018, p. 9):

O português falado no sul do país, por exemplo, difere do falado no Norte. Ainda dentro de uma mesma região, encontram-se variações do uso da língua. Num mesmo estado, por exemplo, há diferenças entre a língua utilizada por uma pessoa que vive na capital e a empregada pelo habitante da zona rural. Numa mesma cidade, as pessoas que moram nos bairros mais periféricos têm uma linguagem diferente das pessoas que habitam os bairros mais centrais (TERRA, 2018, p. 9).

O estado de Pernambuco está situado na região Nordeste do país, tendo Recife como sua capital, conforme visualiza na Figura 15:

Figura 15: Mapa do local de Pernambuco



Fonte: André Luís (2020)⁸.

O fenômeno da variação linguística pode ser percebido em Pernambuco nos sotaques de pessoas surdas provenientes de determinadas regiões —, tanto na área metropolitana do Grande Recife quanto no interior do estado —, o que torna a região uma importante referência para o desenvolvimento de pesquisas dedicadas ao estudo da variação sintática na Libras.

Vale destacar que, durante a pandemia do Covid-19, mulheres e homens surdos pernambucanos, ao utilizarem vídeos do *YouTube* (como a campanha *Fica em casa*)⁹ e redes sociais para divulgar informações sobre esse flagelo, empregaram variações sintáticas em Libras, alteraram a ordem básica dos constituintes, especificamente OV e VO. Esses padrões de organização sintática são característicos de pessoas surdas sinalizantes e refletem tanto a construção da frase quanto a estrutura gramatical da Libras.

⁸ Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/pernambuco>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Blog Joãozinho Teles. Disponível em: <https://www.joaozinhoteles.com.br/saude/sertao-do-pajeu-confirma-mais-36-casos-da-covid-19-e-vai-a-502/>. Acesso em: 14 mai. 2025.

⁹ *You Tube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3bFEgGZepFo>. Acesso em: 11 set. 2025.

As distribuições geográficas dessas variações podem ser observadas nas Figuras 16, 17 e 18, a seguir, que ilustram as ocorrências e os comportamentos observados.

Na Figura 16, é possível visualizar tais ocorrências nos pontos vermelhos do mapa:

Figura 16: Ordem básica VO da região de interior de Pernambuco



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na figura 16, a ordem VO é amplamente empregada em algumas regiões do interior de Pernambuco entre surdos influenciados pela estrutura do português sinalizado. Entretanto, é importante destacar que esse padrão não foi registrado em Serra Talhada, sugerindo diferenças regionais relevantes.

Os destaques dos pontos vermelhos no mapa da Figura 17, a seguir, mostram a ordem básica de inversão OV:

Figura 17: Ordem básica de inversão OV da região da Grande Recife



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 17, a ordem OV configura-se como predominante em sentenças imperativas, posicionando o verbo ao final da sentença. Geograficamente, tal tendência é marcante nas zonas da Mata e do Litoral pernambucano. Em Serra Talhada, nota-se uma prevalência significativa dessa ordem especificamente no idioleto da comunidade surda sinalizante.

Observe os pontos vermelhos, marcados no mapa, a seguir:

Figura 18: Ordem básica (V) OV



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 18 ilustra a ordem (V)OV caracteriza-se como sentença de foco contrastante, na qual ocorre o apagamento do verbo inicial. Essa estrutura deriva da construção de 'cópia verbal' (V-O-V), em que a primeira ocorrência do verbo é omitida, mantendo-se apenas a posição final para conferir ênfase à ação — uso diferenciado e estilisticamente relevante da Libras.

Nas figuras 16, 17 e 18, observa-se a representação da ordem básica das frases entre VO e OV. A ordem VO é predominante entre sinalizantes surdas na maioria dos municípios do interior de Pernambuco, enquanto a ordem OV é mais comum na região metropolitana do Recife. Serra Talhada destaca-se nessa análise, e seu contexto específico explorado com maior profundidade nas seções seguintes.

Para ilustrar a variação social da Libras por meio de processos sintáticos, utiliza-se o vídeo do *You Tube* campanha *Fica em casa*, mostrando as ordens OV e VO em quatro cidades de Pernambuco: Gravatá, Petrolina, Paulista e Carpina. Os exemplos a seguir

demonstram como as sentenças são construídas de forma variada em cada localidade, evidenciando a presença de diferentes padrões sintáticos:

- (8) FICAR CASA. (em Gravatá)
- (9) FICAR CASA. (em Petrolina)
- (10) CASA FICAR. (em Paulista)
- (11) ~~FICAR~~ CASA FICAR. (em Carpina)

Em Gravatá (8), alguns indivíduos surdos usam o sinal FICAR em uma forma diacrônica, associada a sinais encontrados em dicionários antigos. A influência de ouvintes sinalizantes também parece afetar a estrutura frasal, gerando, muitas vezes formulações desprovidas dos elementos afetivos e emocionais próprios da Libras. Em Petrolina (9), a preferência é predominantemente pela ordem VO alinhada à estrutura do português sinalizado. No entanto, a forma do sinal FICAR mantém-se estável, sem indicar mudanças inovadoras no contexto local. No município de Paulista (10), indivíduos surdos apresentam uma forte inclinação para a ordem OV em construções imperativas, o que reflete características naturais da língua e busca um maior sentido de atenção emocional nos discursos coletivos. Por fim, em Carpina (11), o apagamento do verbo inicial na ordem (V)OV foi proeminente, com uso da configuração de mão [1] de duas mãos com o verbo inicial; nessa localidade, o apagamento do verbo inicial está associado a formas mais conservadoras, enquanto a inovação se manifesta no verbo final, criando um foco contrastivo mais evidente.

Os dados analisados sugerem que o fenômeno da variação sintática em Libras transcende as ordens básicas VO e OV já conhecidas, revelando construções não-padrão com distribuição geográfica específica em determinadas regiões de Pernambuco. Pode-se inferir, com isso, a existência de novas áreas sintáticas no estado, ampliando as possibilidades investigativas sobre variação e complexidade estrutural na Libras.

Essas variações podem ser investigadas e detalhadas levando em consideração os fatores extralinguísticos que impactam diretamente as produções linguísticas nas comunidades falantes. Para o aprofundamento desse entendimento, Labov (2008) fundamenta sua análise em três critérios essenciais:

[...] Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural:

quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade (LABOV, 2008, p. 26).

Com base nas entrevistas realizadas com membros da comunidade surda de Serra Talhada, observa-se que sinalizantes surdos apresentam tendência predominante pelo uso das ordens básicas VO e OV. Esse fenômeno parece estar relacionado às normas da Língua Portuguesa, uma vez a estrutura sinalizada do português reflete esses padrões. As mulheres surdas, consideradas mais conservadoras, mantêm a regra padrão alinhada à glosa da Língua Portuguesa. Já os homens surdos, com perfil mais inovador, tendem a adotar uma construção inversa em relação à ordem OV, resultando em frase imperativa, com o verbo ao final.

A figura 19 apresenta a localização da comunidade surda do Sertão do Alto Pajeú, no estado de Pernambuco, onde se situa a comunidade surda de Serra Talhada.

Figura 19: Mapa do local do Alto Pajeú e localização da Comunidade Surda de Serra Talhada



Fonte: André Luís (2020).

No Brasil, os estados brasileiros são unidades políticas e administrativas que dividem o território nacional. O país possui 26 estados e 1 Distrito Federal, totalizando

27 unidades federativas. A região Nordeste, formada por nove estados, é a que contém o maior número de unidades federativas e abriga grande parte do clima semiárido do país.

Pernambuco está situado no centro-leste dessa região, banhado a leste pelo Oceano Atlântico, e faz divisa com cinco estados: Paraíba (Norte), Ceará (Noroeste), Alagoas (Sudeste), Bahia (Sul) e Piauí (Oeste). A microrregião do Pajeú está localizada no centro-norte do estado, próxima ao limite com a Paraíba, inserida na mesorregião do Sertão de Pernambucano, com 17 municípios: Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Igaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz de Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama.

A Figura 20 apresenta a cidade de Serra Talhada, no estado de Pernambuco:

Figura 20: Cidade de Serra Talhada



Fonte: Junior (2019)¹⁰.

O município de Serra Talhada está localizado na mesorregião do Sertão Pernambucano, microrregião do Pajeú. Seguindo o Censo de 2022 do IBGE, sua área territorial é de 2.980,007 km², e sua população estimada é de 92.228 habitantes. Esse município fica a 412,6 km de distância de Recife, capital do estado.

Geograficamente, Serra Talhada faz fronteira com o estado da Paraíba (Norte), e com os seguintes municípios de Pernambuco: Santa Cruz de Baixa Verde (Nordeste), Calumbi (Leste), Betânia (Sudeste), Floresta (Sul), Carnaubeira da Penha (Sudoeste), Mirandiba (Oeste), São José de Belmonte (Noroeste).

¹⁰ Wikipédia. Disponível em:

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brasil_Pernambuco_Serra_Talhada_location_map.svg. Acesso em: 19 dez. 2023.

De acordo com o censo de 2010 do IBGE, Serra Talhada contava com cerca de 4.991 pessoas surdas (em qualquer grau de surdez), das quais mais de 3.468 afirmavam não escutar (perda auditiva de grau profundo), e 1.247 apresentavam grande dificuldade auditiva (perda auditiva de grau¹¹ severo). Em 2023, a cidade contabilizava 5 mil pessoas com deficiência auditiva, o que não significa dizer que todas sejam usuários da língua de sinais. Esse número pode ser dividido em três partes: o primeiro, composto por surdos que utilizam a Libras como primeira língua; o segundo, por pessoas com deficiência auditiva que não utilizam a língua de sinais, fazem uso de aparelhos auditivos; e o terceiro, por pessoas que nasceram ouvintes e perderam progressivamente a audição, em decorrência de doença ou acidente, dominando amplamente a língua oral.

A análise realizada com base nos vídeos do *You Tube* (campanha *Fica em casa*) e na observação das variantes em Libras comprova que a estrutura sintática da língua apresenta ordens VO e OV distintas, relacionadas a fator linguístico: os conservadores e os inovadores. A investigação concentra-se na comunidade surda de Serra Talhada, onde os sinalizantes se comunicam de forma natural, seguindo as normas gramaticais próprias da Libras. Nesse contexto, os fatores extralinguísticos — sexo, faixa etária e nível de escolaridade — desempenham um papel relevante e são fundamentais para entender a variação diastrática.

2.3 Efeitos das variáveis sociais no tratamento da variação e mudança

A teoria sociolinguística variacionista enfatiza a importância de variáveis sociais, tais como sexo, faixa etária e nível de escolaridade do sujeito surdo, como fatores determinantes nos usos da língua em determinadas comunidades. A influência desses fatores nos usos da língua em dada comunidade desempenha papel crucial na compreensão da variação linguística na sociedade. O condicionamento estrutural parece ter maior influência no nível sintático. Ao analisar essas variáveis sociais, pode-se contribuir com a variação e mudança em curso e seu diagnóstico.

¹¹ O grau de surdez pode variar de leve a profundo. A surdez leve pode, entretanto, ir se agravando com o tempo e virar surdez profunda. São limiares de cálculo os resultados em decibéis: “normal: até 25 dB, leve: de 26 a 40 dB, moderada: de 41 a 55 dB, moderadamente severa: de 56 a 70 dB, severa: de 71 a 90 dB, profunda: maior que 91 dB”. (Lloyd; Kaplan, 1978, p. 16 - 17)

É importante destacar que a variação linguística nas línguas de sinais também se materializa por fatores linguísticos, em geral, relacionados à sua estrutura sintática e fatores sociais ligados aos seus usuários.

2.3.1 A variável sexo

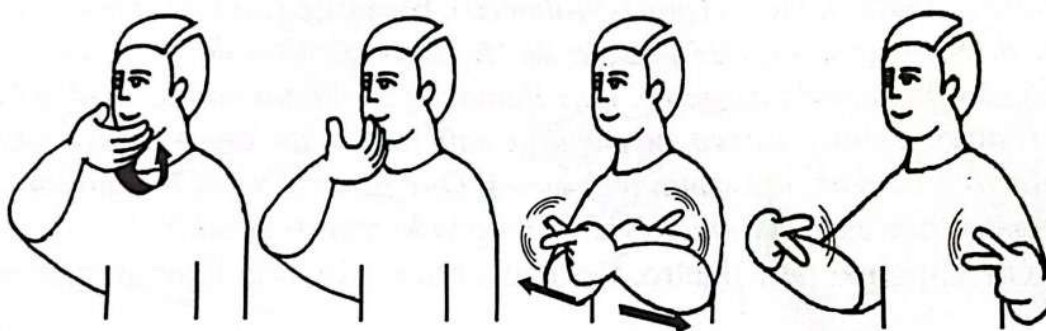
Os estudos da Sociolinguística Variacionista enfatizam a relevância da variável sexo na ordem básica OV e VO. As pesquisas que correlacionam linguagem e sexo começaram com os trabalhos de Labov, nos anos 1960. Apesar das variabilidades entre os sexos e da presença de circunstâncias variáveis, estudos demonstraram diferenças significativas no comportamento entre homens e mulheres. Dessa forma, o sexo é tratado de maneira semelhante à escolaridade, faixa etária ou classe social, sendo relevante apenas enquanto pode ser mensurado estatisticamente. Isso fica claro quando se descobre contrastes sensíveis no comportamento linguístico de homens e mulheres em zonas urbanas e rurais do Brasil.

De um modo geral, os estudos de Labov (1968) sobre centros urbanos sugerem que as mulheres são inovadoras, ou seja, buscam rumos para o prestígio social. Por outro lado, quando se observa o estudo em área urbana, como, por exemplo, na comunidade surda de Serra Talhada, descobre-se que os homens têm se mostrado mais inovadores, liderando os processos de mudança em direção ao padrão urbano culto. As mulheres, por sua vez, tendem a ser mais conservadoras e a utilizar mais as variantes locais. Esse comportamento pôde ser observado durante a pandemia do SARS-CoV-2 (nomeada Covid-19), em Serra Talhada, quando algumas mulheres utilizaram o *You Tube* e as redes sociais para divulgar a pandemia — como os vídeos da Associação de Surdos de Serra Talhada – ASST da campanha *Fica em casa*¹² —, evidenciando um comportamento linguístico específico desse grupo.

Na Libras, alguns exemplos clássicos de variação do sexo consistem nos sinais correspondentes a “FRUTAS”. No Rio de Janeiro e em vários locais do Brasil, o sinal de “FRUTA” é o mesmo de maçã, acrescido da palavra vários [MAÇÃ+VÁRIOS], conforme ilustrado na figura a seguir:

¹² *You Tube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TJ2KKzKVz-w>. Acesso em: 14 mai. 2025.

Figura 21: Sinal de FRUTA no Rio de Janeiro



Fonte: Capovilla, Raphael, Mauricio (2001).

Em Pernambuco, entretanto, “FRUTA” é sinalizada de uma forma específica. Ela é apresentada na configuração de mão letra [F] do alfabeto manual, com localização na bochecha do usuário, que é pressionada pelo dedo indicador. O sinal de configuração de mão [F] de “FRUTA” é tipicamente conservador entre mulheres surdas. Os homens surdos têm um sinal único e inventivo para “FRUTAS”, devido ao fato de terem aprendido o sinal no Rio de Janeiro.

Bortoni-Ricardo (2006) observa divergências relacionadas aos papéis sociais, que se manifestam com maior frequência em determinados domínios do que em outros, sendo essa variação algo intrínseco à própria comunidade linguística. Nesse sentido, as mulheres sinalizantes tendem a preferir a ordem VO, aproximando-se mais da norma de prestígio em comparação aos homens. O uso dessas variantes pelas mulheres evidencia o valor atribuído às formas de maior prestígio social.

2.3.2 A variável faixa etária

A variável faixa etária é um intervalo de idade que agrupa pessoas com características ou necessidades parecidas, e é utilizada para normas, sugestões ou limitações. Essa variável consiste na classificação da população por grupos geracionais e, por esse motivo, foi um fator relevante nesta pesquisa. Para facilitar a análise da aprendizagem da Libras, a população estudada foi segmentada em três grupos etários: jovens, adultos e idosos. A amostra foi coletada de forma a garantir uma distribuição proporcional, assegurando que as diferentes gerações estivessem representadas de maneira equitativa. Dessa forma, tornou-se possível investigar se o domínio da língua de

sinais varia conforme a idade e se essa variação se reflete no comportamento linguístico de cada grupo, conforme apresentado na tabela a seguir:

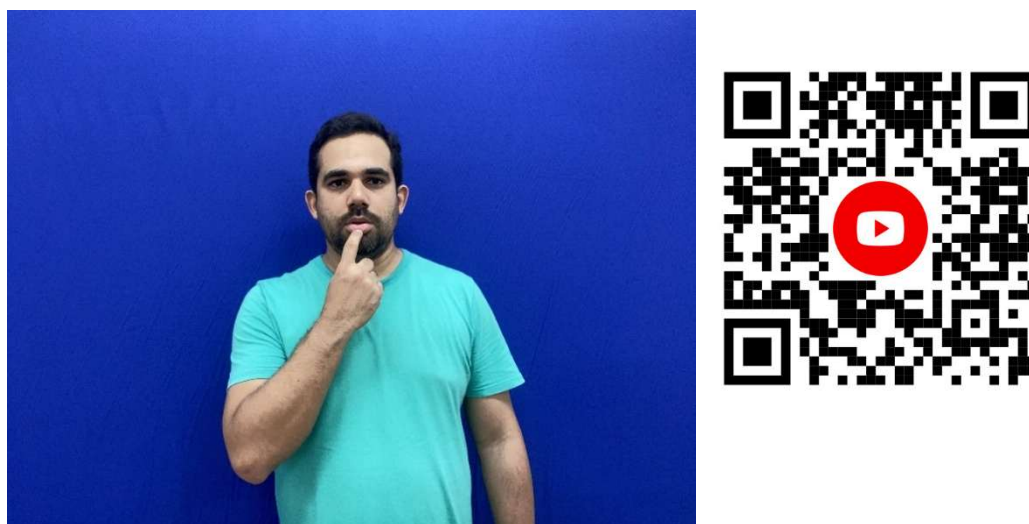
Tabela 1: Faixa Etária

Grupos	Idade
Jovens	Indivíduos com idade entre 15 e 29 anos
Adultos	Indivíduos com idade entre 30 e 49 anos
Idosos	Indivíduos de 50 anos em diante

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 1 apresenta divisão em três grupos etários. A pesquisa demonstra que a idade interfere no aprendizado da Libras: jovens, adultos e idosos apresentam diferentes níveis de aquisição. Constatou-se que a população jovem e adulta surdos tende a empregar sinais de prestígio — aqueles que indicam mudança ao longo do tempo, do sinal antigo para o novo —, ao passo que os adultos e idosos não demonstraram utilizar esse tipo de inovação. Um exemplo ilustrativo é o sinal do *Sport Club Internacional*:

Figura 22: *Sport Club Internacional* – Sinal antigo¹³



Fonte: Elaborado pelo autor.

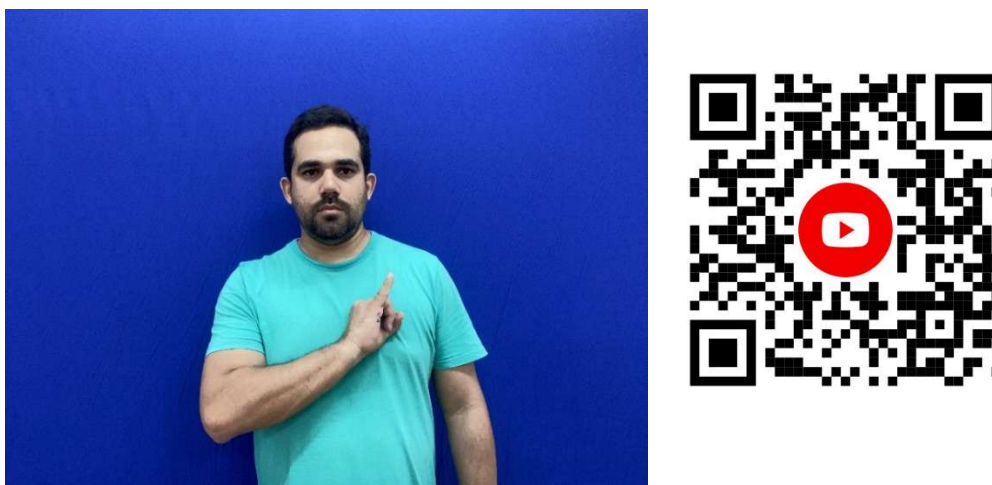
¹³ You Tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=02iP9IWt64M> > Acesso em: 17 fev. 2026

A Figura 22 exemplifica o vínculo de adultos e idosos surdos do Rio Grande do Sul com história do seu clube e com cor vermelha do *Sport Club Internacional* (colorado).

A variação linguística se manifesta de forma distinta entre as gerações: palavra "Internacional" é frequentemente expressa pelos jovens surdos gaúchos com a configuração de mão [i] posicionada sobre o peito, na região do coração — inovação linguística não adotada pelas gerações mais velhas.

Os jovens surdos incorporam essa variação com maior ênfase e de forma diferenciada em relação ao grupo de idosos — algo comprovado por meio de interações realizadas com esses grupos durante visita ao Rio Grande do Sul. Conclui-se, portanto, que a variação lexical difere entre as faixas etárias: enquanto os jovens empregam um determinado sinal (Figura 23), os idosos utilizam outro, distinto (Figura 22). A figura a seguir reforça essa variação, apresentando o sinal novo criado pelo grupo de jovens:

Figura 23: *Sport Club Internacional* – Sinal novo¹⁴



Fonte: Elaborado pelo autor.

A Figura 23 demonstra que os jovens e adultos surdos tendem a adotar o novo sinal com maior frequência, em contraste com o sinal antigo, preferido pelos idosos. Esse sinal mais recente já se tornou amplamente difundido e reconhecido pela comunidade surda brasileira.

2.3.3 A variável escolaridade

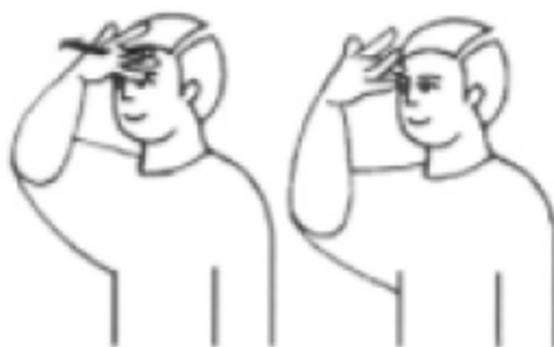
¹⁴ You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RX93m3YHiOA> > Acesso em: 17 fev. 2026

A variação sociolinguística é um tema de fundamental importância. Para comprovar a variação sintática existente na sinalização da categoria lexical em Libras, faz-se necessário dar continuidade à pesquisa, coletando dados através da entrevista com novos surdos na cidade de Serra Talhada, localizada na região do Sertão do Alto Pajeú, no estado de Pernambuco, e, assim, contribuir para os avanços das pesquisas na área da Sociolinguística.

Variações existentes da língua humana — seja ela oral ou de sinais — são amplamente sistemáticas. Fatores linguísticos relacionados à variação incluem características da variável em análise, o ambiente linguístico em que ocorre, sua função e construções que produz. Embora muitos fatores sociais condicionem as mudanças — tanto da língua oral quanto na de sinais —, variáveis, como região, idade, sexo, classe socioeconômica, etnia, também exercem influência sobre suas mudanças.

No que diz respeito à variação lexical, a variante que utiliza a configuração de mão aberta é considerada padrão, ao passo que a realização com o dedo médio é empregada especificamente pela comunidade surda de Serra Talhada. A variante padrão é, simultaneamente, conservadora e detentora de prestígio sociolinguístico na comunidade surda, refletindo, portanto, de forma mais fiel o vernáculo dessa comunidade. A Figura 24 ilustra uma palavra que possui sinal:

Figura 24: Sinal de PESSOAS



Fonte: Capovilla, Raphael, Mauricio (2001).

Para essa variável, indicada como [P], a configuração de mão por letra ocorre na posição de determinante, seguida da posição de sinal modificador. A sinalização empregada corresponde, na maior parte das ocorrências, à variante não-padrão e

estigmatizada, caracterizada como inovadora em relação às demais variantes. A mudança linguística, por sua vez, pressupõe a existência de um estado prévio de variação, cuja resolução tende ao desaparecimento de uma das variantes.

Em Libras, não há um sinal específico que represente a ideia de PESSOAS conforme essa descrição — configuração em [P], com o dedo médio encostado na testa do lado oposto à mão e deslizando até o outro lado. Essa forma não é reconhecida pela comunidade, pois resulta da influência da letra do alfabeto manual da língua portuguesa.

A mudança linguística, ao longo do tempo, provoca alterações nos sinais em razão dos usos e costumes das gerações que os empregam. Prova disso é que muitos surdos não escolarizados afirmam não compreender os surdos mais escolarizados, que, apesar da resistência de outros grupos, são frequentemente percebidos como aqueles que dominam mais amplamente a língua.

Reconhecer a realidade sociolinguística da Libras é fundamental. Observar o valor atribuído aos sinais utilizados — e verificar se diferem daqueles empregados por outros grupos — constitui também uma forma de legitimar a língua da comunidade surda brasileira como língua natural, sujeita, portanto, à variação e à mudança.

Observa-se ainda um desconhecimento, por parte de alguns surdos, sobre o funcionamento da Libras e, em certos casos, até mesmo sobre a existência dessa língua. Esse desconhecimento leva à comunicação por meio de mímicas e sinais caseiros, compreendidos apenas por pessoas do convívio próximo, o que pode dificultar ou mesmo inviabilizar a interação social com outros sinalizantes. Entretanto, embora essas situações sejam reais, esta pesquisa não se dedica especificamente a esses aspectos, concentrando-se no estudo das variações linguísticas.

Neste estudo, a variação sintática em Libras é analisada a partir de um contexto social específico: a pandemia de Covid-19. Para isso, foi selecionado um cartaz publicado em 2020 no *Instagram* da Prefeitura de Serra Talhada, com o objetivo de investigar como esse conteúdo de sinalizado para a comunidade surda local, com foco na estrutura sintática em Libras.

Nessa análise, observa-se que as variações sintáticas se manifestam na ordem dos elementos da frase. Na ordem VO, o objeto posiciona-se após a preposição. Já na ordem OV — invertida —, o objeto posiciona-se antes da preposição. Essa variação na organização frasal constitui um ponto crucial a ser considerado no estudo da Libras nessa comunidade.

CAPÍTULO III

COMUNIDADE LINGUÍSTICA SURDA EM SERRA TALHADA

Este capítulo apresenta pesquisas realizadas a partir de fontes documentais em Serra Talhada-PE, para identificação de pessoas surdas usuárias da Libras. Além disso, aborda brevemente a história da educação da comunidade Surda na região do Sertão do Alto Pajeú, por meio de relatos obtidos em entrevistas, com o objetivo de reunir evidências desses registros.

3.1 A chegada das intérpretes e a variação linguística

Nas décadas de 1970 e 1980, ainda não existia um sistema de ensino para surdos ou práticas de inclusão em Serra Talhada, cidade localizada no sertão do estado de Pernambuco, onde a maioria dos surdos não conhecia a Libras. Vale lembrar a história de Dom Pedro II, por ter sido o responsável por trazer ao Brasil, pela primeira vez, o francês Ernest Huet, reconhecido por sua formação na melhor educação europeia. Para contextualizar, Huet contraiu sarampo aos 12 anos de idade, doença que resultou em sua surdez.

Ernest Huet (1857) foi responsável pela criação da primeira escola para surdos no Rio de Janeiro - o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) -, onde ele ensinava a Língua de Sinais Francesa. Inicialmente, a escola atendia a apenas um surdo, neto de Dom Pedro II, marcando o início tardio do ensino formal dessa língua, já que muitos surdos desconheciam a existência desse instituto. Além disso, a maioria residia em cidades distantes, o que dificultava tanto o acesso ao INES quanto o aprendizado da língua de sinais.

Em algumas cidades brasileiras, o contato com a Libras foi mais tardio. Em Pernambuco, por exemplo, o ensino da língua de sinais chegou primeiramente em duas de suas cidades mais desenvolvidas: Caruaru e Recife. Serra Talhada, por ser menor e pela inexistência de professores de Libras e intérpretes, enfrentou dificuldades no que se refere ao acesso a esse ensino especializado.

Vale lembrar que Serra Talhada é o município mais populoso da Região do Sertão do Alto Pajeú. Segundo o IBGE, em 2010, sua população era de 92.228 habitantes; sendo que a população com deficiência auditiva (com qualquer grau de surdez) era de 4.991

pessoas, das quais mais de 3.468 afirmaram não escutar (perda auditiva de grau profundo), e 1.247 apresentavam grande dificuldade auditiva (perda auditiva de grau severo).

Pode-se afirmar que a educação de Surdos, em Serra Talhada, teve início em dia 05 de fevereiro de 1990, na Escola Estadual Cornélio Soares, que incorporou, em sua estrutura pedagógica, uma sala destinada à educação especial. Foi quando uma professora ouvinte de Serra Talhada, chamada Lucineide, descobriu que, em Recife¹⁵, estava sendo oferecido um curso de Libras. Ela se interessou, fez o curso, ministrado por um *professor surdo* do Rio de Janeiro e, posteriormente, levou esse aprendizado para a sua cidade.

À época, a comunidade surda de Serra Talhada desconhecia a Libras, e se comunicava por meio de gestos. A aquisição da língua de sinais era um desafio para os surdos mais velhos, pois muitos deles não tinham familiaridade com o conceito de uma língua própria para sua comunicação. Essa realidade foi abordada em um Congresso, que problematizou os desafios do processo de aprendizagem de uma nova língua para faixas etárias mais avançadas. Isso porque, enquanto o desenvolvimento cognitivo de crianças surdas favorece a aquisição acelerada de uma nova linguagem, os surdos, com mais de 60 anos, já estruturaram sua comunicação por meio de gestos, o que demanda maior esforço para a aquisição/assimilação de um novo sistema linguístico.

Para melhor compreensão desse fenômeno, recorreu-se aos dados de uma entrevista realizada com um dos sujeitos de Serra Talhada-PE, nomeado “*Professor Surdo*”¹⁶. As informações fornecidas por esse professor permitiram compreender a chegada da Libras na cidade, bem como o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dessa língua.

O *Professor Surdo* relata que sua primeira experiência profissional foi em 2017, quando precisou criar estratégias para ensinar um aluno surdo mais velho que ele. O docente menciona as dificuldades que encontrou, conseguindo, no entanto, introduzir os cumprimentos básicos da Libras, como “bom dia” e “tudo bem”. Ele descreve a mão do aluno como “enrijecida”, comparando-a a uma “trava”, o que pode ser atribuído à idade avançada do estudante.

¹⁵ “Apesar disso, a dissertação de Estudos da Linguagem pela UFRPE, intitulada *Mudança Linguística da Libras em Recife*, marcou a primeira publicação dedicada à história da língua de sinais em Recife”. (CORDEIRO, 2023, p. 40).

¹⁶ O nome é fictício para preservar a identidade do sujeito.

Segundo o sujeito surdo, a comunicação do aluno surdo baseava-se em gestos, o que não representava uma barreira para a interação, pois o *Professor Surdo*, de forma natural, conseguia compreendê-lo. O relato aponta que, quando esse aluno era criança, a Lei de Libras (Lei Federal nº. 10.436, de 24 de abril de 2002) ainda não estava em vigor. Dessa forma, as instituições de ensino não possuíam um olhar diferenciado para a comunicação exclusivamente gestual e, portanto, não ofereciam a assistência necessária à época. Consequentemente, o aprendizado da Libras pelo aluno ocorreu de forma tardia. Cabe esclarecer que a inclusão formal da Libras na legislação ocorreu somente em 2002, a partir da qual outras leis e decretos foram implementados para contribuir com o processo de inclusão dos surdos.

O *Professor Surdo* ressalta a importância das leis e de seu próprio trabalho como fatores fundamentais para a luta pela valorização das pessoas com deficiência, especialmente os surdos. Ele torce para que, no futuro, todas as instituições de ensino superior públicas incorporem a Libras, contribuindo, assim, para maior interação entre surdos sinalizantes e a comunidade ouvinte. Essa inclusão é vista como parte da luta dos surdos por um espaço cada vez maior na sociedade.

Ao mesmo tempo, o professor relata sua tristeza pelo fato de os cursos de graduação, como o de Letras-Libras, serem inacessíveis a muitos surdos. Isso porque muitos deles não querem estudar, por se considerarem velhos ou ocupados demais, ou por não poderem ingressar na universidade. Na visão do professor, o acesso a um curso especializado os auxiliaria na aquisição e desenvolvimento da Libras.

O primeiro surdo da cidade era primo do *Professor Surdo* e se comunicava por gestos, sem utilizar sinais da Libras. Embora possuísse algum conhecimento da língua de sinais, não era o suficiente para manter uma comunicação completa em Libras. Assim, ele conseguia compreender os surdos sinalizantes, mas suas respostas permaneciam baseadas em gestos naturais, habituais em seu cotidiano, realizando sinais em Libras de forma esporádica. É importante esclarecer que

[...] Gesto aqui se refere à grande variedade de maneiras por meio das quais os humanos, por meio de ação corporal visível, expressam seu pensamento e sentimento, chamam a atenção para coisas, descrevem coisas, cumprimentam uns aos outros, ou se envolvem em ações rituais como as cerimônias religiosas. (KENDON, 2013, p. 1).

O gesto pode ser definido como um movimento corporal, geralmente realizado com as mãos, braços ou cabeça, com o propósito de expressar uma ideia, uma emoção ou um sentimento, constituindo-se um elemento essencial na comunicação não verbal. Além

disso, o conceito de gesto pode referir-se a ações ou atitudes que expressam intenções, refletem estados de espírito e incluem aspectos ligados à expressão facial e ao comportamento. Gestos amplamente utilizados, como apontar ou reproduzir ações simbólicas, por exemplo, comer, dormir ou dirigir, exemplificam formas universais de comunicação.

Outro fator que contribuiu para o desenvolvimento tardio dos surdos em Serra Talhada foi a falta de interesse, por parte de algumas famílias, pela Libras, bem como a dificuldade em compreender a sua importância para a interação dos surdos com seus próprios familiares.

O *Professor Surdo* menciona que, atualmente, a tecnologia facilita o aprendizado de Libras, pelo fato de muitos surdos possuírem celulares, *tablets* ou computadores. Na visão do professor, essas ferramentas dispensam, os surdos não precisam mais estar presencialmente nos lugares como antes, além de não necessitarem de livros nem de grandes dicionários para aprenderem a língua, se tiverem interesse nesse aprendizado.

Mesmo diante do processo de facilitação da aprendizagem mediada pela tecnologia, o *Professor Surdo* relatou como aprendeu Libras. Ele explicou que sua própria mãe não conhecia a língua de sinais, sendo necessário esclarecer que se tratava do meio de comunicação dos surdos. Ele também mencionou que, no passado, sua mãe chegou a compará-lo a uma pessoa com deficiência mental, o que lhe causou grande surpresa, sendo necessário mostrar que ele poderia ser autossuficiente e desenvolver suas próprias habilidades. A mãe do professor, por sua vez, relatou que o nascimento do filho gerou grande preocupação, pois temia que a surdez prejudicasse o desenvolvimento pleno de sua vida.

Nascido em 1991, o *Professor Surdo* cresceu em uma época em que já existiam escolas para surdos, mas sua mãe desconhecia sua existência. Ela só tomou conhecimento dessas instituições por meio de informações fornecidas por uma senhora, recém-chegada de São Paulo, a uma cidade próxima a Serra Talhada. Foi nesse período, quando o menino surdo tinha 10 anos de idade, que sua mãe o matriculou em uma dessas escolas.

Na escola, sua mãe ficou impressionada com a capacidade de aprendizado dos alunos surdos, que liam, escreviam e se comunicavam fluentemente pela língua de sinais. Essa experiência transformou a sua percepção, fazendo-a compreender que a surdez não era uma limitação para a autonomia e o desenvolvimento do seu filho. Ela percebeu que a questão estava na impossibilidade de ouvir e, conseqüentemente, de falar, mas não na capacidade de se desenvolver plenamente.

O *Professor Surdo* explica que seu desenvolvimento no trabalho e nos estudos se deu em razão de ter aprendido a Libras. Ele se declara grato à língua de sinais e à luta de todos os surdos por possibilitar à comunidade surda garantias de direitos com os quais ele se beneficiou.

Aproveitando o relato, o *Professor Surdo* mencionou a primeira professora ouvinte que chegou a Serra Talhada, em 1985, para atender quatro alunos surdos. Ao ser questionado sobre a metodologia utilizada, como o uso de Libras ou a escrita, o sujeito surdo afirmou que não chegou a discutir esse aspecto com ela. Retomando o ano de 1990, buscou-se aprofundar o tema e compreender melhor a metodologia de ensino daquela época. O professor relatou que, nesse período, foi aluno de uma professora ouvinte da Educação Especial, que atendia cinco alunos com surdez. Havia, ainda, uma professora ouvinte da Educação Múltipla, responsável por alunos com deficiência intelectual.

Na sequência, o professor explicou que, nessa época, ainda não existiam as leis atuais referentes à pessoa com deficiência. Por esse motivo, os alunos surdos e os alunos com outros tipos de deficiências ficavam juntos na mesma instituição. A aprendizagem era diversificada, e havia a necessidade de um processo de ensino-aprendizagem adaptado para cada tipo de deficiência.

Ao ser questionado sobre a composição de alunos nas salas especiais em 1997, buscando compreender se havia mescla das diversidades, como deficiências intelectuais e surdez, o *Professor Surdo* respondeu que havia poucos surdos nessas salas, pois, à época, pelo fato de eles serem encaminhados para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Serra Talhada, que também atendia outras deficiências. Ele relatou ainda que essa situação causava desânimo nos surdos e que, quando as salas especiais (ou salas de recursos) começaram a funcionar, faltava informação para que compreendesse tratar-se de espaços de atendimento especializado. A APAE mantinha parceria com as escolas inclusivas e objetivava proporcionar aprendizagem de acordo com as especificidades de cada deficiência, enquanto os surdos não contavam com uma associação que garantisse o seu aprendizado em Libras.

Quanto à sua própria experiência escolar, o *Professor Surdo* informou ter iniciado na escola aos 10 (dez) anos de idade, e que era a sua mãe quem o levava. Relatou que, ao se deparar com outros surdos, percebeu um mundo diferente dos ouvintes, tendo sua aprendizagem mediada por imagens e figuras, o que o ajudou a entender muitas palavras que sua mãe falava. Ele enfatizou que sua evolução se deu em razão do uso dos gestos e, em seguida, da Libras; e que, por fim, pôde compreender a Língua Portuguesa como sua

segunda língua. Ele destaca a importância de a pessoa surda não estar sozinha nesse processo e da interação com outros surdos e a sociedade, tendo em vista que esses foram os fatores que interferiram em seu processo de aprendizagem e possibilitaram seu sucesso na aquisição da sua língua.

Ao chegar em Serra Talhada, o *Professor Surdo* era um dos poucos surdos que usava gestos para se comunicar, enquanto os demais já se comunicavam pela Libras, que aprenderam na década de 90. Ele destacou lamentar o fato de que, em uma cidade tão grande, somente uma pessoa ouvinte falasse e ensinasse Libras.

Questionado sobre o motivo de haver apenas uma pessoa ouvinte que falasse e ensinasse Libras, o *Professor Surdo* explicou tratar-se de uma testemunha de Jeová¹⁷, que havia se mudado para realizar um trabalho voluntário de ensino bíblico para pessoas surdas da cidade. Posteriormente, essa intérprete foi contratada por uma escola, onde encontrou-se com outra intérprete, oriunda de Recife. Desse seu convívio com ambas as intérpretes, o professor relata ter percebido variações no uso da língua de sinais, o que ele atribui ao fato de uma delas (a de Serra Talhada) ter aprendido a Libras em um curso especializado, enquanto a outra (de Recife) pelo convívio com os surdos.

O *Professor Surdo* relata que o contato com as duas intérpretes foi extremamente significativo para a sua formação, pois o auxiliou na aquisição de sua língua materna. No entanto, era a intérprete de Recife quem o acompanhava na escola, e, a partir dessa interação, desenvolveu a fluência em Libras, considerando o amplo conhecimento que ela possuía sobre a cultura da comunidade surda. O professor destaca que, ao longo de vinte anos, essa intérprete teve participação ativa em sua trajetória e na construção do seu aprendizado em Libras. Em seguida, ao ser questionado se o seu aprendizado ocorria por meio de frases ou por palavras, ele respondeu que a intérprete também perguntava como ele gesticulava cada palavra.

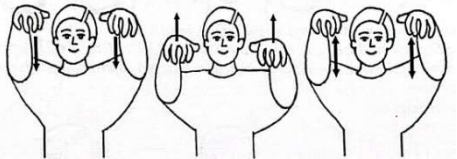
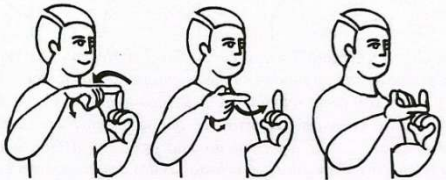
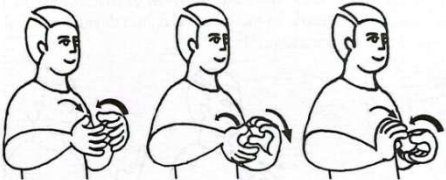
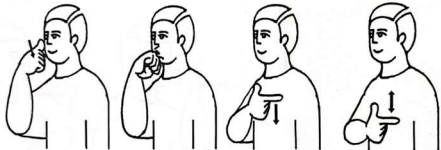
Para compreender como a interação do *Professor Surdo* com duas intérpretes, usuárias de variantes distintas da Libras, pode ter contribuído para o seu aprendizado, é necessário refletir sobre os processos de transformação e evolução da língua. Como exemplo, sinais como "FICAR" podem sofrer mudanças em sua forma ou até mesmo ser substituídos por outros ao longo dos anos, conforme as necessidades da comunidade

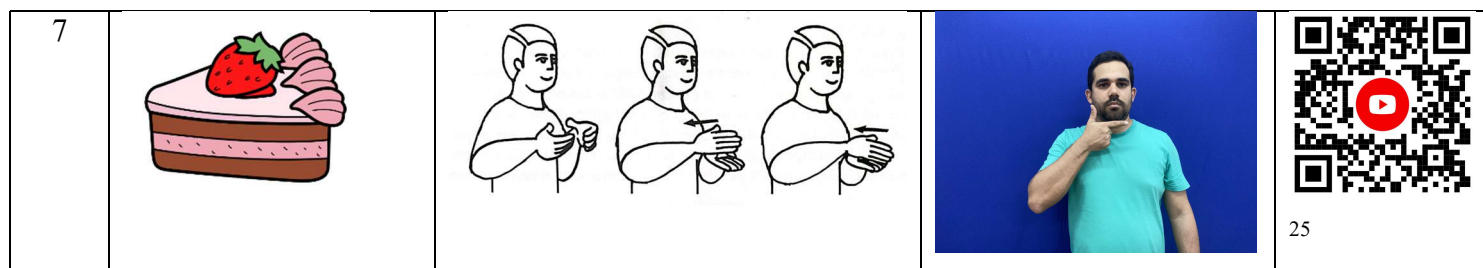
¹⁷ Presença de intérpretes de língua de sinais em trabalhos religiosos iniciados por volta dos anos 80.

surda. Essa evolução constitui um processo de adaptação coletiva, impulsionado pela criação de novos elementos de comunicação.

Muitos desses novos sinais foram desenvolvidos por pessoas surdas, em contextos em que o conhecimento formal da Libras ainda não era amplamente difundido — como antes da introdução do ensino dessa língua nas escolas. As imagens, que se apresentam a seguir, ilustram como esses sinais novos foram um recurso comunicativo essencial, em períodos históricos em que a Libras ainda não estava plenamente sistematizada ou acessível. Isso demonstra a criatividade e a resiliência da comunidade surda na busca por formas eficazes de interação e expressão.

Tabela 2: Sinais novos em Serra Talhada

Nº.	Desenho	Dicionário de Libras (Padrão) ¹⁸	Sinais novo	QR Code
1				 19
2				 20
3				 21
4				 22
5				 23
6				 24



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 2, o sinal de CHUVA (1) exemplifica um processo de aprendizagem que vai além da simples instrução. Nesse caso, o aluno teve acesso a uma intérprete e a comunidade surda desde a infância, fato este que lhe proporcionou uma imersão linguística completa e fundamental.

Foi essa imersão que permitiu ao *Professor Surdo* adquirir a Libras de forma similar à aquisição da língua materna por uma criança: assimilando os sinais e as estruturas da língua de forma natural, em constante contato com diferentes usuários. Esse processo foi decisivo para sua fluência, fazendo da Libras sua primeira língua e da Língua Portuguesa a segunda. O ponto crucial não foi o ensino de um "sinal correto", mas a vivência da língua em seu ambiente de uso.

Nesse sentido, destaca-se sete sinais de Libras²⁶ em Serra Talhada, conforme apresentado na Tabela 2, na qual os dados coletados foram sinalizados pelo pesquisador. Ao aplicar o sinal CHUVA (1) na frase em português “Viu a chuva” — sinalizada pelo

¹⁸ CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. Volume I: Sinais A a L. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais**. Volume II: Sinais M a Z. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

¹⁹ You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=p6QRID-Yp0c> > Acesso em: 17 fev. 2026.

²⁰ You tube: Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=SXJP_FYFRi0 > Acesso em: 17 fev. 2026.

²¹ You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DFhykPyt6ek> > Acesso em: 17 fev. 2026.

²² You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=hehKNdChyrQ> > Acesso em: 17 fev. 2026.

²³ You tube: Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=4B_IYPS3YaE > Acesso em: 17 fev. 2026.

²⁴ You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7c0cNOBKoe8> > Acesso em: 17 fev. 2026.

²⁵ You tube: Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_wj2bdncsec > Acesso em: 17 fev. 2026.

²⁶ Para simplificar, os sete sinais mencionados serão representados por palavras em Língua Portuguesa (LP), em letras maiúsculas e em negrito.

pesquisador —, observa-se que, tipicamente segue-se a ordem básica Verbo-Objeto (VO), com um Sujeito (S) subentendido, resultando em SVO ou VOS.

Em contraste, a tradução para a Libras — CHUVA VIU — adota a ordem Objeto-Verbo (OV), em que CHUVA desempenha a função de objeto. Essa disposição, na qual o objeto antecede o núcleo verbal, é recorrente na Libras e geralmente decorre de um mecanismo gramatical que desloca o constituinte para a posição inicial da sentença com fins de destaque. A ocorrência dessa estrutura OV (ou OVS/OSV, a depender da elipse do sujeito) evidencia a flexibilidade sintática da Libras e representa uma variação em relação à ordem básica SVO.

O sinal GRÁVIDA (2) é considerado padrão; entretanto, os surdos mencionaram a existência de um sinal novo em uso. Isso ocorre porque as pessoas surdas de Pernambuco desconheciam o sinal novo e estavam habituadas ao padrão estabelecido.

O sinal MARACUJÁ (3), por sua vez, apresenta uma alteração, originando um novo sinal na região de Serra Talhada, conforme indicado na Tabela 2. Na coluna “Sinais novos”, ele se assemelha ao sinal padrão de sonolência. O núcleo verbal é posicionado de forma final, caracterizando a ordem de constituintes como OV, sintaticamente permitida na Libras. Essa ordem é influenciada ou legitimada pela presença do objeto inicial ('maracujá'), especialmente porque o sinal para esse objeto é novo (ou não padrão). A anteposição do objeto, nesse contexto, pode ser interpretada como um recurso discursivo para garantir a clareza do referente antes da apresentação do núcleo verbal.

O sinal ADULTO (4) corresponde ao mesmo sinal novo usado para ADOLESCENTE, embora ambos possuam significados distintos. Dessa forma, ele evidencia uma variação linguística utilizada por adultos, destacando o uso do sinal novo desenvolvido pela comunidade surda local em Serra Talhada.

O sinal DINHEIRO (5) é conhecido por todas as pessoas surdas como padrão, mas o sinal novo busca transformá-lo completamente. Constatou-se que o sinal para o conceito de DINHEIRO emerge como uma forma particular dentro da comunidade surda em Serra Talhada. A análise de sentenças frequentemente utilizadas, como DINHEIRO TER?, revela uma estrutura gramatical de ordem Objeto-Verbo (OV). O fato de o objeto ser lexicalmente variável, além de ocupar a posição inicial e topicalizada da frase, confere-lhe alta saliência pragmática, que potencialmente impulsiona e consolida o uso da forma sinal novo dentro da comunicação local.

Observam-se semelhanças entre os sinais de PADRASTO (6) e AMANTE entre os surdos e surdas de Serra Talhada. No entanto, o sinal utilizado correspondia, de fato, a PADRASTO e não a AMANTE.

O sinal BOLO (7) é considerado padrão, mas todos conhecem a forma usada pelos surdos de Serra Talhada, que identifica o bolo de trigo sem cobertura como um sinal novo.

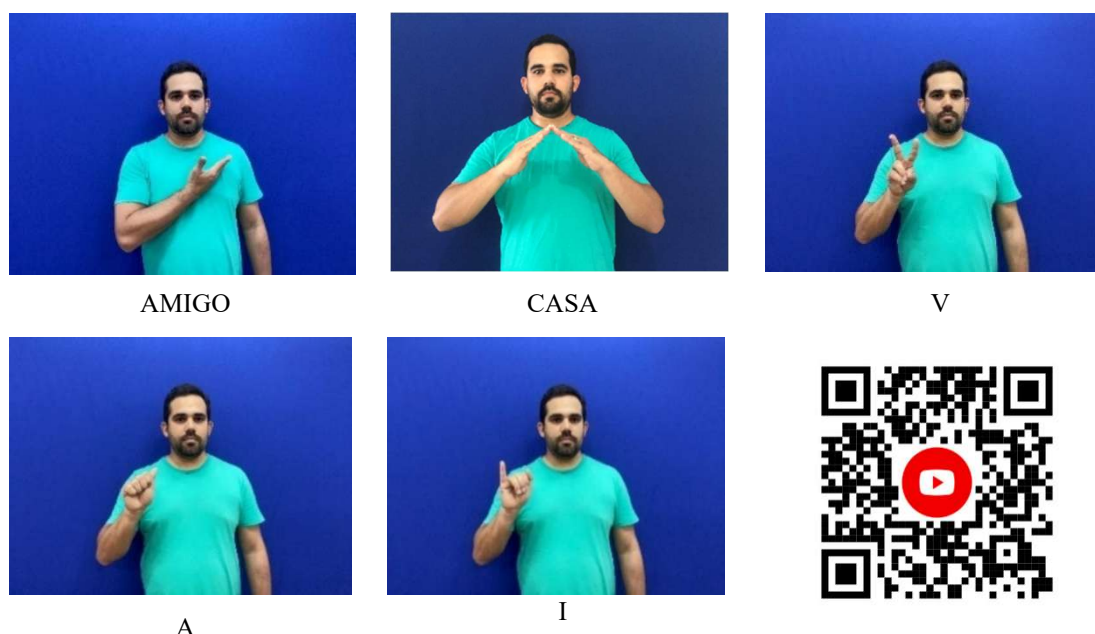
Para compreender esse processo, é necessário reconhecer que os sinais novos na Libras constituem fenômenos diacrônicos que evidenciam as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Esses sinais revelam uma tendência na construção frasal em que o objeto precede o verbo, seguindo a ordem básica OV. Exemplos dessa estrutura incluem BOLO GOSTAR e GRÁVIDA ADMIRAR. Essa preferência por posicionar o objeto antes do verbo também exerce influência sobre a disposição genitiva, na qual o nome antecede o núcleo.

Ademais, a classe de surdos idosos do município de Serra Talhada não se comunica por meio da Libras, valendo-se de sinais novos ou gestos. O grupo de adultos surdos, por sua vez, apresenta comunicação fluente em Libras, domina o léxico novo e a ordem de sinais própria dessa língua. Já o grupo de jovens surdos é capaz de interagir com outras pessoas, embora essa comunicação nem sempre seja fluida, e tende a preferir um léxico padrão mais amplamente reconhecido.

Como visto anteriormente, o *Professor Surdo* expressou gratidão às duas intérpretes com as quais teve contato, reconhecendo a importância de ambas para sua aprendizagem — primeiro em Libras, depois em Língua Portuguesa. Essa experiência pode ser exemplificada pela ordem básica dos constituintes em Libras utilizada por surdos, como em: AMIGO CASA VAI. Essa construção segue o padrão gramatical próprio da Libras. As intérpretes, no entanto, ensinaram a construção correspondente em Língua Portuguesa: "Vou à casa de meu amigo" — fato que fez diferença no desenvolvimento social e linguístico do professor, assim como se observa na figura 25.

Figura 25: AMIGO CASA VAI²⁷
(Língua Portuguesa: Vou à casa de meu amigo)

²⁷ You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3oFwdf5-wiM> > Acesso em: 17 fev. 2026.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Figura 25, uma pessoa surda sinaliza a frase invertida em Libras: AMIGO CASA VAI respeitando a singularidade linguística da atitude do surdo e valorizando o aspecto semântico, conforme da Lei nº 10.436/2002. Essa lei descreve a Libras como: “uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002).

Ao conceber a Libras como língua natural — forma legítima de expressão e comunicação das comunidades surdas, com estrutura linguística complexa que abrange os níveis de fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática —, é esperado que ela também apresente variações nos diferentes níveis linguísticos.

A ordem de inversão OV posiciona o objeto antes do verbo. A preposição, na língua portuguesa, tem função de conectar palavras e expressar relações de sentido entre elas. Na Libras, a preposição "para", por exemplo, indica finalidade, embora possa também transmitir sentido implícito conforme o contexto. Na frase AMIGO CASA VAI, a inversão ocorre pelo mecanismo sintático próprio da Libras: o verbo IR tem o mesmo valor semântico de VAI com indicação de presente.

O sujeito surdo de Serra Talhada utilizou a expressão AMIGO CASA VAI demonstrando que, por ser bilíngue — tendo a Libras como primeira língua —, não teve oportunidade de aprofundar o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua. Em Libras, a estrutura sintática organiza os constituintes de forma própria, como

exemplificado em AMIGO CASA VOU, cuja tradução para o português é "Vou à casa de meu amigo". Essa organização resulta da posição que o objeto ocupa antes do sujeito na frase, configurando a inversão sintática característica da língua.

Figura 26: EU VOU CASA AMIGO²⁸
(Língua Portuguesa: Irei à casa de meu amigo)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na frase EU VOU CASA AMIGO (Fig. 26), a estrutura é formal no padrão SVO. Importante observar que pessoas ouvintes frequentemente desempenham um papel de apoio importante na vida de indivíduos surdos, e que esse suporte pode se manifestar na ajuda com a estrutura de frases e na clareza dos sinais, contribuindo para que a

²⁸ You tube: Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=XIcDzBZWv00> > Acesso em: 17 fev. 2026.

comunicação seja mais eficaz. Isso é especialmente relevante em contextos de aprendizado, em que essa colaboração facilita o acesso à informação e à integração social. O *Professor Surdo* consegue, dessa forma, a frase afirmativa da Língua Portuguesa.

O docente relatou que houve uma visita de surdos da cidade do Recife em Serra Talhada e que a comunicação se deu em Libras, o que influenciou outros surdos na aquisição da língua de sinais. Por isso, é muito importante documentar essa história, mesmo porque esse professor foi o primeiro surdo, em Serra Talhada, a dominar a Libras e a auxiliar outros surdos da cidade em seu aprendizado.

A partir da primeira década dos anos 2000, Serra Talhada contava com apenas uma escola com acessibilidade para alunos surdos. No entanto, o cenário mudou significativamente, em 2022, quando a cidade já dispunha de duas escolas acessíveis, com a presença de intérpretes de Libras. Essa evolução teve um impacto direto na vida dos estudantes surdos de idades variadas que, entre 2005 e 2009, conseguiram concluir o 8º ano do Ensino Fundamental, o que demonstra o poder da aquisição da Libras na promoção da educação formal.

É relevante destacar a importância da acessibilidade em Serra Talhada, tanto em espaços públicos quanto privados. Apesar de algumas melhorias, muitas instituições — como escolas, tribunais de justiça e consultórios médicos — ainda precisam avançar nessa questão. O *Professor Surdo* ressalta que ainda há muito a ser feito para atender adequadamente à comunidade surda da cidade.

Ao ser questionado sobre as mudanças ocorridas após a implementação de salas inclusivas em 2010, o professor recordou que uma professora intérprete foi chamada para ministrar a disciplina de Ensino Religioso. Ao interpretar para os alunos, ela percebeu variações na Libras — sendo do Paraná, seus sinais eram bastante diferentes dos de Serra Talhada. Essa intérprete tornou-se pioneira da inclusão na cidade: com seu conhecimento da legislação, passou a colaborar com a escola na promoção dos direitos dos surdos e na implantação de salas inclusivas, nas quais alunos surdos e ouvintes aprendem juntos.

O *Professor Surdo* expressa gratidão por essas conquistas, que representaram, segundo ele, uma verdadeira reviravolta na vida dos surdos e foram determinantes para que passassem a ser reconhecidos como cidadãos de uma sociedade inclusiva.

Em relação à variação da língua, foi perguntado ao *Professor Surdo* se a professora intérprete, por ser do Paraná, influenciou a prática da Libras em Serra Talhada, devido às particularidades linguísticas de sua região. Ele explicou que, inicialmente, tanto ele quanto outros surdos se sentiam confusos ao vê-la interpretar, pois desconheciam as

especificidades da variante usada por ela. No entanto, com o tempo, compreendeu-se a importância do contato com uma variante da Libras, já que pessoas surdas de diferentes estados trazem consigo essas particularidades. Como exemplo, destacou-se que os surdos do Paraná conseguiam compreender a Libras da professora, evidenciando a necessidade de ampliar o conhecimento sobre a diversidade linguística da língua.

A intérprete de Libras assumiu que a sua forma de sinalizar não influenciou diretamente a mudança da Libras em Serra Talhada. Contudo, ela utilizou o seu conhecimento para guiar o aprendizado dos alunos, introduzindo gradualmente o uso de sinais mais convencionais. Um exemplo notável foi o sinal de BANHEIRO que, inicialmente, era um gesto criado pelos próprios alunos. Posteriormente, a intérprete mostrou-lhes um sinal correspondente à palavra, em Libras, ensinando-os a forma linguística mais aceita para que pudessem substituir os gestos inventados por sinais da Libras. Esse foi um processo gradual que levou cerca de uma década.

Ao ser questionado se, ao longo de sua formação, os gestos por ele utilizados ainda eram comuns nos dias atuais, o professor informou que sim, atribuindo o fato ao atraso na obrigatoriedade do ensino da Libras entre os surdos no estado de Pernambuco.

Na década de 1990, no estado de São Paulo, eram distribuídos gratuitamente dicionários de Libras aos estudantes surdos. Um desses dicionários foi levado para Pernambuco. Sobre esse evento, o *Professor Surdo* relata que olhava para o dicionário com pouco interesse, haja vista que já se comunicava por meio de gestos própria; e que tanto ele como outros surdos sentiam-se confusos ao olhar e tentar aprender os sinais daquele dicionário. Entretanto, ao se recordar desse fato, ele se reporta a esse material de forma gratificada, pois foi a partir dele que conheceu as variações existentes na Libras.

O professor informou que, em 2005, havia sete alunos surdos em sua escola e que, em 2012, apenas três deles concluíram o ensino médio. Acrescenta que, nos anos seguintes, alguns surdos se casaram e abandonaram os estudos para trabalhar, enquanto outros desistiram em razão de problemas pessoais e familiares.

Dos três concluintes, apenas ele próprio deu continuidade aos estudos. As outras duas mulheres surdas interromperam a formação. Seguindo os conselhos recebidos ainda no ensino fundamental, ingressou no ensino superior, graduou-se em Letras-Libras e atua atualmente como professor de Libras.

O professor relatou que, no ano de 2014, um aluno com deficiência múltipla foi inserido na sala de inclusão, que, apesar de sua limitação física, conseguiu aprender

Libras e, com a ajuda da intérprete, conseguia se comunicar com os demais surdos. Atualmente, esse aluno cursa Sistema de Informação na faculdade.

Ao encerrar a entrevista, o *Professor Surdo* registrou uma diferença significativa na comunicação em Libras entre os surdos de Serra Talhada e os de Recife: em Serra Talhada, a comunicação era mais tranquila e compassada; em Recife, a Libras era utilizada de forma mais acelerada. Essa diferença, na sua avaliação, pode ser atribuída à chegada tardia da Libras à cidade, o que impediu que os sinalizantes aprimorassem e acelerassem a língua. O professor conclui expressando o desejo de que, com o crescimento populacional e o desenvolvimento de Serra Talhada, os surdos demonstrem cada vez mais interesse pela educação por meio de sua própria língua, a Libras.

3.2 Comunidade Surda da Associação de Surdos de Serra Talhada

A motivação para a realização da entrevista desta pesquisa com o *Professor Surdo* se deve ao seu reconhecimento da importância da Associação dos Surdos de Serra Talhada. Ele observou uma foto de 2005, e relembrou a chegada de uma intérprete de Libras de outra cidade para trabalhar em Serra Talhada, no estado de Pernambuco, chamada Érika.

O entrevistado relata que a intérprete Érika era muito fluente em Libras, e que alguns de seus sinais não lhes eram familiares, por serem próprios de Recife e distintos dos utilizados em Serra Talhada. O *Professor Surdo* reforça que ela sempre enfatizava a importância de se esforçar e de continuar na luta pelos direitos dos surdos. Segundo ele, naquele momento, nem conhecia o sinal de LUTA e sequer compreendia o que isso significava no contexto de uma cidade do interior. Em suas palavras: "[...] Era como se meus olhos estivessem fechados em relação aos decretos e às lutas dos surdos." A intérprete sugeriu que ele estudasse as leis para usufruir do direito à acessibilidade e se integrar com outros surdos. Foi nesse contexto que surgiu a Associação de Surdos de Serra Talhada — criada pelo entrevistado em 2009, conforme a Figura 27.

Figura 27: Diretoria Executiva de ASST



Fonte: ASST

Após esse período, em 2009, chegou à Serra Talhada outra intérprete, oriunda de Marabá-PA, que trouxe alguns sinais de seu estado e os adaptou aos já existentes na região. Ela se integrou à luta pela organização da Associação de Surdos e articulou um movimento com surdos mais experientes na datilologia. Esses surdos visitaram associações já existentes em outras cidades, tomaram conhecimento de diferentes experiências e perceberam a necessidade de criar uma associação em Serra Talhada, para proporcionar à comunidade surda local um espaço de interação, lazer, festas e, sobretudo, de luta pela acessibilidade, conforme se observa na figura 27.

Iniciaram-se, então, reuniões e tratativas para o funcionamento da associação, mas eram necessários maior empenho e articulação. Com a chegada posterior da intérprete Lucélia, de Goiânia-GO — cidade onde a associação de surdos era muito atuante —, a associação de Serra Talhada começou a se fortalecer. As intérpretes reuniram-se para sua criação, e a sede foi instalada dentro de uma escola que contava com o apoio voluntário da diretora e de toda a comunidade escolar. Esse processo culminou na fundação oficial da associação em junho de 2010.

Para a fundação oficial, eram necessários a divulgação dos trabalhos, a disponibilidade de um presidente e o estímulo aos surdos para que a associação seguisse

o modelo de outras já consolidadas. O *professor surdo* Roberto Santos, com experiência prévia como presidente de outra associação, orientou os demais surdos sobre a necessidade de obter um CNPJ²⁹ para a legalização da entidade, como condição para buscar patrocínio de empresas parceiras, captar recursos e instalar uma sede física.

O professor Roberto Santos assumiu a liderança nessa luta. Com sua contribuição, a associação se estabeleceu na cidade e manteve suas atividades até os dias atuais. O entrevistado encerrou sua fala agradecendo a colaboração do professor Roberto Santos e ressaltando que, para o pleno funcionamento da associação, ainda são necessários alguns ajustes — os quais, segundo ele, serão alcançados em breve.

Em 21 de maio de 2021, foi fundada a Associação de Surdos de Serra Talhada (ASST), entidade sem fins lucrativos que atende principalmente às áreas de esporte e lazer da comunidade surda, com CNPJ. A ASST mantém contato com autoridades e trabalha pela melhoria das condições de vida dessa comunidade, com atuação nas áreas de arte, cultura, turismo, lazer e educação — embora ainda haja necessidade de ampliar as ações voltadas à educação de surdos, à formação de intérpretes e à promoção de atividades esportivas para o público surdo.

A associação representa a comunidade surda na defesa dos seus direitos, interesses e luta. Atualmente, ASST não tem sede própria, o que dificulta os encontros da comunidade surda, e prejudica a divulgação da língua e da cultura surda. Na figura, a seguir, visualiza-se a logomarca da ASST:

Figura 28: Associação de Surdos de Serra Talhada - ASST



Fonte: ASST

²⁹ Associação de Surdos de Serra Talhada (ASST), situada no interior de Serra Talhada, fundada em 21 de maio de 2021, com o objetivo de reunir as pessoas surdas por meio de lazer e esporte.

É importante esclarecer que a verdadeira inclusão exige interação profunda e constante entre surdos, ouvintes e intérpretes. Essa colaboração é fundamental para fortalecer a comunidade e tornar mais eficaz a luta por direitos e acessibilidade. A partir dessa interação, constroem-se pontes de comunicação e promove-se o entendimento mútuo — bases para uma inclusão genuína.

A figura 29, a seguir, mostra a comunidade surda de Serra Talhada:

Figura 29: Comunidade Surda em Serra Talhada



Fonte: ASST

O *Professor Surdo* relatou, durante a entrevista, que a foto da Figura 33 não representa somente os surdos de Serra Talhada, mas também aqueles de diversas cidades próximas (ele faz alguns sinais das cidades), pois pessoas de vários lugares, entre eles intérpretes e familiares dos surdos, estiveram presentes nesse dia para prestigiar a importância da ASST. Segundo o relato do sujeito surdo, foi um dia em que os surdos interagiram muito entre si. Porém, depois, não houve mais condições de ajudar a associação, e, então, a parceria de jogos, brincadeiras, conversas de surdos dessa região diminuíram drasticamente.

O *Professor Surdo* apela para que as cidades do entorno de Serra Talhada se unam e promovam novamente a interação entre os surdos — luta que deve ser contínua da comunidade surda.

A trajetória da ASST reflete, em escala local, os desafios e conquistas da comunidade surda brasileira, e constitui o contexto social central no qual os dados desta pesquisa foram coletados, conforme detalhado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa visa descobrir, ampliar ou aprofundar o conhecimento científico sem a previsão de aplicação imediata desse saber. Trata-se, portanto, do desenvolvimento do conhecimento pelo próprio conhecimento, conforme apontam Gerhardt e Silveira (2009). O estudo tem como objetivo analisar a ordem dos constituintes nas construções sintáticas das sentenças da Libras, sob uma abordagem quantitativa. Nessa perspectiva, investiga-se a variação sintática da Libras entre as ordens básicas OV e VO em sentenças produzidas por pessoas surdas sinalizantes. O foco reside em analisar como essas variações são influenciadas pela forma imperativa — enquanto parâmetro do núcleo — e pela marcação de foco. Os dados foram extraídos de produções linguísticas na plataforma YouTube durante o período da pandemia de Covid-19, na cidade de Serra Talhada, no estado de Pernambuco.

No que se refere à abordagem quantitativa, trata-se de um tipo de pesquisa que se preocupa com a compreensão de um fenômeno por meio da observação e mensuração de seus resultados. Essa abordagem utiliza a linguagem matemática para descrever as causas do fenômeno investigado, bem como as relações entre as variáveis analisadas. Caracteriza-se, portanto, pela objetividade e pela busca de dados empíricos que possibilitam a verificação e a generalização dos resultados (FONSECA, 2002; GERHARDT E SILVEIRA, 2009).

Os dados desta pesquisa correspondem às ocorrências das ordens básicas VO (verbo-objeto) e OV (objeto-verbo), coletados a partir de vídeos do YouTube e de entrevistas semiestruturadas com sujeitos surdos, por meio de dois procedimentos técnicos principais. O primeiro consistiu em vídeos utilizados como material empírico para a análise. O segundo envolveu a aplicação de um questionário/entrevista semiestruturada, elaborado com o objetivo de levantar dados sociolinguísticos e demográficos que pudessem caracterizar o perfil dos sujeitos.

Analisou-se a influência da estrutura sintagmática na escolha da ordem básica dos constituintes, observando-se o comportamento do núcleo verbal em relação à forma

imperativa. O papel das expressões não manuais (faciais e corporais) como marcadores gramaticais determina o caráter imperativo de sentenças com inversão de ordem (OV).

A variação sintática em Libras apresenta duas principais variantes estruturais: a Variante A, que segue a ordem OV (Objeto-Verbo), e a Variante B, que adota a ordem VO (Verbo-Objeto). A análise evidencia que o sexo dos sinalizantes (masculino e feminino) desempenha um papel quantitativamente relevante na distribuição das ordens básicas dos constituintes. Verificou-se que, na Variante A é predominante em ambos os sexos; Variante B apresenta frequência consideravelmente menor.

Levantou-se ainda a hipótese de que outro fator extralinguístico relevante seria a faixa etária. No que diz respeito à idade, a maioria dos praticantes da Variante A corresponde a jovens, adultos e idosos surdos, ao passo que, na Variante B, observa-se proporção menor, concentrada em jovens e adultos.

Outro aspecto extralinguístico considerado é o nível de escolaridade. Independentemente de variáveis — ensino fundamental, médio ou superior —, mantém-se a predominância da Variante A entre os falantes analisados.

Esses fatores sugerem, portanto, uma interação complexa entre variáveis linguísticas e extralinguísticas no contexto da variação sintática em Libras.

Nesse contexto, dois artigos sobre variação nas línguas de sinais contribuíram para embasar esta análise. O primeiro, intitulado “Variação Sociolinguística em Numerais na Língua de Sinais da Nova Zelândia”, de autoria de David McKee, Rachel McKee e George Major, teve como objetivo investigar como fatores sociais — como idade, região e sexo — influenciam a escolha dos sinalizantes em relação às variantes numéricas para os números de 1 a 20. O segundo, “Variação e Mudança Léxica na Língua de Sinais Britânica”, escrito por Rose Stamp, Adam Schembri, Jordan Fenlon, Ramas Rentelis, Bencie Woll e Kearsy Cormier, foca na análise do léxico e sua correlação com a categoria semântica do sinal e fatores sociais, como região, idade, sexo, classe social, histórico linguístico e localização da escola. Esses estudos foram relevantes para uma reflexão sobre as pessoas surdas na cidade de Serra Talhada, com ênfase nas variações sintáticas presentes na Libras. Um aspecto central desta pesquisa reside justamente na identificação dessas variações, fundamentada na teoria variacionista desenvolvida por William Labov (2008).

4.1.1. Procedimentos Éticos

Esta pesquisa seguirá as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT). De acordo com o modelo sugerido pelo CEP-UNEMAT, será elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo, de forma clara, o objetivo da pesquisa, a finalidade e os procedimentos a serem realizados. O TCLE será assinado em duas vias, após o participante concordar em participar do estudo. Uma via ficará na posse do pesquisador e a outra com o participante.

Neste documento, será incluído o aceite para utilização de vídeo-gravação em Meet. Aos participantes do estudo será garantida a liberdade de retirar sua entrevista, cancelando o consentimento em qualquer etapa do estudo, sem nenhum tipo de prejuízo. Será garantido, da mesma forma, que as vídeo-gravações em Meet e as anotações de campo sejam utilizadas exclusivamente para este estudo, e que sendo guardadas por no mínimo cinco anos, após o término da pesquisa, sob responsabilidade do pesquisador.

Para a inserção em campo será feito o contato com os entrevistados conforme os critérios de inclusão e exclusão descritos anteriormente. Posteriormente, será agendado um primeiro encontro, via Meet, visando à apresentação da proposta de estudo, finalidades, objetivos, metodologia empregada, bem como o contexto ético da pesquisa científica, além da obtenção do documento de aceitação para participar voluntariamente do estudo.

A partir da aceitação por parte dos entrevistados, eles terão o contato com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme orienta o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Mato Grosso. No momento do fornecimento de tal termo, será feita a explicação detalhada sobre a garantia de anonimato, desde a coleta dos dados até a divulgação dos resultados, bem como da possibilidade de desistência em qualquer momento da pesquisa científica, não tendo prejuízo algum para o sujeito da investigação.

A coleta das informações será realizada em local pré-definido, em entrevistas por intermédio de vídeos-conferências Meet, utilizando entrevista episódica semiestruturada.

4.1.2. Perfil dos participantes

As variáveis sociais para a análise dos dados são: faixa etária, escolaridade e sexo. O grupo de sujeitos é composto por 32 pessoas surdas (homens e mulheres), distribuídas em

três faixas etárias — 15 a 29 anos, 30 a 49 anos e acima de 50 anos —, todas com participação autorizada na pesquisa. Esses sujeitos apresentam diferentes níveis de escolaridade, abrangendo o ensino fundamental, médio e superior. Os dados demográficos foram obtidos a partir de uma breve apresentação em Libras realizada com cada participante sinalizante, o que possibilitou a codificação das variáveis consideradas na análise. As principais características dos sujeitos surdos são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 3: Características dos participantes

Variáveis sociais		Sujeitos
Sexo	Feminino	18
	Masculino	14
	Total	32
Faixa Etária	15-29	13
	30-49	17
	50+	2
	Total	32
Escolaridade	Nível Fundamental	16
	Nível Médio	13
	Nível Superior	3
	Total	32

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os 32 sujeitos surdos autorizaram a divulgação dos vídeos do *YouTube* por se preocuparem com a publicidade relacionada à proteção da saúde durante o período da pandemia de coronavírus. Desse total, 18 são do sexo feminino e 14 do sexo masculino.

Os três agrupamentos por faixa etária, apresentados na Tabela 1 do capítulo 2 (e detalhados na Tabela 3), foram definidos com base em mudanças linguísticas observadas no uso da língua de sinais. Esses grupos são: 15-29 anos, 30-49 anos e acima de 50 anos.

Os sujeitos surdos da faixa etária de 15-29 anos de idade, apresentados nessa primeira etapa, são jovens surdos de Serra Talhada-Pernambuco. Eles estudaram em escolas ou em salas especiais, como surdos, e foram posteriormente incluídos no ensino regular, em turmas compostas majoritariamente por ouvintes, com apenas três alunos surdos.

O segundo grupo, composto por sujeitos surdos da faixa etária entre 30 e 49 anos de idade, reúne adultos surdos. Enquanto as pessoas ouvintes ingressaram na educação e concluíram o ensino médio e o superior, sem grandes dificuldades, as pessoas surdas, que tiveram acesso apenas à educação especial, enfrentaram um percurso mais lento e, concluíram o ensino médio tardiamente, sendo que a maioria deles não chegou a ingressar no ensino superior.

Essa etapa abrange apenas os surdos da cidade de Serra Talhada, considerando que, antes de 1981, os surdos nascidos e criados no interior eram marginalizados e não tinham acesso à educação. Antes desse período até, especificamente, o ano 1981, as pessoas surdas com 50 anos de idade não conseguiam desenvolver boa compreensão da língua de sinais em Serra Talhada. Desse modo, percebe-se que o contato entre os surdos tem contribuído para a aprendizagem e a comunicação em Libras.

O terceiro grupo, composto por sujeitos surdos acima de 50 anos, corresponde à terceira etapa que remete aos anos de 1950. Esse público estudou no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, pois não havia escolas para surdos no estado de Pernambuco. Após o período no INES, muitos retornaram ao estado e se estabeleceram em Recife.

A realização desta pesquisa é de suma importância para a comunidade surda de Serra Talhada, uma vez que os surdos dessa cidade tiveram acesso mais precoce à língua de sinais, devido ao contato com o grupo que estudou em Recife. Já nas demais regiões do estado, a chegada da Libras ocorreu de forma tardia, o que resultou em atraso educacional significativo para surdos com mais de 50 anos, especialmente para os moradores do sertão, que foram os mais prejudicados e, em sua maioria, inseridos na escola fora da idade adequada.

Vale destacar os três níveis de ensino: fundamental, médio e superior. Nas escolas de nível fundamental, muitos alunos surdos abandonaram os estudos pela ausência de intérpretes de Libras, já que, por várias décadas, as disciplinas eram ministradas apenas de forma oral. Mesmo com a conclusão do ensino médio, muitos surdos não ingressaram na universidade, pois não utilizavam o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) — que exige proficiência em leitura e escrita em língua portuguesa, especialmente na produção de redação — e desconheciam as regras de transcrição da Libras, o que contribuiu para o reduzido número de surdos no ensino superior.

Esse prejuízo educacional da comunidade surda no sertão pernambucano decorre do fato de que a disseminação da Libras ocorreu primeiramente na capital, expandindo-se

gradualmente para a Zona da Mata, depois para o Agreste e, somente anos mais tarde, para o Sertão.

Os sujeitos surdos desta pesquisa tiveram seus nomes e dados pessoais preservados. Assim, são identificados como sujeito 1, 2, 3...32 (S1, S2, S3... S32). No Quadro a seguir, apresenta-se uma breve descrição do perfil dos sujeitos, destacando elementos relevantes ao período em que as entrevistas foram realizadas:

Quadro 1: Perfil dos sujeitos da pesquisa

SUJEITO 1 (S1) Tem 27 anos, é do sexo masculino, surdo e nascido de pais ouvintes (não usuários da Libras). Concluiu o ensino médio em escola comum²⁷ da rede pública de ensino e em escola voltada para a educação especial. Convive com sua comunidade surda.
SUJEITO 2 (S2) Tem 55 anos, é do sexo feminino, surda, nascida de pais ouvintes e casada com o sujeito 18. Aprendeu Libras em São Paulo com a comunidade surda local apenas aos 30 anos de idade, quando também concluiu o ensino médio em uma escola pública.
SUJEITO 3 (S3) Tem 34 anos, é do sexo masculino, surdo, primo da sujeito 4. Nascido de pais ouvintes. Concluiu o ensino superior em uma universidade pública, no período da entrevista desta pesquisa. Atualmente, trabalha como professor de Libras em uma escola pública.
SUJEITO 4 (S4) Tem 26 anos, é do sexo feminino, surda, aprendeu Libras por meio de atendimento médico de fonoaudiologia aos 7 anos de idade. Nascida de pais ouvintes (não usuários da Libras), está cursando o 3º ano do ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino.
SUJEITO 5 (S5) Tem 38 anos, é do sexo masculino, surdo, ex-presidente da Associação de Surdos de Serra Talhada. Nascido de pais ouvintes (não usuários da Libras), teve uma filha de CODA²⁸. Concluiu o ensino médio em Educação de Jovens e Adultos-EJA da rede pública de ensino e convive com a comunidade surda de seu município.
SUJEITO 6 (S6)

Tem 26 anos, é do sexo masculino, surdo, nascido de pais ouvintes, participou de treinamentos e campeonatos estaduais de futsal. Em 2015, iniciou o convívio com a comunidade surda. Cursava o Ensino Fundamental II em uma escola voltada para a educação especial da rede pública de ensino.

SUJEITO 7 (S7)

Tem 28 anos, é do sexo feminino, surda e casada com o sujeito 17. Nascida de pais ouvintes em Maceió, morou no Rio de Janeiro, cidade onde aprendeu Libras no INES. Atualmente, reside em Serra Talhada. Cursou o ensino fundamental em uma escola comum da rede pública de ensino.

SUJEITO 8 (S8)

Tem 38 anos, é do sexo masculino, surdo, aprendeu Libras na escola aos 13 anos de idade. Nascido de pais ouvintes. Concluiu o ensino médio em uma escola regular da rede pública de ensino.

SUJEITO 9 (S9)

Tem 28 anos, é do sexo feminino, surda e participou de um curso de extensão de Libras apenas aos 17 anos de idade. Nascida de pais ouvintes. Concluiu o ensino superior em uma universidade comum da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.

SUJEITO 10 (S10)

Tem 39 anos, é do sexo masculino, surdo e casado com o sujeito 19. Nascido de pais ouvintes. Cursou, em 2013, o 4º ano do ensino fundamental I em uma escola da rede pública de ensino. Convive com a comunidade surda local.

SUJEITO 11 (S11)

Tem 47 anos, é do sexo feminino, surda e nascida de pais ouvintes (não usuários da Libras). Concluiu o ensino médio em uma escola regular da rede pública de ensino e convive com os surdos de sua comunidade.

SUJEITO 12 (S12)

Tem 29 anos, é do sexo masculino, surdo, e teve uma filha de CODA. Nascido de pais ouvintes (não usuários da Libras), cursou o 3º ano do ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial. Aprendeu Libras na escola aos 7 anos de idade.

SUJEITO 13 (S13)

Tem 21 anos, é do sexo masculino, surdo. Nascido de pais ouvintes. Concluiu o ensino médio em uma escola regular da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.

SUJEITO 14 (S14)

Tem 38 anos, é do sexo feminino, surda, nascida de pais ouvintes (não usuários da Libras) e tem uma filha ouvinte da CODA. Aprendeu Libras na educação especial em uma escola pública aos 7 anos de idade. Concluiu o ensino superior em uma universidade particular. Atualmente, é professora de Libras em uma escola pública.

SUJEITO 15 (S15)

Tem 46 anos, é do sexo masculino, surdo. Nascido de pais ouvintes. Concluiu o ensino superior em uma universidade particular. Atualmente, é professor de Libras em uma escola pública.

SUJEITO 16 (S16)³⁰

Tem 43 anos, é do sexo feminino, surda. Nascida de pais ouvintes. Conviveu com a comunidade surda de seu município e cursa o 4º ano do ensino fundamental II em uma escola regular da rede pública de ensino.

SUJEITO 17 (S17)

Tem 31 anos, é do sexo masculino, surdo, nascido de pais ouvintes que não utilizam a Libras. Concluiu parcialmente o ensino fundamental II em uma escola da educação especial da rede pública de ensino e está integrado à sua comunidade surda.

SUJEITO 18 (S18)

Tem 54 anos, é do sexo masculino, surdo, nascido de pais ouvintes (não usuários da Libras) e casado com o sujeito 2. Cursou o ensino fundamental II (incompleto) em escola regular da rede pública de ensino. Convive com sua comunidade surda.

SUJEITO 19 (S19)

Tem 47 anos, é do sexo feminino, surda e casada com o sujeito 10. Nascida de pais ouvintes. Concluiu o ensino médio em Educação de Jovens e Adultos - EJA em uma escola pública.

SUJEITO 20 (S20)

³⁰ A Sujeito 3 veio a óbito em janeiro de 2025. Nossa reverência e homenagem: *In memoriam*.

Tem 39 anos, é do sexo masculino, surdo e casado com o sujeito 22. Nascido de pais ouvintes. Aprendeu a Libras diretamente com a comunidade surda de Petrolina. Concluiu o ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino.

SUJEITO 21 (S21)

Tem 43 anos, é do sexo feminino, surda, nascida de pais ouvintes (não usuários da Libras) e teve uma filha ouvinte de CODA. Coursou o Ensino Fundamental II (incompleto) em uma escola comum da rede pública de ensino.

SUJEITO 22 (S22)

Tem 39 anos, é do sexo feminino, surda, nascida de pais ouvintes e teve um filho de CODA. Concluiu o ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.

SUJEITO 23 (S23)

Tem 17 anos, é do sexo feminino, surda. Nascida de pais ouvintes. Está cursando o 8º ano do ensino fundamental II em uma escola regular da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.

SUJEITO 24 (S24)

Tem 25 anos, é do sexo masculino, surdo. Nascido de pais ouvintes. Aprendeu Libras na escola aos 12 anos de idade, e concluiu o ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.

SUJEITO 25 (S25)

Tem 35 anos, é do sexo feminino, surda. Nascida de pais ouvintes. Teve contato com a Libras na escola aos 12 anos de idade. Coursou o 1º ano do ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino.

SUJEITO 26 (S26)

Tem 49 anos, é do sexo masculino, surdo. Nascido de pais ouvintes. Coursou o ensino fundamental I em uma escola comum da rede pública de ensino.

SUJEITO 27 (S27)

Tem 28 anos, é do sexo feminino, surda. Nascida de pais ouvintes. Aprendeu Libras na escola aos 14 anos de idade e cursa o 6º ano do ensino fundamental II em uma escola comum da rede pública de ensino.

SUJEITO 28 (S28)

Tem 28 anos, é do sexo feminino, surda, nascida de pais ouvintes (não usuários da Libras). Teve contato com a Libras na escola aos 14 anos de

idade. Concluiu o ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.
SUJEITO 29 (S29) Tem 17 anos, é do sexo feminino, surda, prima do sujeito 16. Nascida de pais ouvintes (não usuários da Libras). Cursou o ensino médio em uma escola comum da rede pública de ensino.
SUJEITO 30 (S30) Tem 24 anos, é do sexo feminino, surda. Nascida de pais ouvintes. Cursou o ensino fundamental II em uma escola comum da rede pública de ensino e em uma escola voltada para a educação especial.
SUJEITO 31 (S31) Tem 39 anos, é do sexo feminino, surda, irmã do sujeito 32. Nascida de pais ouvintes. Cursou o ensino fundamental II em uma escola comum da rede pública de ensino. Trabalha como auxiliar de serviços gerais no hospital.
SUJEITO 32 (S32) Tem 41 anos, é do sexo feminino, surda. Nascida de pais ouvintes. Cursou o ensino fundamental II em uma escola comum da rede pública de ensino.

Fonte: Elaborado pelo autor.

De modo geral, o perfil detalhado dos sujeitos no Quadro 1 revela uma característica relevante para esta pesquisa: todos são filhos de pais ouvintes não sinalizantes. Em um contexto familiar no qual predominam ouvintes, a interação com indivíduos surdos ocorre majoritariamente por meio de mímicas, oralização e gestos.

Nessa dinâmica, a Libras não exerce papel significativo na comunicação entre esses familiares ouvintes e seus filhos surdos. Essa condição é relevante para a análise da aquisição da linguagem, pois, em contextos de escolas de educação especial nos quais a Libras é a L1 (primeira língua), a situação familiar pode ter representado um desafio inicial para o pleno desenvolvimento linguístico na infância. A aquisição da Libras, portanto, deu-se predominantemente pela interação e pelo convívio com a comunidade surda local, e não no ambiente familiar primário. Todos os participantes possuem ou possuíram experiência com a escola pública.

Essa condição é relevante porque a ausência de acesso à língua na primeira infância (aquisição tardia da Libras) é um fator que, conforme a literatura, pode ter representado

um desafio inicial para o desenvolvimento linguístico e, em especial, para a aprendizagem do Português Escrito como Língua 2 (L2). Por esse motivo, selecionou-se intencionalmente esse grupo, que apresenta variação sintática em Libras devido ao desenvolvimento natural da aquisição da primeira língua — e cuja experiência, incluindo a chegada tardia à escola, fornece dados ricos para a análise da relação entre L1 (Libras) e L2 (português escrito) em diferentes níveis de escolarização.

A instituição onde os alunos estudam ou estudaram é uma escola estadual de referência para pessoas surdas, vinculada ao Governo do Estado de Pernambuco, localizada na cidade de Serra Talhada-PE. Essa escola oferece turmas que vão do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Todos os alunos surdos frequentam ou frequentaram essa escola estadual.

4.1.3. Vídeos do YouTube relacionados à pandemia de COVID-19 e divulgados pela Associação de Surdos de Serra Talhada

Os sujeitos participantes dessa pesquisa tiveram seus vídeos do YouTube analisados por estarem relacionados à pandemia de COVID – 19. Esses vídeos foram divulgados pela Associação de Surdos de Serra Talhada. Constituíram-se da seguinte forma: uso de uma câmera posicionada por meio de enquadramento retangular, no qual todos os ângulos são retos. Essa configuração permite uma captação minuciosa dos aspectos espaciais e articulatórios envolvidos. Conforme a orientação de Quadros (2016, p.28): “[...] A primeira câmera foca no sinalizante à direita, a segunda no sinalizante à esquerda, a terceira nos dois sinalizantes de frente e a quarta nos sinalizantes de cima para baixo”. Com base nessas orientações, a câmera focalizou exclusivamente o ângulo da pessoa sinalizante entrevistada. As filmagens compreenderam tanto uma entrevista de conversação livre quanto a produção de sinais com vocabulário específico, com base na visualização desses vídeos.

Para as análises conduzidas, foram selecionadas as sinalizações que correspondem à ordem básica de constituintes, seja OV ou VO.

O segundo registro, desenvolvido especificamente para esta pesquisa, foi obtido por meio de entrevista realizada via *WhatsApp* com alguns dos participantes da geração dos dados.

A coleta foi efetuada mediante a gravação realizada diretamente pelo celular do pesquisador.

O roteiro da entrevista abordou, de forma individualizada, aspectos relacionados à enunciação gramatical durante o período da pandemia de Covid-19, bem como ao uso do vocabulário dos sinais novos na sentença frasal: FICA EM CASA.

4.2. Geração de dados

A geração de dados iniciou na região do Sertão do Alto Pajeú em Pernambuco, com a participação de homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Os dados foram coletados na comunidade surda em Serra Talhada de diferentes faixas etárias (15 a 29 anos, 30 a 49 anos e acima de 50 anos), além das variáveis sexo e escolaridade. Para a descrição das células sociais, foram utilizados os códigos apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2: Códigos para descrição das células sociais

Sexo		Escolaridade		Idade	
Categoria	Código	Categoria	Código	Categoria	Código
Masculino	M	Ensino Fundamental	EF	De 15 a 29 anos	10
Feminino	F	Ensino Médio e Superior	EMS	De 30 a 49 e acima de 50 anos	20

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 2, a caracterização das células sociais organiza-se em três categorias associadas aos respectivos códigos. A primeira refere-se ao sexo: "M" para masculino e "F" para feminino. A segunda diz respeito ao nível de escolaridade: "EF" para ensino fundamental e "EMS" para ensino médio e superior. A terceira corresponde à faixa etária: de 15 a 29 anos (código 10) e de 30 a 49 anos e acima de 50 anos (código 20).

Com base nesses códigos, foram definidas as células apresentadas no quadro a seguir, cada uma composta de forma a totalizar os 32 sujeitos surdos:

Quadro 3: Células sociais

M – EF – 10	F – EF – 10
M – EMS – 10	F – EMS – 10
M – EF – 20	F – EF – 20

M – EMS – 20	F – EMS – 20
--------------	--------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 3, os códigos representam um sistema de células sociais organizado com base nos fatores linguísticos e extralinguísticos desta pesquisa, garantindo a organização da análise da estrutura sintática na Libras.

Os dados foram gerados com sujeitos surdos de Serra Talhada, no estado de Pernambuco, pertencentes à comunidade surda de Libras. A geração de dados foi dividida em três partes. A primeira consiste em sessões gravadas em vídeo, com aproximadamente 2 minutos de apresentação por participante, sem a presença do pesquisador. Na segunda parte, os participantes responderam a perguntas sobre seu perfil, para possibilitar o levantamento das variáveis sociais. As perguntas foram:

- Qual é o seu nome?
- Qual é a sua idade?
- Onde você mora e há quanto tempo você mora nesse local?
- Qual a escola que você frequentou? Com qual idade?
- Com que idade você aprendeu Libras?
- Você já se formou na escola ou faculdade?

A terceira parte da geração de dados — implementada como alternativa ao distanciamento social decorrente da pandemia do Covid-19 — consistiu na análise de um vídeo publicado no *YouTube* — intitulado *ASST fica em casa*, disponível no link: <http://www.youtube.com/watch?v=TJ2KKzKVz-w>.

Esse vídeo é de extrema relevância metodológica, pois foi produzido pela Associação dos Surdos de Serra Talhada (ASST), entidade da qual fazem parte tanto os sujeitos da pesquisa quanto a comunidade surda local. A utilização desse material permitiu analisar a produção da Libras em contexto real e autêntico por membros da comunidade surda de Serra Talhada, servindo como geração de dados para a análise proposta, em substituição à coleta presencial.

Foram observados 32 vídeos publicados na plataforma do *Youtube*, e verificou-se que tanto as pessoas surdas como as ouvintes sinalizam o verbo FICAR, como se vê na figura a seguir:

Figura 30: Publicação na pandemia da Covid-19



Fonte: Prefeitura Municipal de Serra Talhada (2020).

A observação limitou-se aos vídeos nos quais os sujeitos surdos desta pesquisa realizaram publicações, durante a pandemia de Covid-19, utilizando a frase "FICA EM CASA". Nesse caso, não foram realizadas entrevistas adicionais.

No perfil oficial da Prefeitura Municipal de Serra Talhada foi divulgada uma campanha de conscientização sobre a pandemia de Covid-19, com a finalidade de garantir a saúde da população local. No entanto, pela falta de acessibilidade a essas informações em Libras, surdos brasileiros produziram seus próprios vídeos com a mensagem "FICA EM CASA" e os publicaram no YouTube e no WhatsApp, demonstrando a criatividade resultante da colaboração entre surdos e ouvintes. A divulgação desses vídeos foi autorizada pelos participantes.

Ressalta-se que a análise dos dados considerou, primeiramente, um levantamento de todas as produções que compuseram a seleção de vídeos do YouTube da pandemia, evidenciando a ordem em que os elementos das sentenças se manifestaram e o número de ocorrências dessas ordens. Na frase #FICA EM CASA#, foram analisados os aspectos que poderiam motivar uma dada ordem dos elementos nas sentenças produzidas pelos participantes.

4.3. Método Estatístico

O Teste U ou *Wilcoxon rank-sum Test* foi desenvolvido primeiramente por F. Wilcoxon, em 1945, para comparar tendências centrais de duas amostras independentes de tamanhos iguais. Posteriormente, em 1947, H.B. Mann e D.R. Whitney generalizaram a técnica para amostras de tamanhos diferentes.

O Teste *U* pode ser considerado a versão não paramétrica do teste *t* para amostras independentes. A importância desse método reside no fato de ser indicado para comparação de dois grupos não pareados, a fim de verificar se pertencem à mesma população, sendo a opção robusta quando os requisitos de normalidade para aplicação do teste *t* de *Student* não são cumpridos. No caso desta pesquisa, esse instrumento torna-se fundamental na comparação entre agrupamentos dos sujeitos surdos e na compreensão das variáveis sociais como idade, sexo e escolaridade.

Ao contrário do teste *t*, que verifica a igualdade das médias, o teste de Mann-Whitney (*U*) testa a igualdade das medianas. Os valores de *U* calculados avaliam o grau de entrelaçamento dos dados dos dois grupos após a ordenação. Uma maior separação dos dados, após essa ordenação, indica que as amostras são provenientes de populações distintas, rejeitando-se, assim, a hipótese de igualdade das medianas (Mann & Whitney, 1947).

Para a aplicação do Teste de Mann-Whitney *U* na comparação dos dois grupos de sujeitos surdos (amostra 1 e amostra 2), o procedimento inicial exigiu que os valores dos *tokens* de cada amostra fossem combinados e ordenados. Após a combinação, foi atribuído um *ranking* (posição) a cada valor de *token* das duas amostras, sendo este o primeiro passo para a obtenção da estatística *U*.

Em seguida, a estatística de Mann-Whitney foi calculada utilizando as seguintes equações:

Cálculo da estatística de Mann-Whitney

$$U_1 = n_1 n_2 + \frac{n_1(n_1 + 1)}{2} - R_1 \quad (1)$$

$$U_2 = n_1 n_2 + \frac{n_2(n_2 + 1)}{2} - R_2 \quad (2)$$

Onde:

- U_1 e U_2 são os valores calculados da estatística de Mann-Whitney;
- n_1 e n_2 representam o número de elementos (participantes ou *tokens*) em cada uma das duas amostras comparadas;
- R_1 é a soma dos *rankings* atribuídos aos *tokens* da primeira amostra;
- R_2 é a soma dos *rankings* atribuídos aos *tokens* da segunda amostra.

O valor da estatística U a ser utilizado para a comparação com o valor crítico é sempre o menor valor entre U_1 e U_2 .

Após o cálculo dos valores U_1 e U_2 com base no *ranking* dos *tokens* de cada amostra, o passo subsequente foi a comparação do valor da estatística U obtido com o valor crítico correspondente. O valor de U a ser considerado para comparação é sempre o menor entre U_1 e U_2 .

Tabela 4: Tabela de estatística real

Tabela de valores críticos - Mann Whitney																				
1- tail test at $\alpha = 0.025$ or 2- tail test at $\alpha = 0.05$																				
		N_1																		
N_2	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1																				
2								0	0	0	0	1	1	1	1	1	2	2	2	2
3					0	1	1	2	2	3	3	4	4	5	5	6	6	7	7	8
4				0	1	2	3	4	4	5	6	7	8	9	10	11	11	12	13	13
5			0	1	2	3	5	6	7	8	9	11	12	13	14	15	17	18	19	20
6			1	2	3	5	6	8	10	11	13	14	16	17	19	21	22	24	25	26
7			1	3	5	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34
8	0	2	4	6	8	10	13	15	17	19	22	24	26	29	31	34	36	38	41	41
9	0	2	4	7	10	12	15	17	20	23	26	28	31	34	37	39	42	45	48	48
10	0	3	5	8	11	14	17	20	23	26	29	33	36	39	42	45	48	52	55	55
11	0	3	6	9	13	16	19	23	26	30	33	37	40	44	47	51	55	58	62	62
12	1	4	7	8	14	18	22	26	29	33	37	41	45	49	53	57	61	65	69	69
13	1	4	8	12	16	20	24	28	33	37	41	45	50	54	59	63	67	72	76	76
14	1	5	9	13	17	22	26	31	36	40	45	50	55	59	64	67	74	78	83	83
15	1	5	10	14	19	24	29	34	39	44	49	54	59	64	70	75	80	85	90	90
16	1	6	11	15	21	26	31	37	42	47	53	59	64	70	75	81	86	92	98	98
17	2	6	11	17	22	28	34	39	45	51	57	63	67	75	81	87	93	99	105	105
18	2	7	12	18	24	30	36	42	48	55	61	67	74	80	86	93	99	106	112	112
19	2	7	13	19	25	32	38	45	52	58	65	72	78	85	92	99	106	113	119	119
20	2	8	13	20	27	34	41	48	55	62	69	76	83	90	98	105	112	119	127	127

Fonte: Mann & Whitney, (1947).

Para a determinação do valor crítico foi utilizada a Tabela 4: “Tabela de estatística real”, baseada em Milton (1964). Ela fornece os valores críticos da estatística de Mann-Whitney para um determinado nível de significância (usualmente 5% ou $p < 0,05$), considerando os tamanhos de amostra n_1 e n_2 .

O valor crítico é encontrado na intersecção da linha correspondente ao tamanho da amostra n_1 e da coluna correspondente ao tamanho da amostra n_2 .

O critério de decisão estatística empregado foi:

- **Rejeita-se a Hipótese Nula** (e as amostras são consideradas estatisticamente distintas) se o valor da estatística U calculado for menor ou igual ao valor crítico da Tabela 4.
- **Aceita-se a Hipótese Nula** (e não há evidências de que as amostras sejam distintas) se o valor da estatística U calculado for maior que o valor crítico da Tabela 4.

O valor da estatística de Mann-Whitney (U), utilizado para o teste de hipótese, é sempre o mínimo entre U_1 e U_2 . Este valor é, então, comparado ao U crítico, obtido a partir da tabela de estatística.

Calculado o valor de U

Se U calculado $<$ U crítico: (3)

Rejeitamos H_0

U crítico = n (4)

U calculado = $\min(U_1 \text{ e } U_2)$ (5)

U calculado = n (6)

U calculado $>$ U crítico (7)

Não rejeitamos H_0

Quando o tamanho das amostras (n_1 e n_2) excede o limite da tabela de estatística, o Teste de Mann-Whitney aproxima-se de uma distribuição normal. Nesses casos, a análise foi realizada por meio da estatística Z (*score Z*), que é calculada conforme a seguinte fórmula:

Calcular um valor de Z

$$Z = \frac{U_{OBS} - U_{ESP}}{EP_U} \quad (8)$$

Onde:

- Z é a estatística padronizada a ser comparada com o valor crítico da distribuição normal;
- U_{OBS} é o valor da estatística U observada e calculada (o menor entre U_1 e U_2);
- U_{ESP} é o valor de U esperado sob a hipótese nula;
- EP_U é o erro padrão de U .

O cálculo do valor Z é empregado quando o tamanho das amostras sugere a aproximação à distribuição normal, substituindo a comparação direta com a tabela U .

O procedimento para a tomada de decisão estatística é o seguinte:

1. Obtenção dos Valores:

- O valor de Z calculado é obtido por meio da fórmula padronizada.
- O valor de Z crítico é um número constante obtido a partir da tabela da distribuição normal padronizada, correspondendo ao nível de significância (α) previamente estabelecido para a pesquisa (e.g., Z crítico = 1,96 para um teste bicaudal com $\alpha = 0,05$).

2. Critério de Decisão³¹:

- Se Z calculado $> Z$ crítico: rejeita-se a Hipótese Nula (H_0). Esta condição indica uma diferença estatisticamente significativa entre as distribuições das duas amostras de *tokens*.
- Se Z calculado $\leq Z$ crítico: não se rejeita a Hipótese Nula (Aceita-se H_0). Isso sugere que não há evidências estatísticas suficientes para afirmar que as amostras são distintas.

³¹ Nota: A rejeição de H_0 implica a aceitação da **Hipótese Alternativa (H_A)**, que, neste caso, postula que as tendências centrais das duas populações de *tokens* são diferentes.

Para a conclusão do teste estatístico e a determinação da probabilidade de erro (valor P), foi utilizado o valor de Z calculado. O cálculo do valor P foi realizado com o auxílio do *software* Microsoft Excel, aplicando-se a função de distribuição normal padronizada para um teste bicaudal.

A fórmula específica utilizada no Excel foi:

$$P = (1 - \text{DIST.NORMP.N}(Z \text{ calculado}; \text{VERDADEIRO})) \times 2$$

Neste cálculo:

- A função DIST.NORMP.N (Distribuição Normal Padrão) retorna a probabilidade acumulada até o Z calculado;
- A subtração de 1 (1 - ...) calcula a área da cauda superior;
- A multiplicação por 2 (*2) converte o valor para um teste bicaudal (duas caudas), adequado para testar diferenças em ambas as direções.

O valor P obtido foi, então, comparado ao nível de significância (α) estabelecido ($p < 0,05$); se o valor P fosse menor que α , a hipótese nula seria rejeitada, confirmando a diferença significativa entre os grupos.

4.4. Definição de variáveis

A variável principal desta análise é a Ordem Básica dos Constituintes na Libras, alinhando-se aos fundamentos essenciais da Teoria da Variação Linguística. Para tanto, é indispensável, primeiramente, reconhecer as dimensões linguísticas e extralinguísticas envolvidas. As variáveis linguísticas foram definidas e quantificadas na geração de dados de *tokens* da seguinte forma:

Quadro 4: Variáveis linguísticas consideradas na análise de dados

Variável	Definição	Método de contagem
Ordem OV	Ocorrência em que o Objeto Direto ou Objeto Indireto precede o verbo na estrutura sintática em Libras.	Contagem do número total de <i>tokens</i> que exibem a sequência OV em cada grupo de sujeitos surdos.

Ordem VO	Ocorrência em que o Verbo precede o Objeto Direto ou Objeto Indireto na estrutura sintática em Libras.	Contagem do número total de <i>tokens</i> que exibem a sequência VO em cada grupo de sujeitos surdos.
----------	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor.

O número total de *tokens* contados para as variáveis OV e VO, em cada amostra (n_1 e n_2), serviu como dado de entrada para o Teste de Mann-Whitney, permitindo ranquear e comparar as frequências entre os grupos para determinar a significância estatística da variação observada.

A análise da variação sintática em Libras — especificamente a frequência das ordens OV e VO — foi correlacionada com variáveis extralinguísticas, que serviram como fatores de agrupamento para o Teste de Mann-Whitney. Essas variáveis permitiram dividir os sujeitos surdos em dois grupos comparáveis, com o objetivo de verificar se as diferenças linguísticas são estatisticamente significativas.

Quadro 5: Variáveis extralinguísticas consideradas na análise de dados

Variável	Definição	Grupos (amostras para Teste U)
Nível de escolaridade	O nível mais alto de escolaridade formal concluído ou em curso pelos sujeitos surdos.	Amostra 1: Sujeitos com menor tempo/nível de escolaridade. Amostra 2: Sujeitos com maior tempo/nível de escolaridade.
Faixa Etária	Surdos com até 29 anos (Grupo Jovem) e Surdos com mais de 30 anos (Grupo Adulto).	Amostra 1 (Jovens): Idade ≤ 29 anos. Amostra 2 (Adultos): Idade > 30 anos.
Sexo	A categorização de sexo dos participantes.	Amostra 1: Sujeitos do sexo masculino. Amostra 2: Sujeitos do sexo feminino.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise da variação na frequência de uso das ordens OV e VO foi segmentada e correlacionada com três variáveis extralinguísticas: faixa etária, sexo e escolaridade.

Essas variáveis serviram como fatores de agrupamento (Variáveis Independentes) para a realização dos Testes de Mann-Whitney, permitindo verificar se a variação linguística é estatisticamente significativa em função de fatores sociais.

A aplicação do Teste de Mann-Whitney buscou, em cada uma dessas divisões (faixa etária, sexo e escolaridade), determinar se o valor de U calculado justificaria a rejeição da hipótese nula, indicando se o fator social (idade, sexo ou escolaridade) influencia significativamente a variação no uso das ordens OV e VO.

Com os procedimentos metodológicos delineados, o capítulo seguinte apresenta os resultados da análise da variação sintática na comunidade surda de Serra Talhada, com base nos dados coletados.

CAPÍTULO V

ANÁLISE QUANTITATIVA DA ORDEM BÁSICA DE CONSTITUINTES

Este capítulo apresenta a análise quantitativa e os resultados obtidos sobre a ordem básica de constituintes, com base na pesquisa de campo com os sujeitos surdos. O processo de análise consistiu na mensuração da variação sintática em Libras, concentrando-se em dois tipos principais de ordem de constituintes: a ordem Objeto-Verbo (OV) e a ordem Verbo-Objeto (VO). Na primeira análise, considerou-se a configuração em que o objeto direto ou indireto precede o verbo.

A literatura linguística sobre a Libras frequentemente associa a proeminência da ordem OV à influência da inversão de constituintes, em que a informação mais relevante é posicionada no início da sentença (COELHO, MONGUILHOTT E MARTINS, 2009). A ordem VO (verbo-objeto) é caracterizada pela sequência em que o verbo precede o objeto. Embora o estudo seminal de Greenberg (1966) relacione a ordem V-inicial a parâmetros como a possibilidade de sujeito nulo em algumas línguas, a análise desta pesquisa não se concentrou na presença ou ausência do sujeito, nem em sua função como sujeito nulo. O foco recaiu, sobretudo, na variação entre VO e OV no dado coletado, com o objetivo de identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa alternância.

O resultado da análise foi obtido por meio do Teste Estatístico de Mann-Whitney, utilizado para avaliar a relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas. Esse teste não paramétrico foi selecionado por ser adequado à comparação entre dois grupos independentes.

O valor-P no teste de Mann-Whitney representa a probabilidade que reflete as evidências contra a hipótese nula, a qual postula a inexistência de diferenças entre os dois grupos analisados. Em geral, valores-P reduzidos — frequentemente inferiores a 0,05 — indicam que é pouco provável que a diferença observada seja fruto do acaso, conduzindo, assim, à rejeição da hipótese nula e à aceitação de uma hipótese alternativa, que pressupõe a existência de uma diferença efetiva entre os grupos. Por outro lado, valores-P elevados sugerem que não há evidências suficientes para rejeitar a hipótese nula.

O valor-P é utilizado para avaliar as diferenças entre os grupos analisados (homens surdos x mulheres surdas, surdos com menos de 29 anos x surdos com mais de 30 anos, surdos com ensino fundamental x surdos com ensino médio e superior), bem como dentro

de cada grupo. Quando a variação entre os grupos é maior do que a variação observada dentro de cada um deles, aumenta a probabilidade de que a variável linguística esteja efetivamente associada à variável extralinguística, o que tende a resultar em um valor-P menor.

Por fim, foi elaborada uma lista das possíveis variantes relacionadas à ordem básica dos constituintes, permitindo identificar a variação sintática em Libras presente entre os 32 sujeitos surdos.

5.1 Variante A – ordem OV

A Libras é uma língua que apresenta alta flexibilidade na ordem dos constituintes. Embora a ordem VO (Verbo-Objeto) seja frequentemente mencionada como canônica, a ordem OV é também muito comum. A literatura que discute a noção de tópico, frequentemente relaciona a alta ocorrência da ordem OV à influência da "inversão da ordem de constituintes", na qual a informação considerada mais relevante — geralmente o tópico da sentença, que muitas vezes corresponde ao objeto — é posicionada no início da frase.

A contagem de *tokens* que apresentam a sequência OV constitui a variante A desta análise. O exemplo 'CASA FICAR' é um *token* dessa variante, pois o objeto/local ('CASA') precede o verbo ('FICAR'), configurando a ordem Objeto-Verbo (OV), conforme a definição operacional adotada.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 146),

a marca de tópico associada ao sinal topicalizado é seguida por outras marcas não manuais, de acordo com o tipo de construção. Ou seja, pode ser seguida por uma marca não manual de foco (se a sentença for focalizada), de negação (se for negativa), interrogativa (se for interrogativa) (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 146).

Na Libras, esse fenômeno ocorre com maior regularidade, podendo ser considerado como a ordem básica para a organização das sentenças. A estrutura sintática dessa língua apresenta uma ordem natural para a formação das frases; contudo, há um debate – ou pelo menos uma hipótese recorrente - de que a ordem SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), embora frequentemente mencionada, pode não ser a mais utilizada na prática pelos usuários da língua.

Dessa forma, Quadros e Karnopp (2004) apresentam de maneira clara a inversão na ordem de constituintes, segundo a qual o verbo funciona como núcleo principal, havendo

a possibilidade de inverter o objeto e o verbo para o início ou para o final da frase. Ao analisar a variante A na Libras, observa-se que sua realização está fortemente associada às expressões faciais que acompanham a sinalização. Por exemplo, nas frases FICAR CASA ou CASA FICAR, o que determina se se trata de uma construção imperativa é a expressão facial e não um sinal adicional, uma vez que, na Libras, as expressões faciais constituem um argumento fundamental da estrutura gramatical.

A geração de dados selecionado para esta pesquisa reúne dados provenientes da Associação de Surdos de Serra Talhada (ASST), a qual congrega informações de 32 pessoas surdas que representam todas as regiões do Sertão do Alto Pajeú, em Pernambuco. Essas pessoas são reconhecidas pela comunidade surda local como representantes. Desse grupo, foram selecionadas as enunciações de seis mulheres surdas que participaram de vídeos divulgados no YouTube sobre os desafios enfrentados pelos surdos durante a pandemia de Covid-19 em Serra Talhada.

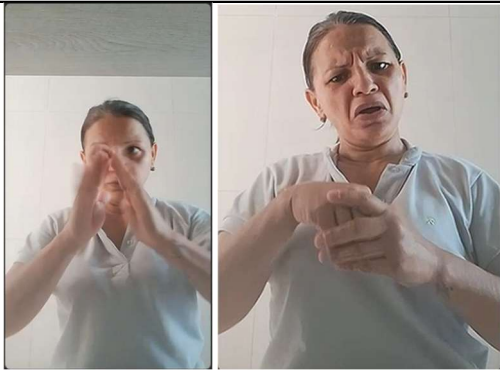
As mulheres surdas destacaram de forma clara sua preocupação e enfatizaram a necessidade de promover maior conscientização dentro da própria comunidade surda. O conteúdo dessas divulgações buscou estimular práticas que reduzissem os riscos relacionados à circulação em espaços públicos. Nesse contexto, observou-se que tanto crianças surdas quanto idosos surdos demonstraram compreender a importância de permanecer em casa como medida preventiva.

Dado o foco nas filmagens, a análise sintática foi restrita às produções desses seis sujeitos surdos que apresentaram ocorrências da variante registrada, cujos conteúdos já contam com transcrições disponíveis, permitindo identificar CASA como objeto inicial e FICAR como verbo. Para localizar o objeto inicial da frase, a tabela 5, a seguir, apresenta a variante utilizada para o item objeto inicial CASA, cuja ordem OV configura uma construção de elevação do objeto.

Tabela 5: Sujeitos e dados analisados na pesquisa de Ordem OV

Sujeitos da pesquisa	Quantidade de sinais novos dos vídeos analisados	Qual é a ordem - OV ou VO - dos vídeos analisados?
Sujeito 2		

 1 - CARRO ~~VENDE~~ AMANTE VENDE. Vendeu do carro do padrasto.	1	OV
Sujeito 14		
 1 - CASA FICAR 2 - FICAR CASA Fica em casa.	1	OV / VO
Sujeito 19		
 1 – CASA FICAR Fica em casa.	0	OV
Sujeito 25		
 1 – CASA FICAR 2 – FICAR CASA	0	OV / VO

Fica em casa.			
Sujeito 31			
 1- CASA FICAR Fica em casa.		0	OV
Sujeito 32			
 1 – CASA FICAR Fica em casa.		0	OV

Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se, na Tabela 5, que seis mulheres surdas produziram a frase "fica em casa". A maioria seguiu a ordem básica OV; contudo, algumas inovações foram identificadas na estrutura sintática. Os sinais novos tendem a apresentar inversões na ordem OV em razão da influência crescente desses usos na formulação final da sentença. Nessa estrutura, o sintagma [CASA] aparece como objeto no início da frase, resultando no deslocamento do argumento que ocupa a posição sintática de objeto do verbo FICAR para o início da sentença afirmativa — o que configura a alternância da ordem direta VO para OV.

Percebe-se, ainda, que a Libras não apresenta artigos definidos equivalentes a *o*, *a*, *os*, *as* da língua portuguesa. Embora seja comum afirmar que esses artigos inexistem na Libras, eles podem ocorrer de maneira implícita, sendo frequentemente omitidos na superfície da frase. Por exemplo, na frase #FICA EM CASA#, há uma ocultação dos

artigos *o, a, os, as*, permanecendo apenas a palavra CASA. Desse modo, o sintagma verbal — constituído pelo verbo e pelo objeto — evidencia a inversão da ordem característica da variante analisada.

A variação sintática em Libras ocorre, com frequência, na ordem básica de constituintes, deslocando um constituinte — como o objeto inicial — para a posição sintática de objeto. Nesse processo, mesmo quando o marcador não-manual característico da forma imperativa (como a elevação das sobrancelhas) incide apenas sobre o constituinte deslocado, esse elemento passa a receber maior destaque em relação ao restante da estrutura frasal.

Ao inverter a ordem canônica (VO), obtém-se o objeto inicial — estrutura presente na Libras que resulta na ordem OV (objeto-verbo). Esse fenômeno corrobora as afirmações de Quadros e Karnopp (2004), evidenciando a flexibilidade discursiva da sintaxe da língua.

Quando uma frase se inicia com a sequência objeto-verbo, não se trata de uma sentença afirmativa, pois, nesse tipo de construção invertida, o sujeito é sempre nulo. Essa configuração tende a produzir a interpretação de frase imperativa. A frase CASA FICAR pode ser comparada às placas com a indicação [É PROIBIDO FUMAR]: em ambos os casos, o enunciado expressa um comando imediatamente compreendido pelo leitor ou pelo sinalizante. Da mesma forma, em CASA FICAR, o objeto é posicionado antes do verbo na Libras, produzindo o efeito de instrução ou orientação direta.

5.2 Variante B – ordem VO

A ordem VO (verbo-objeto) refere-se a um arranjo em que o verbo precede o objeto dentro da frase. A variação sintática em Libras pode ser observada quando esses constituintes — Verbo e Objeto — ocupam posições variáveis na estrutura, como nos casos de objeto inicial. Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004, p. 133) afirmam:

A Ordem das palavras é um conceito básico relacionado com a estrutura da frase de uma língua. O fato de que as línguas podem variar suas ordenações das palavras apresenta um papel signifiante nas análises linguísticas. Por exemplo, Greenberg (1966) observou que de seis combinações possíveis de sujeito (s), objeto (o) e verbo (v), algumas delas são mais comuns do que outras (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 133).

Greenberg (1966) observa que a disposição desses elementos revela uma estrutura com tendências universais: em línguas cuja organização sintática predominante é do tipo

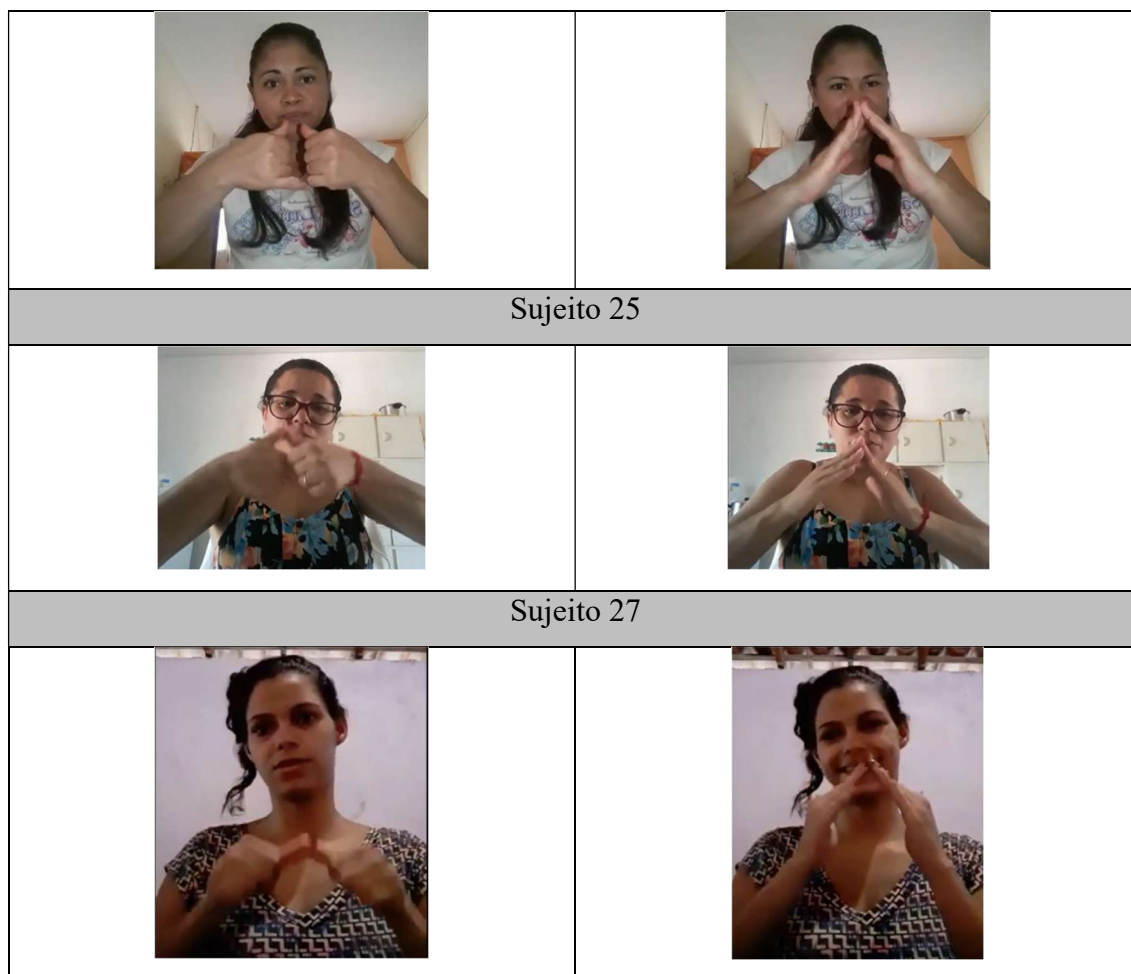
VO, o objeto tende a aparecer após a preposição; já em línguas em que predomina a ordem OV, observa-se a inversão dessa disposição.

Quadros e Karnopp (2004) e Greenberg (1966) demonstram em suas pesquisas a existência de seis combinações possíveis na estrutura sintática das sentenças em Libras. Os resultados desta investigação corroboram as proposições desses autores, evidenciando que as combinações observadas na geração de dados analisados refletem o padrão descrito na literatura.

A Tabela 6, a seguir, apresenta a segunda variante da sentença em Libras, na qual o verbo pode ocorrer com apagamento do argumento, configurando o parâmetro de sujeito nulo:

Tabela 6: Sujeitos surdos e dados analisados na pesquisa de Ordem VO

Sujeitos da Pesquisa	
FICAR (V)	CASA (O)
Sujeito 12	
	
Sujeito 15	
	
Sujeito 21	



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 6, observa-se que a sentença se inicia pelo verbo, seguido do objeto com uma marca de caso. Essa configuração evidencia a estrutura sintática da Libras como um elemento do sintagma verbal — unidade cujo núcleo é o verbo e que apresenta uma posição disponível para o argumento objeto CASA.

Nesse sentido, o pronome de segunda pessoa (VOCÊ) nem sempre é sinalizado, pois diversos verbos incorporam o argumento que ocupa a posição sintática de sujeito por meio do movimento. O sinalizante é interpretado como sujeito de segunda pessoa, exceto quando indica explicitamente outra pessoa do discurso como sujeito do verbo.

O português sinalizado busca reproduzir literalmente a ordem básica de constituintes da língua portuguesa, representando cada palavra com um sinal correspondente, mantendo a sequência típica do português. Não se trata de uma língua natural, mas de um empréstimo da estrutura do português: quem o utiliza mantém a ordem das palavras do português (Sujeito + Verbo + Objeto) e apenas substitui cada palavra por um sinal — por exemplo, "Eu vou à escola" é sinalizado como [EU] + [VOU] + [PARA] + [ESCOLA].

Contudo, essa abordagem tende a resultar em comunicação de difícil compreensão para usuários da Libras, pois desconsidera sua lógica visual e espacial — elementos fundamentais de sua estrutura gramatical. A organização dos sinais na Libras, portanto, segue princípios próprios de uma lógica visual distinta das regras gramaticais do português.

No sintagma verbal, é possível observar casos em que o verbo aparece antes do objeto, seguindo a ordem direta das sentenças. Já em exemplos de sintagmas verbais afirmativos, o verbo pode ser posicionado após o objeto. Considera-se, assim, a posição do núcleo verbal como parâmetro para identificar a ordem dos constituintes. Em construções em que o verbo ocorre depois do objeto — como em FICAR CASA —, a palavra CASA funciona como objeto e FICAR constitui o núcleo verbal, configurando a sequência objeto seguido de verbo.

A variante A apresenta, no início da sentença, o objeto seguido do verbo. Já a variante B inicia a sentença pelo núcleo verbal seguido do objeto. O resultado dessas duas variantes é apresentado na próxima seção.

5.3 Análise estatística de probabilidade

A presente seção tem como objetivo analisar a variação sintática em Libras por meio do Teste U de Mann-Whitney — uma investigação das regras variáveis voltada a quantificar e testar a significância de múltiplos fatores que podem influenciar as escolhas dos usuários de uma língua entre formas linguísticas variáveis. Os pesos resultantes desse teste — aqui denominados provisoriamente de "probabilidades" — precisam ser interpretados em relação à probabilidade de entrada ou à probabilidade total de uso de uma variante específica, sem considerar a influência de qualquer fator individual do ambiente.

Os dados demográficos coletados junto aos sujeitos sinalizantes possibilitaram a codificação desses fatores. A Tabela a seguir apresenta as características dos sujeitos surdos:

Tabela 7: Características dos Sujeitos Surdos pela frequência percentual

Variáveis sociais		Sujeitos	Porcentagem
	Feminino	18	56%

Sexo	Masculino	14	44%
	Total	32	100%
Faixa Etária	15-29	14	44%
	30-49	16	50%
	50+	2	6%
	Total	32	100%
Escolaridade	Nível Fundamental	16	50%
	Nível Médio	13	40%
	Nível Superior	3	10%
	Total	32	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme a Tabela 7, o fator "sexo" divide-se em dois tipos: feminino e masculino. No grupo estudado, verificaram-se 18 mulheres e 14 homens, revelando uma distribuição praticamente equilibrada entre os sexos. No que se refere ao fator "faixa etária", identificaram-se três grupos distintos: o primeiro reúne jovens entre 15 e 29 anos, totalizando 14 sujeitos surdos; o segundo abrange adultos de 30 a 49 anos, totalizando 16 sujeitos surdos; e o terceiro é composto por dois idosos. A faixa etária formada por adultos e idosos representa, portanto, um percentual superior ao grupo de jovens. Quanto ao fator "escolaridade", os sujeitos surdos foram distribuídos em três níveis: ensino fundamental (16 sujeitos), ensino médio (13) e ensino superior (3). Observa-se, assim, que 50% dos sujeitos estão concentrados no ensino fundamental, 40% no ensino médio e 10% no ensino superior.

Os resultados dos dados analisados são apresentados nas tabelas da próxima seção, expressos em percentuais das variações linguísticas referentes às variantes sintáticas em Libras — sentença do tipo OV ou sentença do tipo VO —, organizados e analisados segundo os fatores sociais: sexo, idade e escolaridade.

5.3.1 Variável por escolaridade

A variação das estruturas de sentença (OV e VO) foi quantitativamente verificada e está diretamente relacionada aos diferentes níveis de escolaridade na população surda estudada. Os dados demonstram que essa variação sintática se manifesta de forma mais

evidente em três grupos principais de sujeitos surdos: ensino fundamental — grupo no qual se concentra a maioria das pessoas surdas investigadas —, ensino médio — grupo intermediário — e ensino superior — grupo com menor número de sujeitos.

Essa variação, que serve como base para a comprovação quantitativa das variantes OV e VO, pode ser observada em detalhes na Tabela 8:

Tabela 8: Variantes das ordens OV e VO distribuídas por escolaridade

Escolaridade	Variante A Ordem OV	Variante B Ordem VO	Total
Ensino fundamental	11 (34%)	5 (16%)	16 (50%)
Ensino médio	9 (28%)	3 (9%)	12 (40%)
Ensino superior	3 (9%)	1 (4%)	4 (10%)
Total	23 (71 %)	9 (29%)	32 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 8 demonstra que doze pessoas surdas com o ensino médio completo sabem usar, de forma adequada, a ordem básica de constituintes e a gramatical em Libras — constatação pode ser associada ao conhecimento que esses sujeitos surdos já possuem da língua de sinais e da língua portuguesa. Por outro lado, dezesseis dos sujeitos surdos, que estão no ensino fundamental, ainda seguem a estrutura da língua portuguesa, o que pode ser atribuído ao conhecimento insuficiente da Libras ou à idade já avançada de alguns deles.

Os dados da Tabela 8 também evidenciam que 34% dos sujeitos surdos que cursam o ensino fundamental fazem uso da variante A — na ordem objeto seguido do verbo (OV) —, cuja estrutura sintática da Libras não segue as mesmas regras da língua portuguesa, mas pode-se afirmar que é uma língua gramatical. Em contrapartida, 16% dos sujeitos surdos do ensino médio fazem uso da variante B — na ordem verbo seguido de objeto (VO) — cujo padrão de regras para a língua portuguesa. Tanto no nível do ensino fundamental quanto no ensino médio, a maior parte dos sujeitos surdos usa o prestígio da sentença OV (variante A), sendo os percentuais, respectivamente, 34% e 28%.

Com relação aos sujeitos com ensino superior, identificou-se que 9% utilizam a Variante A (OV), enquanto 4% utilizam a Variante B (VO). Verificou-se ainda que esse grupo se comunica por meio do português sinalizado — resultado de uma compreensão equivocada sobre a relação entre a língua portuguesa e a Libras, decorrente do

contato entre as duas línguas. Essa visão, porém, ignora as características e os parâmetros específicos de cada uma. A esse respeito, Moraes (2013, p. 14-15) observa:

É importante salientar que o sistema gramatical das línguas de sinais é independente do sistema gramatical das línguas orais dos países em que elas são utilizadas. Por exemplo, a Língua de Sinais Brasileira não é um conjunto de sinais que se sobrepõe à gramática do português usado pelos ouvintes; este é chamado de português sinalizado, cuja gramática nada tem a ver com a gramática da LSB [Libras]; esta, por sua vez, possui regras, palavras, ordem de constituintes etc., próprios, independentes da língua portuguesa (MORAES, 2013, p. 14 -15).

Moraes (2013) reafirma que as diferenças entre a língua portuguesa e a Libras são significativas, sobretudo porque pertencem a modalidades distintas: a primeira, oral-auditiva; a segunda, visual-motora. Essa distinção é justamente o que caracteriza e particulariza cada uma. Em razão disso, enquanto na língua portuguesa há foco mais explícito na estrutura gramatical escrita, na Libras essa organização obedece a princípios próprios da modalidade visual-motora.

O teste não paramétrico baseia-se na posição dos valores. Na Tabela 8, comparam-se as duas variantes de sentença — OV (Variante A) e VO (Variante B). Embora exista variação entre os níveis de escolaridade — 11 no ensino fundamental, 9 no ensino médio e 3 no ensino superior —, a Variante A (ordem OV) apresenta a maior ocorrência (71%), totalizando 23 sujeitos surdos. Em contrapartida, a Variante B (ordem VO) corresponde à menor ocorrência (29%), com 9 sujeitos — distribuídos em 5 no ensino fundamental, 3 no ensino médio e apenas 1 no ensino superior. Essas distribuições de tokens mostram-se estatisticamente compatíveis com os resultados dos testes que comparam a mediana de duas variantes com o mesmo peso relativo.

O primeiro passo para o cálculo do teste de Mann-Whitney é organizar os dados das duas variantes (A e B). As variantes A e B possuem, cada uma, 3 valores, totalizando 6. Os valores da variante A estão entre 3, 9 e 11, enquanto os da variante B estão entre 1, 3 e 5. Todos os 6 valores devem ser organizados em ordem crescente para a atribuição dos postos por escolaridade, como se observa a seguir:

Passo 1: calcular o teste de Mann-Whitney

Valor de <i>tokens</i>	Número de ordem (Posto)
1	1



3	2		$\frac{1}{3} + \frac{2}{3} + \frac{3}{3} = 2$	(1)
3	3			
5	4			
9	5		$\frac{4}{3} + \frac{5}{3} + \frac{6}{3} = 5$	(2)
11	6			

O teste de Mann-Whitney (ou teste U) é um teste não-paramétrico que compara as medianas de dois grupos independentes. O cálculo é feito consiste na atribuição de postos a todos os dados combinados dos dois grupos, do menor para o maior.

Isso indica que os valores de tokens 1, 3 e 3 não estão empatados, pois recebem postos distintos (1, 2 e 3, respectivamente). O cálculo $\frac{1}{3} + \frac{2}{3} + \frac{3}{3} = 2$ corresponde ao posto médio que seria atribuído caso os três valores fossem idênticos e ocupassem conjuntamente as posições 1, 2 e 3.

O primeiro passo, que consiste em calcular o posto médio para os valores nas posições 4, 5 e 6, resulta em $\frac{4}{3} + \frac{5}{3} + \frac{6}{3} = 5$. Dessa forma, o posto 5 é atribuído a cada um dos três valores correspondentes (5, 9 e 11).

O processo inicia-se com a atribuição de um número de ordem (ou posto) aos valores, de modo que as posições originais variem de 1 a 6. Observa-se, nesse conjunto de dados, a presença de grupos de valores de *tokens* que ocupam posições iguais, o que exige o uso do posto médio para tratar empates.

No primeiro grupo, os valores de tokens 1, 3 e 3 deveriam ocupar, originalmente, as posições 1, 2 e 3. Calcula-se a média dessas posições: $(1 + 2 + 3) / 3 = 2$. Assim, cada um dos três valores (1, 3 e 3) recebe o posto médio igual a 2.

No segundo grupo, de maneira análoga, os valores de tokens 5, 9 e 11 corresponderiam às posições sequenciais 4, 5 e 6. Calcula-se, portanto, a média dessas posições: $(4 + 5 + 6) / 3 = 5$. Consequentemente, esses três valores (5, 9 e 11) recebem o posto médio igual a 5.

Portanto, cada grupo de três valores distintos recebe um único número de ordem, correspondente à média das posições que esses valores ocupariam caso não houvesse empate entre eles. Desse modo, o posto médio garante uma distribuição adequada dos valores empatados dentro da sequência ordinal.

Passo 2: Valores e posições ocupadas

Valor de tokens	Número de ordem (Posto)
1	2
3	2
3	2
5	5
9	5
11	5

Isso indica que os valores de tokens 1, 3 e 3 são tratados como equivalentes para fins de atribuição de postos, ou seja, o conjunto de dados combinados original apresentava três valores idênticos que ocupavam as posições (postos) 1, 3 e 3. Nesses casos, aplica-se o posto médio, calculado pela média dos postos que seriam atribuídos aos valores caso não houvesse empate:

$$\frac{1}{3} + \frac{2}{3} + \frac{3}{3} = 2 \quad (3)$$

O posto 2 é atribuído a cada um desses três valores. Os primeiros três valores ocupariam, originalmente, os postos 1, 2 e 3; já os três valores seguintes deveriam ocupar os postos 4, 5 e 6. A média dessas posições é:

$$\frac{4}{3} + \frac{5}{3} + \frac{6}{3} = 5 \quad (4)$$

O posto atribuído aos valores 5, 9 e 11 é igual a 5. Com os cálculos já realizados, têm-se agora definidos os postos finais (números de ordem) atribuídos a cada valor. Com base na distribuição desses postos, a análise estatística indica que as posições finais da Variante A e da Variante B diferem entre si, evidenciando a possibilidade de uma diferença estatisticamente significativa entre ambas.

Diante disso, surgem duas questões fundamentais: quais são os números de ordem atribuídos à Variante A? e quais são os números de ordem atribuídos à Variante B? O terceiro passo apresenta os seguintes resultados:

Passo 3: Posições das variantes A e B

Variante A Ordem OV	Número de ordem OV	Variante B Ordem VO	Número de ordem VO
3	2	1	2
9	5	3	2
11	5	5	5

O terceiro passo consiste em distribuir os números de ordem (postos) - calculados anteriormente - entre as duas variantes em análise: a variante A (ordem OV) e a variante B (ordem VO). Análise da distribuição:

1. Variante A (ordem OV): recebe os postos 2, 5 e 5.
 - Um valor recebe o posto 2.
 - Dois valores recebem o posto 5.
2. Variante B (ordem VO): recebe os postos 2, 2 e 5.
 - Dois valores recebem o posto 2.
 - Um valor recebe o posto 5.

O quarto passo da análise apresenta o resumo dos números de ordem (postos) de cada variante, desconsiderando os valores originais (*tokens*) para concentrar a comparação exclusivamente nos postos atribuídos. Esse resumo permite visualizar, de forma isolada, os conjuntos de postos e prepara o terreno para o passo final da análise: o cálculo da soma total dos postos de cada variante. Esta soma será utilizada na aplicação do teste estatístico, possibilitando verificar se há diferença significativa entre as duas variantes. O quarto passo mostra a seguinte distribuição dos postos:

Passo 4: Amostra dos números de ordem de variantes

Número de ordem OV	Número de ordem VO
2	2
5	2
5	5

O quarto passo detalha a atribuição dos números de ordem (postos) a cada valor presente nas Variantes A e B.

Para a variante A (ordem OV):

- O valor 3 corresponde ao número de ordem 2.
- O valor 9 corresponde ao número de ordem 5.
- O valor 11 corresponde ao número de ordem 5.

Para a variante B (ordem VO):

- O valor 1 corresponde ao número de ordem 2.
- O valor 3 corresponde ao número de ordem 2.
- O valor 5 corresponde ao número de ordem 5.

O quinto passo demonstra o cálculo dos elementos essenciais para o teste estatístico, que são: o tamanho de cada amostra (n) e a soma dos números de ordem (R). O próximo passo apresenta as seguintes informações para cada amostra:

Passo 5: Amostras - R_1 e R_2

	Número de ordem OV	Número de ordem VO
	2	2
	5	2
	5	5
Total (n)	3	3
Soma dos números de ordem (R)	12	9
U		

Para a realização do teste, consideram-se os seguintes elementos:

- n_1 e n_2 : ambas as amostras - variante A (OV) e variante B (VO) - possuem três observações cada ($n_1 = 3$ e $n_2 = 3$).
- R_1 : corresponde à soma dos números de ordem da primeira coluna, resultando em: $2 + 5 + 5 = 12$.
- R_2 : corresponde à soma dos números de ordem da segunda coluna, totalizando $2 + 2 + 5 = 9$.

Os valores n_1 , n_2 , R_1 e R_2 serão utilizados no próximo passo para o cálculo do valor da estatística U . A estatística de teste (U) é definida como o menor entre U_1 e U_2 , obtidos a partir de cada variante.

Passo 6: Cálculo da soma do número de ordem (R_1)

$$U_1 = n_1 n_2 + \frac{n_1(n_1 + 1)}{2} - R_1 \quad (5)$$

$$U_1 = 3 \cdot 3 + \frac{3(3 + 1)}{2} - 12 \quad (6)$$

$$U_1 = 3 \cdot 3 + \frac{3 \cdot 4}{2} - 12 \quad (7)$$

$$U_1 = 9 + \frac{12}{2} - 12 \quad (8)$$

$$U_1 = 12 + 6 - 12 \quad (9)$$

$$U_1 = 6 \quad (10)$$

O Sexto Passo detalha o cálculo da estatística U_1 , utilizando a soma dos postos da primeira amostra (R_1).

A fórmula-base (3) é:

$$U_1 = n_1 n_2 + \frac{n_1(n_1 + 1)}{2} - R_1 \quad (11)$$

O cálculo é realizado substituindo os valores obtidos no passo anterior ($n_1 = 3$, $n_2 = 3$ e $R_1 = 12$):

1. Substituição (4): os valores são inseridos na fórmula, resultando em:

$$U_1 = 3 \cdot 3 + \frac{3(3 + 1)}{2} - 12 \quad (12)$$

2. Simplificação dos parênteses (5): é realizada a soma dentro dos parênteses:

$$U_1 = 3 \cdot 3 + \frac{3 \cdot 4}{2} - 12 \quad (13)$$

3. Multiplicação e divisão (6): são efetuados o produto 3×3 e a multiplicação 3×4 , gerando:

$$U_1 = 9 + \frac{12}{2} - 12 \quad (14)$$

4. Cálculo da Fração (7): a divisão $\frac{12}{2}$ é realizada: $U_1 = 9 + 6 - 12$.

5. Resultado (8): a subtração é concluída, resultando em: $U_1 = 6$.

Portanto, o valor da primeira estatística de teste é $U_1 = 6$.

Passo 7: Cálculo da soma do número de ordem (R_2)

$$U_2 = n_1 n_2 + \frac{n_2(n_2 + 1)}{2} - R_2 \quad (15)$$

$$U_2 = 3 \cdot 3 + \frac{3(3 + 1)}{2} - 9 \quad (16)$$

$$U_2 = 3 \cdot 3 + \frac{3 \cdot 4}{2} - 9 \quad (17)$$

$$U_2 = 9 + \frac{12}{2} - 9 \quad (18)$$

$$U_2 = 9 + 6 - 9 \quad (19)$$

$$U_2 = 6 \quad (20)$$

O sétimo passo consiste em calcular a segunda estatística do teste, U_2 , utilizando a soma dos postos da segunda amostra (R_2). A fórmula-base (9) para U_2 é similar à de U_1 , diferenciando-se apenas pela substituição de n_1 e R_1 por n_2 e R_2 no termo fracionário:

$$U_2 = n_1 n_2 + \frac{n_2(n_2 + 1)}{2} - R_2 \quad (21)$$

O cálculo segue a mesma sequência lógica, substituindo os valores obtidos ($n_1 = 3$, $n_2 = 3$ e $R_2 = 9$):

1. Substituição de valores (10): os valores conhecidos são inseridos na fórmula, resultando em:

$$U_2 = 3 \cdot 3 + \frac{3(3+1)}{2} - 9 \quad (22)$$

2. Simplificação do Parênteses (11): o termo dentro dos parênteses é calculado:

$$U_2 = 3 \cdot 3 + \frac{3 \cdot 4}{2} - 9 \quad (23)$$

3. Cálculo dos produtos (12): o produto 3×3 e a multiplicação 3×4 são realizados, resultando em:

$$U_2 = 9 + \frac{12}{2} - 9 \quad (24)$$

4. Cálculo da fração (13): a divisão $\frac{12}{2}$ é efetuada: $U_2 = 9 + 6 - 9$.

5. Resultado (14): a soma e a subtração finais resultam em: $U_2 = 6$.

Curiosamente, o valor de U_2 é 6, o mesmo obtido para U_1 . No passo final do teste, a estatística U é definida como o menor entre os dois valores calculados (U_1 e U_2), neste caso, é $U = 6$.

Passo 8: U crítico

	Número de ordem OV	Número de ordem VO
	2	2
	5	2
	5	5
Total (n)	3	3
Soma dos números de ordem (R)	12	9
U	6	6

O Oitavo passo resume os cálculos realizados, apresentando o valor da estatística U para ambas as fórmulas (U_1 e U_2) e determinando o U calculado, ou seja, a estatística de teste).

- A tabela confirma que a aplicação das fórmulas (sexto e sétimo Passos) resultou em $U_1 = 6$ e $U_2 = 6$.
- No teste de Mann-Whitney (ou Wilcoxon), a estatística de teste final (U calculado) é o menor valor entre U_1 e U_2 .
- Neste caso, o U calculado é 6.

Para completar o teste estatístico, é preciso comparar o U calculado ($U = 6$) com U Crítico. O U Crítico é obtido por meio de uma tabela de valores de referência (Tabela Mann-Whitney), utilizando o tamanho das amostras ($n_1 = 3$ e $n_2 = 3$) e o nível de significância desejado. A decisão final do teste será tomada ao comparar o U calculado (6) com o U crítico para verificar se existe uma diferença estatisticamente significativa entre as Variantes A e B.

Para finalizar o teste, é necessário comparar o U calculado com um valor de referência. Existem duas abordagens principais para interpretar os resultados:

1. Comparação direta com o U Crítico (tabelado):
 - O valor de U calculado é comparado a um valor crítico obtido em uma tabela estatística (Tabela de Mann-Whitney).
 - Para isso, utilizamos os tamanhos de nossas amostras: $n_1 = 3$ (Variante A) e $n_2 = 3$ (Variante B).
 - Na tabela bicaudal, com um nível de significância $\alpha = 0,05$, localiza-se o U Crítico no cruzamento da linha $n_2 = 3$ com a coluna $n_1 = 3$.
2. Transformação para o valor Z :
 - Outra opção é converter o resultado de U em um valor Z (*score* padronizado).
 - Com base nesse valor Z e na distribuição normal, tira-se as conclusões e, até mesmo, calcula-se o valor P (probabilidade), que também é utilizado para determinar a significância estatística.

Tabela 9: Tabela de valores críticos da estatística U de Mann-Whitney

Tabela de valores críticos - Mann Whitney																				
1-tail test at $\alpha = 0.025$ or 2-tail test at $\alpha = 0.05$																				
N_1																				
N_2	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
1																				
2								0	0	0	0	1	1	1	1	1	2	2	2	2
3					0	1	1	2	2	3	3	4	4	5	5	6	6	7	7	8
4				0	1	2	3	4	4	5	6	7	8	9	10	11	11	12	13	13
5			0	1	2	3	5	6	7	8	9	11	12	13	14	15	17	18	19	20
6			1	2	3	5	6	8	10	11	13	14	16	17	19	21	22	24	25	20
7			1	3	5	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34
8	0	2	4	6	8	10	13	15	17	19	22	24	26	29	31	34	36	38	41	
9	0	2	4	7	10	12	15	17	20	23	26	28	31	34	37	39	42	45	48	
10	0	3	5	8	11	14	17	20	23	26	29	33	36	39	42	45	48	52	55	
11	0	3	6	9	13	16	19	23	26	30	33	37	40	44	47	51	55	58	62	
12	1	4	7	8	14	18	22	26	29	33	37	41	45	49	53	57	61	65	69	
13	1	4	8	12	16	20	24	28	33	37	41	45	50	54	59	63	67	72	76	
14	1	5	9	13	17	22	26	31	36	40	45	50	55	59	64	67	74	78	83	
15	1	5	10	14	19	24	29	34	39	44	49	54	59	64	70	75	80	85	90	
16	1	6	11	15	21	26	31	37	42	47	53	59	64	70	75	87	86	92	98	
17	2	6	11	17	22	28	34	39	45	51	57	63	67	75	81	87	93	99	105	
18	2	7	12	18	24	30	36	42	48	55	61	67	74	80	86	93	99	106	112	
19	2	7	13	19	25	32	38	45	52	58	65	72	78	85	92	99	106	113	119	
20	2	8	13	20	27	34	41	48	55	62	69	76	83	90	98	105	112	119	127	

Fonte: Mann & Whitney, 1947.

A regra de decisão para o Teste U de Mann-Whitney é:

- Se $U_{\text{calculado}} \leq U_{\text{crítico}}$: rejeita-se a hipótese nula (H_0).
- Se $U_{\text{calculado}} > U_{\text{crítico}}$: não se rejeita a hipótese nula (H_0).

Neste caso:

- $U_{\text{calculado}} = 6$
- $U_{\text{crítico}} = 0$

Como $6 > 0$, a hipótese nula (H_0 : as medianas são idênticas) não seria rejeitada.

O valor crítico encontrado na tabela é utilizado para verificar se o valor calculado da estatística U excede esse limite. Caso o valor calculado seja maior que o valor crítico, não

se rejeita a hipótese nula, indicando que as variantes apresentam distribuições significativamente diferentes.

Na Tabela 6, o valor crítico é 0, e o valor calculado corresponde ao menor valor entre U_1 e U_2 , que, neste caso, foi 6. Como 6 é maior que 0, conclui-se que não se rejeita a hipótese nula. Portanto, considera-se que não há evidências de que existem diferenças entre as distribuições das variantes.

Esta parte corresponde à resolução de um teste de hipótese não paramétrico, mais especificamente, o Teste U de Mann-Whitney. Nele, U_{OBS} (U observado) e U_{ESP} (U esperado) representam as estatísticas calculadas a partir dos postos das amostras, enquanto Z corresponde ao valor padronizado (*escore Z*) utilizado para aproximação pela distribuição normal, aplicável sobretudo em amostras maiores.

A expressão apresentada para Z corresponde à fórmula geral de padronização de uma estatística de teste:

$$\text{Escore } Z = \frac{\text{Estatística Observada} - \text{Média Esperada}}{\text{Erro Padrão}}$$

No contexto do teste U de Mann-Whitney, isso se traduz da seguinte forma:

Passo 9: calcular um valor de Z

$$Z = \frac{U_{OBS} - U_{ESP}}{EP_U} \quad (25)$$

$$U_{OBS} = \max.(U_1, U_2) \quad (26)$$

$$U_{OBS} = 6 \quad (27)$$

$$Z = \frac{6 - U_{ESP}}{EP_U} \quad (28)$$

$$U_{ESP} = \frac{n_1 \cdot n_2}{2} \quad (29)$$

$$U_{ESP} = \frac{3 \cdot 3}{2} \quad (30)$$

$$U_{ESP} = \frac{9}{2} \quad (31)$$

$$U_{ESP} = 4,5 \quad (32)$$

$$Z = \frac{6 - 4,5}{EP_U} \quad (33)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{n_1 \cdot n_2 (n_1 + n_2 + 1)}{12}} \quad (34)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{3 \cdot 3 (3 + 3 + 1)}{12}} \quad (35)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{9 \cdot 7}{12}} \quad (36)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{63}{12}} \quad (37)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{21}{4}} \quad (38)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{21}{4}} = \frac{\sqrt{21}}{2} \quad (39)$$

$$EP_U = \frac{4.5826}{2} \quad (40)$$

$$EP_U = 2,29 \quad (41)$$

$$Z = \frac{6 - 4,5}{2,29} \quad (42)$$

$$Z = \frac{1,5}{2,29} \quad (43)$$

$$Z = 0,655 \quad (44)$$

O *escore* Z obtido indica que a diferença observada não atinge o nível de significância estatística exigido. Em testes não paramétricos, como o U de Mann-Whitney, o valor P é calculado a partir do valor de Z, com base na diferença observada e no valor máximo entre 1 e 2, que é 6. O valor esperado é obtido pela multiplicação entre os grupos e dividido por 2. Portanto, nesse exemplo, obteve-se $\frac{3 \cdot 3}{2} = \frac{9}{2} = 4,5$. Portanto, o erro padrão esperado é 4,5. Nessa expressão, n_1 e n_2 não são os "tamanhos da raiz do numerador" nem a "variante A e B". Eles representam, de forma clara, o tamanho da amostra (o número de /sujeitos) de cada grupo comparado no teste: o número de indivíduos no ensino

fundamental n_1 versus o número de indivíduos no ensino médio e superior n_2 dividido por 12. Isso esclarece a função da fórmula para a validação do estudo.

No exemplo apresentado, ao aplicar a fórmula do desvio-padrão do teste U, calcula-se, inicialmente, $3 \cdot 3(3 + 3 + 1)$, o que resulta em 63. Em seguida, divide-se esse valor por 12, obtendo-se 2,29. A raiz desse resultado corresponde ao erro-padrão do teste, que, portanto, é 2,29. Então, substituindo os valores na fórmula, tem-se $Z = \frac{6-4,5}{2,29}$, o que resulta no valor de 0,655.

Passo 10: Número de Z crítico

Se Z calculado > Z crítico (45)

Rejeitamos H_0

Z calculado = 0,655 (46)

Z crítico = 1,96 (47)

Rejeitamos H_1

Para um teste bicaudal com nível de significância $\alpha = 0,05$, o valor α é dividido em duas caudas ($\alpha/2 = 0,025$ - para cada lado). Ao consultar a Tabela Z (Distribuição Normal Padrão), encontra-se o valor de Z que separa os 2,5% mais extremos em cada lado. Portanto, o Valor Z Crítico é: $Z_{\text{crítico}} = 1,96$. A regra de decisão para um teste bicaudal é:

1. **Rejeite a hipótese nula (H_0):** se o seu Z_{calc} for maior que $Z_{\text{crítico}}$ (ou seja, se $Z_{\text{calc}} < -1,96$ ou $Z_{\text{calc}} > +1,96$).
2. **Não rejeite a hipótese nula (H_0):** se o seu Z_{calc} for menor ou igual a $Z_{\text{crítico}}$ (ou seja, se $-1,96 \leq Z_{\text{calc}} \leq +1,96$).

Como o valor de Z calculado (0,655) é menor que o valor crítico (1,96), ele se encontra na região de aceitação da hipótese nula.

Visto que a estatística Z é a aproximação de uma distribuição contínua (Normal) para uma estatística de teste discreta (U), e dado o pequeno tamanho das amostras ($n_1 = 3$ e $n_2 = 3$), é aplicada a Correção de Continuidade de 0,5 no numerador. Esse procedimento amplia a precisão da aproximação Normal. A fórmula corrigida é:

Passo 11: Inclusão do valor 0,5 na fórmula

$$Z = \frac{U_{OBS} - U_{ESP} - 0,5}{EP_U} \quad (48)$$

A seguir, utiliza-se os valores já calculados:

Passo 12: Inclusão do valor 0,5 na fórmula

$$Z = \frac{6 - 4,5 - 0,5}{2,29} \quad (49)$$

$$Z = \frac{1,5 - 0,5}{2,29} \quad (50)$$

$$Z = \frac{1,0}{2,29} \quad (51)$$

$$Z = 0,4364 \quad (52)$$

O novo valor calculado com a correção de continuidade é: $Z_{\text{calc}} = 0,436$. Compara-se com o valor crítico que se define antes: $Z_{\text{critico}} = \pm 1,96$ ($\alpha = 0,05$, bicaudal). O valor da estatística Z corrigido pela continuidade é 0,436. Como este valor é menor que o valor Z crítico de 1,96, não há evidência estatística suficiente para rejeitar a hipótese nula.

Passo 13: Função do Excel

$$Z \text{ calculado} = 0,436 \quad (53)$$



$$\text{Cálculo do valor de P (Excel):} \quad (54)$$

$$P = (1 - \text{DIST.NORMP.N}(0,436; \text{VERDADEIRO})) * 2 \quad (55)$$

$$P = 0.6631$$

A distribuição normal padrão é utilizada para inserir o valor de Z calculado na fórmula; neste caso, $Z = 0,436$. Como se trata de um teste bicaudal, subtrai-se o valor obtido de 1 e, em seguida, multiplica-se por 2. Realizado esse procedimento, obtém-se o valor de $P = 0.6631$. Desse modo, independentemente da estratégia adotada para a decisão estatística, considerando um nível de significância de 5%, não se rejeita a hipótese nula. Portanto, conclui-se que não há evidências de que as variantes A e B apresentem distribuições de sentenças significativamente diferentes.

5.3.2 Variável por faixa etária

A análise quantitativa da variação nas ordens de constituintes (OV e VO) foi verificada por meio da distribuição dos dados em três faixas etárias específicas: jovens entre 15 e 29 anos, adultos de 30 a 49 anos e idosos acima de 50 anos.

A coleta dos dados ocorreu a partir da análise de vídeos de sujeitos surdos. A distribuição das variantes em cada grupo é detalhada na tabela a seguir, e serve de base empírica para a comprovação das variantes de ordem OV e VO.

Tabela 10: Variantes das ordens OV e VO distribuídas por faixa etária

Faixa etária	Variante A Ordem OV	Variante B Ordem VO	Total
15 – 29	8 (25%)	5 (16%)	13 (41%)
30 – 49	13 (40%)	4 (13%)	17 (53%)
50+	2 (6%)		2 (6%)
Total	23 (71%)	9 (29%)	32 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A Tabela 10 apresenta a distribuição da sinalização utilizada pelos sujeitos surdos nas duas variantes de ordem. Observa-se que os surdos adultos tendem a empregar com maior frequência a Variante B, possivelmente em razão do menor nível de escolaridade e do conhecimento mais limitado sobre a organização da Libras — priorizando a adequação à estrutura do português. Ainda assim, essa diferença é pouco expressiva: 23 sujeitos surdos sinalizam a Libras como língua natural, conforme a Variante A (OV), enquanto 9 utilizam a Variante B (VO). A maioria dos jovens, adultos e idosos do grupo recorre à Variante A.

No total, 71% do grupo analisado (23 pessoas) utilizaram a variante A (ordem OV), enquanto 29% (9 pessoas) fizeram uso da variante B (ordem VO). A predominância da variante A decorre do maior número de ocorrências dessa ordem entre os sujeitos surdos. Registra-se, por fim, que apenas dois idosos sinalizam na ordem OV (variante A), não havendo idosos que utilizem a ordem VO (variante B).

Para as comparações estatísticas de probabilidade, optou-se pela formação de um grupo de faixa etária combinado, englobando indivíduos adultos e idosos. Essa abordagem justifica-se porque o Teste U de Mann-Whitney, quando utilizado para

aproximação à distribuição normal (Z), exige tamanho amostral adequado para cada grupo. O agrupamento garante maior robustez ao teste ao confrontar o grupo dos jovens (n_1) com o grupo combinado de adultos e idosos (n_2).

O teste não paramétrico baseia-se na posição dos valores. Quanto à distribuição por faixa etária na Tabela 10, a Variante A (sentença OV) reúne três faixas etárias de surdos, enquanto a Variante B (sentença VO) contempla duas. Apesar da pequena variação no tamanho dos grupos, a Variante A conta com 23 sujeitos surdos e a Variante B com 9. Na Variante A, a faixa etária varia entre 2, 8 e 13 tokens; na Variante B, entre 4 e 5 tokens. Essas distribuições são estatisticamente compatíveis com testes que comparam a mediana de duas variantes com pesos relativos semelhantes.

No passo 14 do cálculo do teste de Mann-Whitney, procede-se à organização dos dados das duas variantes (A e B). As variantes A e B apresentam, ao todo, cinco valores distribuídos em três valores para a variante A (2, 8 e 13) e dois valores para a variante B (4 e 5). Esses cinco valores devem ser ordenados de forma crescente para que seja possível atribuir os postos correspondentes a cada faixa etária.

Passo 14: Cálculo - teste de Mann-Whitney

Valor de tokens	Número de ordem (Posto)
2	1
4	2
5	3
8	4
13	5

$$\Rightarrow \frac{1}{2} + \frac{2}{2} = 1,5 \quad (56)$$

$$\Rightarrow \frac{3}{2} + \frac{4}{2} = 3,5 \quad (57)$$

Isso sugere que os valores de *tokens* 2 e 4 não estão empatados, pois eles apresentam postos distintos (1 e 2, respectivamente). O resultado do cálculo $\frac{2}{2} + \frac{4}{2} = 1,5$ corresponde ao posto médio, que seria atribuído apenas se esses dois valores fossem idênticos e ocupassem conjuntamente as posições 1 e 2.

O passo 14 calcula o posto médio para os valores que ocupam as posições 3 e 4. Assim, o cálculo $\frac{3}{2} + \frac{4}{2} = 3,5$ determina o posto médio 3,5, que deve ser atribuído a cada

um dos dois valores (5 e 8). O processo inicia-se com a atribuição de um número de ordem (ou posto) aos valores, de modo que as posições originais variariam de 1 a 5.

No passo 15, observa-se que os dados apresentam grupos de valores de tokens que ocupam a mesma posição em termos de ordenação, o que indica o uso do posto médio para o tratamento dos empates. Assim, cada grupo de dois valores distintos recebe um único número de ordem correspondente à média das posições que esses valores ocupariam caso não estivessem empatados (em termos de posto).

Passo 15: Posições dos valores

Valor de tokens	Número de ordem (Posto)
2	1,5
4	1,5
5	3,5
8	3,5
13	5

Isso indica que os valores de tokens 2 e 4 são considerados iguais para fins de atribuição de posto, ou que o conjunto de dados combinado original continha dois valores idênticos que ocupavam as posições (postos) 1 e 2.

Considerando os cálculos já realizados, os postos foram devidamente atribuídos. As posições da variante A e da variante B apresentam diferenças estatísticas, o que justifica tratá-las separadamente. Assim, questiona-se: quais são os números de ordem da variante A? E quais são os números de ordem da variante B?

Passo 16: Posições das variantes A e B

Variante A ordem OV	Número de ordem OV	Variante B ordem VO	Número de ordem VO
2	1,5	4	1,5
8	3,5	5	3,5
13	5		

O passo 16 da análise apresenta o resumo dos números de ordem (postos) de cada variante, excluindo os valores originais (tokens), de modo que o foco recaia

exclusivamente na comparação entre os postos. Esse resumo possibilita visualizar os conjuntos de postos de forma isolada, preparando para o passo final da análise: o cálculo da soma total dos postos de cada variante. Essa soma será utilizada na realização do teste estatístico, que permitirá verificar se há diferença significativa entre as duas variantes.

O passo 17 demonstra a distribuição dos postos:

Passo 17: Distribuição dos postos entre as variantes

Número de ordem OV	Número de ordem VO
1,5	1,5
3,5	3,5
5	

O passo 18 apresenta o cálculo dos elementos essenciais para a realização do teste estatístico, a saber: o tamanho de cada amostra (n) e a soma dos números de ordem (R). A tabela, a seguir, reúne informações para cada amostra:

Passo 18: Amostras - R_1 e R_2

	Número de ordem OV	Número de ordem VO
	1,5	1,5
	3,5	3,5
	5	
Total (n)	3	2
Soma dos números de ordem (R)	10	5
U		

Esses valores de n_1 , n_2 , R_1 e R_2 serão utilizados no próximo passo para o cálculo da estatística U . A estatística de teste (U) é definida como o menor valor obtido entre U_1 e U_2 .

Passo 19: Cálculo da soma do número de ordem (R_1)

$$U_1 = n_1 n_2 + \frac{n_1(n_1 + 1)}{2} - R_1 \quad (58)$$

$$U_1 = 3 \cdot 2 + \frac{3(3 + 1)}{2} - 10 \quad (59)$$

$$U_1 = 3 \cdot 2 + \frac{3 \cdot 4}{2} - 10 \quad (60)$$

$$U_1 = 6 + \frac{12}{2} - 10 \quad (61)$$

$$U_1 = 6 + 6 - 10 \quad (62)$$

$$U_1 = 2 \quad (63)$$

Para calcular o valor de U , é necessário utilizar os valores de n e as somas dos números de ordem dos dois grupos. Nesse caso, consideram-se os valores de n da variante A e da variante B, cujo produto é dado por n_A (valor n da variante A) * n_B (valor n da variante B) = $3 \cdot 2$. Para os dados desta pesquisa, a soma dos postos da variante A muda, com base no numerador $3 \cdot 2$, que será $\frac{3(3+1)}{2} - 10$. Este cálculo resulta no valor R de 10. Logo, o primeiro valor – o da variante A é igual a 10. O segundo valor será calculado separadamente, utilizando os valores correspondentes à variante B.

Passo 20: Cálculo da soma do número de ordem (R_2)

$$U_2 = n_1 n_2 + \frac{n_2(n_2 + 1)}{2} - R_2 \quad (64)$$

$$U_2 = 3 \cdot 2 + \frac{2(2 + 1)}{2} - 5 \quad (65)$$

$$U_2 = 3 \cdot 2 + \frac{2 \cdot 3}{2} - 5 \quad (66)$$

$$U_2 = 6 + \frac{6}{2} - 5 \quad (67)$$

$$U_2 = 6 + 3 - 5 \quad (68)$$

$$U_2 = 4 \quad (69)$$

No cálculo referente à variante B, altera-se o valor de n utilizado no numerador (agora representado como n_2) e também a soma de ambos. Assim, a fórmula permanece praticamente a mesma, mudando apenas o grupo de n , e os postos da variante. O cálculo fica, então, $3 \cdot 2 + \frac{2(2+1)}{2} - 5$, que resulta em 4. Portanto, o segundo valor é 4.

Curiosamente, o valor de U_2 é 4, diferente do valor obtido para U_1 . No passo final do teste, a estatística U é definida como o menor entre os dois valores calculados: $U_1 = 2$ e $U_2 = 4$.

Passo 21: Amostras isoladas de R_1 e R_2

	Número de ordem OV	Número de ordem VO
	1,5	1,5
	3,5	3,5
	5	
Total (n)	3	2
Soma dos números de ordem (R)	10	5
U	2	4

O resultado das variantes A e B apresenta a mesma distribuição utilizada para comparação com os valores fornecidos em tabelas estatísticas manuais. Outra possibilidade é converter esses resultados em um valor de Z , o que também permite tirar conclusões ou até calcular um valor de P . Para isso, utiliza-se uma tabela bicaudal de alfa = 0,05, a fim de identificar o valor crítico correspondente ao nível de significância. Como a variante A possui $n = 3$ e a variante B possui $n = 2$, deve-se selecionar na tabela a linha referente a $n = 3$ e a coluna referente a $n = 2$.

Passo 22: Valor de U calculado

Se U calculado $<$ U crítico: (70)

Rejeitamos H_0

U crítico = 0 (71)

U calculado = mín (U_1 e U_2) (72)

U calculado = 2 (73)

U calculado $>$ U crítico (74)

Não rejeitamos H_0

O valor crítico é obtido na tabela e serve para comparar com o resultado calculado. A análise consiste em verificar se o valor calculado é maior que o crítico. Caso o valor calculado seja maior que o crítico, não se rejeita a hipótese nula, que afirma que as variantes apresentam distribuições diferentes. No presente caso, o valor crítico é 0, enquanto o valor calculado corresponde ao menor entre os dois valores de U , isto é, 2. Como 2 é maior que o valor crítico 0, não se rejeita a hipótese nula. Portanto, conclui-se

que não se há evidências suficientes para afirmar que exista diferença entre as distribuições das variantes.

Passo 23: Cálculo do valor de Z

$$Z = \frac{U_{OBS} - U_{ESP}}{EP_U} \quad (75)$$

$$U_{OBS} = \max.(U_1, U_2) \quad (76)$$

$$U_{OBS} = 4 \quad (77)$$

$$Z = \frac{4 - U_{ESP}}{EP_U} \quad (78)$$

$$U_{ESP} = \frac{n_1 \cdot n_2}{2} \quad (79)$$

$$U_{ESP} = \frac{3 \cdot 2}{2} \quad (80)$$

$$U_{ESP} = \frac{6}{2} \quad (81)$$

$$U_{ESP} = 3 \quad (82)$$

$$Z = \frac{4 - 3}{EP_U} \quad (83)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{n_1 \cdot n_2 (n_1 + n_2 + 1)}{12}} \quad (84)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{3 \cdot 2 (3 + 2 + 1)}{12}} \quad (85)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{6 \cdot 6}{12}} \quad (86)$$

$$EP_U = \sqrt{\frac{36}{12}} \quad (87)$$

$$EP_U = \sqrt{3} \quad (88)$$

$$EP_U = 1,732 \quad (89)$$

$$Z = \frac{4 - 3}{1,732} \quad (90)$$

$$Z = \frac{1}{1,732} \quad (91)$$

$$Z = 0,577 \quad (92)$$

Os resultados observados apresentam *escore Z*, mas a diferença entre eles não pode ser considerada estatisticamente significativa sem a análise do valor P. Para determinar a significância estatística, ou seja, verificar se a diferença observada não ocorreu ao acaso, calcula-se o valor P a partir do *escore Z* (ou estatística de teste), obtido pela razão entre a diferença observada e o erro-padrão dessa diferença. No exemplo analisado, a diferença considerada foi 4, e o erro-padrão calculado como 3, resultante da expressão $\frac{3 \cdot 2}{2} = \frac{6}{2} = 3$. O erro-padrão é determinado pela fórmula geral, em que se multiplica-se o tamanho da amostra da variante A pelo da variante B, pelo total de sujeitos surdos mais 1, e divide-se o produto por 12. Assim, obteve-se $3 \cdot 2 (3 + 2 + 1) = 36$; dividido por 12, resulta em 3. A raiz desse valor fornece um erro-padrão de 1,732, que, aplicado à fórmula $Z = \frac{4-3}{1,732}$, gera um valor de 0,577.

Passo 24: Número de Z crítico

$$\text{Se } Z \text{ calculado} > Z \text{ crítico} \quad (93)$$

Rejeitamos H_0

$$Z \text{ calculado} = 0,577 \quad (94)$$

$$Z \text{ crítico} = 1,96 \quad (95)$$

Rejeitamos H_0

O valor crítico de Z é o limite na distribuição normal padronizada que separa a região de aceitação da região de rejeição da hipótese nula (H_0). Para defini-lo utilizam-se os parâmetros estabelecidos anteriormente:

- Nível de significância (α): 0,05
- Tipo de teste: bicaudal (bilateral)

Ao consultar a Tabela Z para $\alpha = 0,05$ em um teste bicaudal, obtém-se $Z_{\text{crítico}} = 1,96$. Como o valor calculado (0,577) é menor que 1,96, o resultado situa-se na região de aceitação. Assim, não há evidências estatísticas para rejeitar a hipótese nula. Desse modo, tanto o valor de Z (0,577) quanto a conclusão de não rejeitar H_0 estão corretos pelo método da aproximação Z .

Passo 25: Inclusão do valor 0,5 na fórmula

$$Z = \frac{U_{OBS} - U_{ESP} - 0,5}{EP_U} \quad (96)$$

$$Z = \frac{4 - 3 - 0,5}{1,732} \quad (97)$$

$$Z = \frac{1 - 0,5}{1,732} \quad (98)$$

$$Z = \frac{0,5}{1,732} \quad (99)$$

$$Z = 0,289 \quad (100)$$

O valor da estatística Z , com a aplicação da correção de continuidade de 0,5 é $Z = 0,289$. Como o valor absoluto de Z_{calc} (0,289) é menor que o valor $Z_{\text{crítico}}$ (1,96), não há evidência estatística suficiente para rejeitar a hipótese nula (H_0) ao nível de significância de 5%. Isso indica que não existe uma diferença estatisticamente significativa entre as distribuições das duas amostras (OV e VO). A fórmula utilizada é a apropriada para calcular a probabilidade bicaudal (duas caudas) associada a um valor Z positivo:

Passo 26: Função do Excel

$$Z \text{ calculado} = 0,289 \quad (101)$$



$$\text{Cálculo do valor de } P \text{ (Excel):} \quad (102)$$

$$P = (1 - \text{DIST.NORMP.N}(0,289; \text{VERDADEIRO})) * 2$$

$$P = 0,7726 \quad (103)$$

A função $\text{DIST.NORMP.N}(0,289; \text{VERDADEIRO})$ calcula a área sob a curva normal padrão desde o infinito negativo até $Z = 0,289$. Em seguida, subtrai-se o valor de 1 para obter a área na cauda direita (acima de $Z = 0,289$). Então, área da Cauda = $1 - 0,6137 = 0,3863$; multiplica-se a área da cauda por 2. Desse modo, o valor final do valor- P é 0,7726.

O valor P resultante da estatística Z corrigida é de 0,7726. Uma vez que esse valor- P (0,7726) é significativamente superior ao nível de significância estipulado ($\alpha = 0,05$), não há base estatística para rejeitar a hipótese nula. Conclui-se, portanto, que não existe

uma diferença estatisticamente significativa entre as distribuições das duas variantes (OV e VO).

5.3.3 Variável por sexo

A classificação é realizada de modo quantitativo, a fim de calcular o percentual e o número de sujeitos surdos sinalizantes — por sexo — que utilizaram a Variante A (objeto seguido de verbo, ordem OV) e aqueles que empregaram a Variante B (verbo seguido de objeto, ordem VO), conforme apresentado na Tabela 11:

Tabela 11: Variantes das ordens entre OV e VO distribuídas por sexo

Sexo	Variante A Ordem OV	Variante B Ordem VO	Total
Feminino	12 (37%)	6 (19%)	18 (56%)
Masculino	11 (35%)	3 (9%)	14 (44%)
Total	23 (72%)	9 (28%)	32 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na Tabela 11, o grupo foi separado por sexo com o objetivo de identificar qual grupo se adequa à sinalização correspondente à Variante A. Observou-se que as mulheres surdas apresentaram uso de ambas as variantes A e B. Entre os homens, verificou-se que a maioria utiliza a Variante A, possivelmente em função do contato frequente entre os pares e da participação em estudos formais. As mulheres surdas, ao manterem contato com a comunidade surda e ao dedicarem-se ao estudo gramatical, adquiriram a língua de sinais em sua forma natural de sinalização, passando a empregar a estrutura sintática da Libras na ordem básica OV da Variante A. O número de mulheres que utilizam a Variante B, por sua vez, decorre da influência da língua portuguesa no momento da sinalização.

Constatou-se que 11 homens surdos se relacionam predominantemente com a variante A, apresentando a sentença imperativa de maneira inovadora, ao alternarem a ordem da sentença. Já os outros três homens surdos demonstraram maior proximidade com o português sinalizado, utilizando preferencialmente a variante B.

Ao analisar a relação das mulheres surdas com as variantes, constatou-se que 12 delas utilizavam a variante A e 6, a variante B. Esses dados permitem concluir que as mulheres

surdas se mostram conservadoras na aquisição da Libras, mantendo uma ordem consistente nas sentenças apresentadas.

A distribuição por sexo indica que a variante A (sentença OV) contou com 23 sujeitos surdos, enquanto a variante B (sentença VO), com 9. Apesar das pequenas diferenças nos tamanhos dos grupos, a variante A incluiu 12 mulheres surdas e 11 homens surdos, e a variante B, 6 mulheres e 3 homens surdos. Observa-se, portanto, que na variante A o número de sujeitos surdos por sexo varia entre 11 e 12, e na variante B, entre 3 e 6. Essas distribuições de tokens são estatisticamente compatíveis com testes que comparam a mediana de duas variantes com pesos relativos semelhantes.

Passo 27: Cálculo - teste de Mann-Whitney

Valor de tokens	Número de ordem		
3	1		
6	2		$\frac{1}{2} + \frac{2}{2} = 1,5$ (104)
11	3		
12	4		$\frac{3}{2} + \frac{4}{2} = 3,5$ (105)

Neste momento, os postos foram totalmente atribuídos. As posições da variante A e da variante B diferem entre si, justificando a análise separada de cada grupo. Dessa forma, questiona-se: quais são os números de ordem correspondentes à variante A e quais são os números de ordem correspondentes à variante B?

Passo 28: Posições das variantes A e B

Variante A Sentença OV	Número de ordem OV	Variante B Sentença VO	Número de ordem VO
11	3,5	3	1,5
12	3,5	6	1,5

O passo 28 apresenta a sumarização dos dados referentes à ordem dos constituintes (OV e VO) nas variantes analisadas (A e B). Os valores expressos nas colunas indicam a média da posição em que cada variante de ordem (OV ou VO) ocorreu nas sentenças ao longo da amostra analisada.

- **Média da posição OV:** a média de 3,5 indica a posição central da estrutura Objeto-Verbo, sugerindo uma tendência a ocorrer em uma posição relativamente posterior na sentença.
- **Média da posição VO:** a média de 1,5 indica a posição central da estrutura Verbo-Objeto, sugerindo uma tendência a ocorrer em uma posição mais inicial na sentença.

Passo 29: Amostra dos números de ordem de variantes

Número de ordem OV	Número de ordem VO
3,5	1,5
3,5	1,5

A seguir, será aplicado um teste de ordenação de postos para comparar as variantes, onde n_1 e n_2 representam os tamanhos amostrais das variantes OV e VO, respectivamente. R_1 e R_2 correspondem às somas dos postos das observações para cada variante. Para a análise, a estatística L será definida como o menor valor entre U_1 e U_2 , seguindo o cálculo do teste de Mann-Whitney, caso U seja adotado como estatística final.

Passo 30: Amostras isoladas de R_1 e R_2

	Número de ordem OV	Número de ordem VO
	3,5	1,5
	3,5	1,5
Total (n)	2	2
Soma dos números de ordem (R)	7	3
U		

Com base nos postos atribuídos às observações, os valores de *tokens* originais deixam de ser utilizados. A primeira informação essencial para o teste estatístico é o tamanho amostral (n) de cada grupo: a variante A (OV) apresenta o $n_1 = 2$, enquanto a variante B (VO) apresenta $n_2 = 2$. Em seguida, determina-se a soma dos postos (R) de cada variante: a soma dos postos da variante A (OV), denotada por R_1 , é 7 e a da variante B (VO), denotada por R_2 , é 3.

Esses valores de n e R são utilizados para o cálculo da estatística U e, posteriormente, para a determinação da estatística L (o menor valor entre U_1 e U_2), que será abordada no próximo passo.

Passo 31: Cálculo da soma do número de ordem (R_1)

$$U_1 = n_1 n_2 + \frac{n_1(n_1 + 1)}{2} - R_1 \quad (106)$$

$$U_1 = 2 \cdot 2 + \frac{2(2 + 1)}{2} - 7 \quad (107)$$

$$U_1 = 2 \cdot 2 + \frac{2 \cdot 3}{2} - 7 \quad (108)$$

$$U_1 = 4 + \frac{6}{2} - 7 \quad (109)$$

$$U_1 = 4 + 3 - 7 \quad (110)$$

$$U_1 = 0 \quad (111)$$

Para prosseguir com o teste U de Mann-Whitney, é necessário calcular o primeiro valor de U , correspondente à variante A (OV), utilizando a sua soma de postos ($R_1 = 7$) e os tamanhos amostrais ($n_1 = 2$ e $n_2 = 2$). A fórmula utilizada é a seguinte:

$$U_1 = n_1 n_2 + \frac{n_1(n_1 + 1)}{2} - R_1 \quad (106)$$

O resultado do cálculo para a primeira estatística de teste é $U_1 = 0$. Esse valor será utilizado no passo seguinte, juntamente com o cálculo de U_2 , para determinar a estatística final do teste (L).

Passo 32: Cálculo da estatística U_2 para a variante Verbo-Objeto (VO)

$$U_2 = n_1 n_2 + \frac{n_2(n_2 + 1)}{2} - R_2 \quad (112)$$

$$U_2 = 2 \cdot 2 + \frac{2(2 + 1)}{2} - 3 \quad (113)$$

$$U_2 = 2 \cdot 2 + \frac{2 \cdot 3}{2} - 3 \quad (114)$$

$$U_2 = 4 + \frac{6}{2} - 3 \quad (115)$$

$$U_2 = 4 + 3 - 3 \quad (116)$$

$$U_2 = 4 \quad (117)$$

Em seguida, calculou-se o segundo valor de U , correspondente à variante B (VO), utilizando sua soma de postos ($R_2 = 3$) e os mesmos tamanhos amostrais ($n_1 = 2$ e $n_2 = 2$). A fórmula utilizada é simétrica àquela usada para calcular U_1 :

$$U_2 = n_1 n_2 + \frac{n_2(n_2 + 1)}{2} - R_2 \quad (112)$$

O resultado do cálculo para a segunda estatística de teste é $U_2 = 4$.

Passo 33: U crítico

	Número de ordem (OV)	Número de ordem (VO)
	3,5	1,5
	3,5	1,5
Total (n)	2	2
Soma dos números de ordem (R)	7	3
U	0	4

Os resultados das variantes A e B apresentam a mesma distribuição utilizada para a comparação com os valores obtidos no cálculo manual de tabelas estatísticas. Outra possibilidade consiste em transformar esses resultados em valores de Z , permitindo tirar conclusões ou calcular um valor P . Para isso, utiliza-se uma tabela bicaudal de $\alpha = 0,05$ para determinar valor crítico e o nível de significância para cada variante. No caso analisado, a variante A possui $n = 2$ e a variante B também possui $n = 2$; assim seleciona-se a linha correspondente a $n = 2$ e a coluna correspondente a $n = 2$.

Passo 34: Determinação da Estatística de Teste L

$$\text{Se } U \text{ calculado} < U \text{ crítico:} \quad (118)$$

Rejeitamos H_0

$$U_{\text{crítico}} = 0 \quad (119)$$

$$U_{\text{calculado}} = \max(U_1 \text{ e } U_2) \quad (120)$$

$$U_{\text{calculado}} = \max(0 \text{ e } 4) \quad (121)$$

$$U_{\text{calculado}} = 4 \quad (122)$$

De acordo com as tabelas de valores críticos para o teste U de Mann-Whitney (para $n_1 = 2$ e $n_2 = 2$, com nível de significância $\alpha = 0.05$), o valor crítico é $U_{\text{crítico}} = 0$. Para que haja diferença estatisticamente significativa entre as distribuições das posições das variantes OV e VO, o valor de L deve ser menor ou igual ao valor crítico. Como $L \leq U_{\text{crítico}}$ ($0 \leq 0$), a hipótese nula - de que não há diferença significativa entre as posições das variantes - é rejeitada. Isso sugere que existe uma diferença estatisticamente significativa na distribuição das posições entre as variantes OV e VO na amostra analisada, reforçando a tese de que a ordem VO tende a ocorrer em uma posição mais inicial na sentença em relação à ordem OV, dadas as médias 1,5 vs 3,5).

Como os tamanhos amostrais são $n_1 = 2$ e $n_2 = 2$, o teste foi finalizado pelo método mais preciso e rigoroso, não sendo necessário calcular o valor de Z . Para amostras tão pequenas, o valor- P é geralmente obtido a partir de tabelas exatas ou calculadoras estatísticas. No caso de $n_1 = 2$ e $n_2 = 2$, o número total de possíveis ordenações é dado por: $\binom{n_1 + n_2}{n_1} = \binom{4}{2} = 6$. A probabilidade de obter $U = 0$ (que é o resultado mais extremo possível em um dos lados) é 1 em 6, ou seja, $1/6$. Portanto, para este teste unilateral (*one-tailed*), com $U_{\text{calculado}} = 0$, o valor- P é: $P = \frac{1}{\binom{4}{2}} = \frac{1}{6} = 0.1667$.

Essa discrepância sugere que o teste pode ter sido planejado como unilateral (*one-tailed*), em que $U_{\text{crítico}} = 0$ seria o valor correto. No entanto, considerando um nível de significância de $\alpha = 0,05$, a probabilidade de 0,1667 é bastante elevada. Portanto, a conclusão estatisticamente mais rigorosa (usando $\alpha = 0,05$) é: não há evidência suficiente para rejeitar a hipótese nula H_0 .

5.4. Resultados dos dados

É fundamental ressaltar que algumas pessoas surdas reproduziram a frase #FICA EM CASA# seguindo o português sinalizado. No entanto, observou-se que 29% das produções correspondiam à organização básica VO. Ao todo, foram enunciadas 32 frases,

representando 100% das ordens VO e OV, e resultando em 32 tokens associados à estrutura sintática da Libras.

Tabela 12: Caracterização sociodemográfica e ordens básicas de constituintes (OV e VO)

Sujeito	Idade	Sexo	Escolaridade	Ordem básica
1	27	M	Ensino médio	OV
2	55	F	Ensino médio	OV
3	34	M	Ensino Superior	OV
4	26	F	Ensino médio	VO
5	38	M	Ensino médio	OV
6	26	M	Ensino Fundamental	OV
7	28	F	Ensino Fundamental	OV
8	38	M	Ensino Fundamental	VO
9	28	F	Ensino Superior	OV
10	39	M	Ensino Fundamental	OV
11	47	F	Ensino médio	OV
12	29	M	Ensino médio	VO
13	21	M	Ensino Fundamental	OV
14	38	F	Ensino Superior	OV
15	46	M	Ensino Superior	VO
16	43	F	Ensino Fundamental	OV
17	31	M	Ensino Fundamental	OV
18	54	M	Ensino Fundamental	OV
19	47	F	Ensino médio	OV
20	39	M	Ensino médio	OV
21	43	F	Ensino Fundamental	VO
22	39	F	Ensino médio	OV
23	17	F	Ensino Fundamental	VO
24	25	M	Ensino médio	OV
25	35	F	Ensino médio	VO
26	49	M	Ensino Fundamental	OV
27	28	F	Ensino Fundamental	VO

28	28	F	Ensino médio	OV
29	17	F	Ensino Fundamental	OV
30	24	F	Ensino Fundamental	VO
31	39	F	Ensino Fundamental	OV
32	41	F	Ensino Fundamental	OV

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados compreendem as 256 respostas obtidas nas entrevistas (8 perguntas × 32 sujeitos), correspondentes aos enunciados produzidos. A variação na ordem das palavras é uma característica comum às línguas em geral. A esse respeito, Greenberg (1966) afirma que, mesmo diante dessa variação, cada língua elege uma ordenação de palavras dominante — sendo as ordens dominantes identificadas sempre OV e VO.

Na análise das regras variáveis, o Teste U de Mann-Whitney foi utilizado para verificar o efeito das variáveis sociais sobre a probabilidade de uso da Variante A não padrão. Pesos relativos superiores a 0,5 indicam que um aumento na probabilidade tende a favorecer o uso da variante, enquanto pesos inferiores a 0,50 indicam tendência ao desfavorecimento.

Os dados referentes às sentenças nas quais podem ocorrer as ordens VO e OV foram submetidos à análise quantitativa, a qual retorna a distribuição de cada fator de cada variável em termos de tokens e mediana. Nessa análise, selecionou-se a variante A não-padrão como o valor de aplicação.

Tabela 13: Peso relativo de utilização nas variantes A e B em Serra Talhada

Grupo Sociais		Variantes	Tokens	Peso relativo ³²
Faixa Etária	15 – 29	A	8	0.772
	30 – 49		13	
	50+		2	
	15 – 29	B	5	0.151
	30 – 49		4	
	50+		-----	
	Feminino	A	12	0.166

³² Valor de P em Teste U de Mann-Whitney.

Sexo	Masculino		11	
	Feminino	B	6	0.775
	Masculino		3	
Escolaridade	Nível Fundamental	A	11	0.663
	Nível Médio		9	
	Nível Superior		3	
	Nível Fundamental	B	5	0.358
	Nível Médio		3	
	Nível Superior		1	

Fonte: Elaborado pelo autor.

A análise dos fatores extralinguísticos iniciou-se com o exame da variável sexo. O Teste U de Mann-Whitney foi conduzido no software JAMOV, considerando a ordem básica de constituintes como variável dependente e o sexo como variável de agrupamento. Na amostra total de 32 sujeitos surdos, a distribuição por sexo foi de $n_1 = 14$ tokens do sexo masculino e $n_2 = 18$ tokens do sexo feminino, totalizando 32 tokens avaliados.

A análise descritiva das variantes de ordem de constituintes (OV e VO) em relação ao sexo revela uma pequena diferença na frequência bruta. As mulheres surdas demonstraram tendência a utilizar a Variante A (OV), com mediana de 12 tokens, enquanto os homens surdos empregaram 11 tokens dessa mesma variante.

Em termos estatísticos, não foi identificada diferença estatisticamente significativa entre a variável sexo e as variáveis linguísticas dependentes. Os resultados do teste U de Mann-Whitney indicaram consistentemente $p > 0,05$ em todas as comparações realizadas. Especificamente:

- A comparação da distribuição da variante A (ordem OV) entre os sexos registrou $p = 0,166$.
- A comparação da distribuição da variante B (ordem VO) entre os sexos registrou $p = 0,775$.

Como todos os valores-p são superiores ao nível de significância adotado ($\alpha = 0,05$), não há evidências de que o sexo seja um fator condicionante para o uso das variantes linguísticas de ordem de constituintes nesta amostra. Entre mulheres e homens surdos, a variável "sexo" está diretamente relacionada à predominância da ordem OV — expressão

de prestígio e inovação nessa comunidade —, o que confere à Variante A (ordem OV) peso extremamente significativo, decorrente da modalidade visual e gestual de comunicação das pessoas surdas.

Para a análise da faixa etária, esta foi utilizada como variável de agrupamento, diferenciando dois grupos sociais: jovens surdos e adultos surdos. Os sujeitos surdos apresentaram um total de 32 ocorrências, distribuídas entre as ordens OV e VO.

As medianas indicam que os sujeitos adultos utilizam a ordem OV com maior frequência em comparação aos jovens. A análise revelou significância estatística ($p < 0,05$) nas comparações. No caso específico da ordem OV ($p = 0,772$) aplicada à faixa etária analisada, não se trata de uma variante estigmatizada, mas sim associada ao prestígio e à inovação.

A análise dos dados revelou diferença significativa entre os dois grupos etários (jovens versus adultos): os sujeitos adultos surdos apresentaram predominantemente a ordem OV, com 13 tokens, enquanto os jovens surdos registraram 8 tokens para essa mesma ordem. Essa diferença na frequência de uso mostrou-se considerável, resultando em significância estatística ($p < 0,05$).

No que diz respeito à ordem VO, esta foi observada em 5 tokens no grupo de jovens e em 4 tokens no grupo de adultos — variação quantitativa menor entre os grupos.

A ordem básica deve contemplar aproximadamente dez frases relacionadas ao uso de variação linguística em âmbito nacional ou regional no Brasil. A expressão "fica em casa" representa uma única frase que se destaca, sendo frequentemente utilizada em diferentes contextos sociais e culturais. Apesar do significativo avanço das pesquisas científicas sobre a Libras em âmbito nacional, ainda há limitações no acesso ao corpus de materiais visuais disponibilizados pela Associação de Surdos de Serra Talhada. Essa escassez impacta diretamente a disseminação das variações regionais e limita a elaboração de estudos sistemáticos sobre suas particularidades.

Diante desse cenário, reforça-se a necessidade de estratégias para a ampliação do corpus linguístico da Libras, permitindo análises mais detalhadas das diversidades geográficas e culturais expressas nessa modalidade. Tal esforço contribuiria para a valorização da pluralidade linguística entre os diferentes grupos de surdos em todo o território brasileiro.

A integração entre pesquisas acadêmicas e instituições como associações de surdos torna-se, portanto, indispensável para consolidar um conhecimento mais completo sobre as práticas comunicativas dessas comunidades. Uma abordagem sistemática dos registros

visuais possibilitaria não apenas a preservação das variações regionais, mas também uma compreensão mais ampla do desenvolvimento histórico e social da Libras no Brasil — fortalecendo o processo educativo inclusivo e promovendo equidade no acesso à comunicação entre as diferentes populações que utilizam a Libras como língua materna.

McKee, McKee e Major (2006) apresentam os resultados de estudos sobre a variação sociolinguística nos numerais da NZSL, revelando diferenças significativas entre os padrões de sinalização de sujeitos de 45 anos e de 65 anos. Constatou-se que os sinalizadores mais velhos utilizam com maior frequência o movimento da boca como recurso principal de referência, em comparação aos indivíduos mais jovens.

Os resultados desta tese revelaram uma diferença estatisticamente significativa no uso da variante A (ordem OV) em comparação à variante B (ordem VO), em relação à idade. Observou-se que os sujeitos surdos mais velhos (com idades entre 30 e 49 anos, assim como aqueles com mais de 50 anos) tendem a utilizar a ordem OV com maior frequência do que os surdos mais jovens (com idades entre 15 e 29 anos).

A variante A (ordem OV) apresentou 9 tokens de nível médio, indicando um peso relativo significativo nos dados. Os sujeitos surdos desse nível demonstraram familiaridade com a estrutura gramatical da Libras, evidenciando que a aquisição da língua natural é mais inovadora. A mesma variante apresentou 3 tokens de nível superior, enquanto a variante B (ordem VO) mostrou 9 tokens estigmatizados, acompanhado da estrutura de Língua Portuguesa.

Os sujeitos de nível superior já possuíam conhecimento da estrutura gramatical da Libras, exigido pelos cursos de Letras-Libras. O peso relativo dos dados indica que o nível fundamental utilizou discretamente mais a Variante B (5 tokens) em comparação à Variante A (11 tokens); ao comparar os níveis médio e superior, não se observaram diferenças significativas ($p > 0,05$ em todas as comparações). Considerando todos os níveis de escolaridade, a Variante A apresentou $p = 0,663$, indicando que sua realização não variou significativamente em função da escolaridade.

De acordo com os pressupostos de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 29), a "heterogeneidade ordenada é definida como uma realidade inerente às línguas e não como um fenômeno marginal". Sob essa ótica sociolinguística, a variação observada na ordem básica da Libras não deve ser vista como aleatória, mas como parte da sistematicidade da língua. Embora a estrutura sintática da Libras apresente variações entre a ordem padrão e inversões, tais ocorrências refletem a natureza de uma língua natural que, embora não homogênea, possui regras subjacentes à sua diversidade.

Os resultados apresentados neste capítulo fornecem a base empírica para as considerações finais desta pesquisa, nas quais se retomam as hipóteses iniciais e se discutem as implicações da variação sintática OV/VO para os estudos sobre a Libras e a comunidade surda de Serra Talhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese teve como objetivo analisar a estrutura sintática da Libras, com ênfase na ordem básica de constituintes (VO e OV) e nas relações de variação que caracterizam essa língua. A sintaxe, enquanto estudo da estrutura das frases, revelou um sistema complexo e flexível na Libras.

O estudo consolidou-se na intersecção entre Sociolinguística Variacionista e a análise sintática, representado variação na ordem básica de constituintes VO e OV.

O objetivo central foi analisar a Libras, com ênfase na variação sintática na Comunidade Surda de Serra Talhada, no estado de Pernambuco, validando a hipótese de que o uso da Libras é um sistema autônomo e, ao mesmo tempo, socialmente condicionado.

No que tange à sintaxe, este estudo confirmou a presença da ordem VO (Verbo-Objeto) como estrutura recorrente nos dados. O foco da investigação, contudo, recaiu sobre a ocorrência da ordem OV (Objeto-Verbo). Com base na proposta teórica de Quadros e Karnopp (2004) sobre a centralidade do núcleo verbal, a análise revelou que, nos contextos observados — como em CASA FICAR —, a ordem OV configura-se como uma estrutura de elevação do objeto para a periferia esquerda da sentença.

Identificou-se, de forma específica nos dados analisados, que esse deslocamento está frequentemente vinculado ao valor pragmático de imperativo.

Verificou-se, ainda, que tal inversão é obrigatoriamente acompanhada por marcadores não manuais específicos — elementos que não são meros adornos, mas atuam como verdadeiros morfemas sintáticos essenciais para a interpretação da sentença.

Embora mecanismos de sincronização de contatos e simplificação fonológica sejam reconhecidos em ASL e em dicionários como o de Capovilla et al. (2001), os dados de Xavier e Neves (2016) e Pizzio (2011), aliados à variação observada no sinal CASA, sugerem que tal regra pode apresentar baixa produtividade ou aplicação irregular na geração de dados analisado. Tais evidências indicam a necessidade de investigações mais profundas acerca da tipologia da Libras; embora a marcação do sujeito tenha se mostrado frequente nesta amostra — distanciando-a de construções de 'português sinalizado' —, a classificação da Libras quanto ao parâmetro do sujeito nulo ainda demanda análises sintáticas que considerem suas propriedades prototípicas de forma exaustiva.

Em síntese, a Libras evidencia um sistema linguístico autônomo e rico, no qual a estrutura frasal é moldada tanto pela ordem dos sinais quanto pela integração de elementos não manuais com função gramatical. Os resultados obtidos reforçam a compreensão da tipologia da Libras, especialmente no que se refere à sua autonomia sintática em relação à língua oral majoritária.

Para pesquisas futuras, sugere-se uma investigação mais aprofundada sobre a sistematicidade dos marcadores não manuais em diferentes construções sintáticas, bem como um mapeamento detalhado dos pares nome-verbo na Libras que divergem da regra de reduplicação, a fim de aprimorar a compreensão e a classificação da produtividade dessa regra de formação de palavras.

A análise da variação sintática em Serra Talhada, sob a perspectiva de Weinreich, Labov e Herzog (2006), revelou como a comunidade surda local processa informações institucionais. Os dados, gerados a partir da divulgação de uma campanha sobre a Covid-19, evidenciaram que a variação sintática em Libras se manifesta de forma diferenciada conforme a escolaridade, o sexo e a idade dos sinalizantes.

Nessa análise sociolinguística, a variação entre as ordens VO e OV não se revelou uma oscilação aleatória, mas um fenômeno condicionado por fatores extralinguísticos e pela realidade social da comunidade de Serra Talhada. Os dados demonstram que a variação na disposição do objeto evidencia uma gramática em uso dotada de sistematicidade: a flexibilidade na ordem dos constituintes não é uma falha de padronização, mas um padrão de comportamento linguístico característico desta comunidade de fala — o que justifica a análise da Libras sob a ótica da heterogeneidade organizada.

A análise evidenciou que a variação linguística observada em Serra Talhada não é um fenômeno isolado, mas o reflexo direto de uma trajetória histórica e institucional que remonta à influência do INES e se consolida na criação da ASST.

Conclui-se que a Associação não é apenas um marco administrativo, mas o agente sociolinguístico fundamental que permitiu a formação de uma comunidade de fala com características sintáticas próprias no Sertão do Pajeú.

O elemento central desta tese reside na aplicação da Sociolinguística Variacionista à Libras. O estudo da variação sintática (VO/OV) na comunicação da comunidade durante a pandemia de Covid-19 demonstrou que as escolhas linguísticas não são aleatórias, mas constituem o padrão próprio de um sistema heterogêneo.

Para comprovar essa relação, o Capítulo 4 empregou abordagem quantitativa. Por meio do Teste de Mann-Whitney, a pesquisa buscou determinar a significância estatística da influência de variáveis sociais — faixa etária, sexo e nível de escolaridade — na variação sintática da Libras, especificamente na ordem básica dos constituintes. Os resultados confirmam a relevância da Sociolinguística para os estudos sobre a Libras, estabelecendo, com rigor metodológico, quais fatores sociais exercem maior pressão sobre a escolha da estrutura sintática (VO ou OV). A variação sintática em Libras, portanto, não é meramente estilística, mas estatisticamente condicionada pela demografia e pelo contexto sócio-histórico de seus sinalizantes.

O estudo aplicou a Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) para analisar a distribuição das variantes - variante A (ordem OV) e variante B (ordem VO) — em 32 tokens de enunciação da frase "Fica em casa". A metodologia adotada foi rigorosamente quantitativa, empregando o teste U de Mann-Whitney para verificar a influência das variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) na variação sintática. Os resultados estatísticos obtidos por meio desse teste revelaram achados cruciais:

- **Variável sexo:** não foi identificada diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres ($p > 0,05$ em todas as comparações);
- **Variável escolaridade:** a variação sintática distribui-se de forma semelhante entre os diferentes níveis. No Ensino Fundamental (50% dos sujeitos surdos), observou-se 34% de uso da Variante A (OV). Os dados sugerem que a escolaridade não apresentou diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,663$).
- **Variável faixa etária:** foi encontrada diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) no uso da ordem OV. Observou-se que os adultos surdos (30 a 49 anos) e os idosos surdos (acima de 50 anos) tendem a utilizar a ordem OV com maior frequência (40% dos tokens) em comparação aos jovens. Esse achado contraria o padrão observado em estudos sobre línguas sinalizadas, que frequentemente associa a variante inovadora aos falantes mais jovens. Os dados sugerem, assim, a existência de um padrão de prestígio ou de mudança linguística específico da Libras, no qual a aquisição tardia da língua entre os grupos mais velhos pode ter favorecido a consolidação da ordem OV.

Por fim, este trabalho abre caminho para que novas pesquisas aprofundem a análise da ordem básica dos constituintes nas estruturas OV e VO da Libras, o que demanda a ampliação do corpus com novos exemplos de frases produzidas em contextos variados.

REFERÊNCIAS

- BERTELLI, E. **Ilustrações de Erick Bertelli Caricaturas e Mascotes**. WordPress. 2013. Disponível em: <https://erikbertelli.wordpress.com/2013/06/12/expresses/>. Acesso em: 06 de ago. de 2025.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BOSSAGLIA, G. **Linguística Comparada e Tipologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BRASIL. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: Poder Legislativo, Brasília-DF, 24 abril 2002. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/99492/lei-de-libras-lei-10436-02#art0>. Acesso em: 2 mai. 2020.
- BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolinguística**. Tradução de E. N. Araújo Jorge. Rio de Janeiro: Eldorado. p. 17-24. [1966] 1974.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.; MAURICIO, A. C. L. **Novo dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. São Paulo-SP: Edusp, Volume I: Sinais de A a H. 2001.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.; MAURICIO, A. C. L. **Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira – Libras baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. São Paulo-SP: Edusp, Volume II: Sinais de I a Z. 2001.
- COELHO, I. L. *et.al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I. O. S.; MARTINS, M. A. (Org.). **Para a história do português brasileiro: novos dados, novas questões**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

CORDEIRO, L. P. **Mudança Linguística da Libras em Recife**. [92 f.] Dissertação (Mestrado de Estudos da Linguagem). Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2023.

FARIA, Sandra Patrícia de. Ao pé da letra, não! Mitos que permeiam o ensino da leitura para surdos. In: QUADROS, R. M. et al. **Estudos Surdos**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebooks>. Acesso em: 06 de ago. de 2025.

FELIPE, Tanya A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB)**. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GREENBERG, J. H. **Universals of Language**. Cambridge: Mit Press. 1966.

IBGE. **População Residente, por Tipo de Deficiência Permanente, Segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação**. 2010. Disponível em: http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/tab1.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language (Auslan): an Introduction to Sign Language Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KENDON, A. **History of the Study of Gesture**. The Oxford Handbook of the History of Linguistics. Edited by Keith Allan. [S.l.:s.n.], 2013.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, p. 85. 2008 [1972].

LLOYD, L. L.; KAPLAN, H. **Audiometric Interpretation**: a manual of basic audiometry. Baltimore: University Park Press, 1978. p. 16-17, 94.

MANN, H. B., WHITNEY, D.R. **On a Test of Whether one of two Random Variables is Stochastically larger than the Other**. Annals of Mathematical Statistics, 18, p. 50-60. 1947.

MANN, H.B.; WHITNEY, D.R. **Tabela de Valores Críticos para o Teste *U* de Mann-Whitney**. Adaptada de Siegel, S., & Castellan, *Nonparametric Statistics for the Behavioral Sciences*. McGraw-Hill.
N. J. 1988.

McKEE, R.; McKEE, D.; MAJOR, G. **Sociolinguistic Variation in NZSL Numerals**. In: QUADROS, R. M. (Org.). 9º Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 314 – 328.

MORAES, L. V. A. C. **A Gramática da Língua Brasileira de Sinais**: aspectos sintáticos. Dissertação (Mestrado em Teoria e análise linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MEIR, I.; SANDLER, W. **Language in Space**: The Story of Israeli Sign Language. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. **Novo Manual de Sintaxe**. Florianópolis: Insular, 3ª ed., p. 280. 2007.

NÓBREGA, V. R. R. Sigmanulogia: proporcionando uma teoria Linguística da Língua de Sinais. **Revista Leitura**, [S. I.] v. 1, n. 57, p. 198–218, 2017. DOI: 10.28998/2317-9945.201657.198-218. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2657>. Acesso em: 19 nov. 2025.

PETRONIO, K.; LILLO-MARTIN, D. **WH Movement and the Spec of CP**: Evidence from American Sign Language. *Languages*, 1996.

PIZZIO, Aline Lemos. **A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. 131f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre. Artmed., 2004.

QUADROS, R. M.; PIMENTA, N. **Curso de Libras**, nível 1, Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**. v. 1, n. 57, Edição especial: Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas, p. 8 – 34, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/3618/2853>. Acesso em: 30 out. 2025.

ROSE, S.; ADAM, S.; JORDAN, F.; RAMAS, R.; BENCIE, W.; KEARSY, C. **Lexical Variation and Change in British Sign Language**. Howard Nusbaum, The University of Chicago, United States of America, 2014.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure: an Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. New York: University of Buffalo, 1960.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. L. **How Many Seats in a Chair?** The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language. Center for Human Information Processing, San Diego: University of Calif., 1978.

TERRA, Ernani. **Linguagem, Língua e Fala**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WILCOXON, F. **Individual Comparisons by Ranking Methods**. Biometrics Bulletin, v. 1, n. 6, p. 80 - 83. 1945.

XAVIER, A. N. & NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos morfológicos da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130 – 151, jul. /dez. 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.43933. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933>. Acesso em: 19 nov. 2025.

ANEXO I
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

1 – Número de sujeito: _____

2 – Quantos anos você tem? _____

3 – Com que idade você aprendeu Libras? _____

4 – Qual escola você frequentou, com qual idade? _____

5 – Você já concluiu a escola ou a faculdade?

Grau de Instrução:

() Ensino Fundamental

() Ensino Médio

() Ensino Superior

() Completo

() Completo

() Completo

() Incompleto

() Incompleto

() Incompleto

6 - Você é surdo ou ouvinte? _____

7 – Onde você mora e há quanto tempo você mora nesse local?

8 – Grave um vídeo sobre #FICA EM CASA com, aproximadamente, 5 minutos.

ANEXO II



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Jefferson Daniel da Silva Alves, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado [Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada], sob responsabilidade de [Roberto Willians de Lima Santos] vinculado(a) ao/à [Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT].

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para [o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.]

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br JEFFERSON DANIEL DA SILVA ALVES
Data: 02/10/2025 13:33:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 02/10/2025 20:57:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 02 de outubro de 2025



ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Haislan Fabiano Ferraz Feitoza, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
 **HAISLAN FABIANO FERRAZ FEITOZA**
 Data: 22/01/2026 21:37:08-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS**
 Data: 23/02/2026 18:43:18-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 22 de janeiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Guilherme Sebastião da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.


Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
 **ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS**
Data: 23/02/2026 18:43:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 22 de janeiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Ivan Santana de Oliveira, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br IVAN SANTANA DE OLIVEIRA
Data: 07/01/2026 21:44:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIAMS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 18:43:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 07 de janeiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Jeferson Wesley Cordeiro dos Santos, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br JEFERSON WESLEY CORDEIRO DOS SANTOS
Data: 05/01/2026 18:15:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 18:43:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 05 de janeiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, João Paulo de Oliveira, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br JOAO PAULO DE OLIVEIRA
Data: 22/01/2026 22:11:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 18:43:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 22 de janeiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Sandra Pereira da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br SANDRA PEREIRA DA SILVA
Data: 09/02/2026 20:14:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIAMS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 20:18:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 09 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Daliana Resende Fonseca Campos, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br DALIANA RESENDE FONSECA CAMPOS
Data: 23/02/2026 20:16:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIAMS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 20:32:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Tony Alef de Souza Vasconcelos, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Documento assinado digitalmente
gov.br TONY ALEF DE SOUZA VASCONCELOS
Data: 23/02/2026 19:25:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 20:30:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Maria Edjane da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 23/02/2026 20:43:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 22 de janeiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Gracilene Ferreira de Souza, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Gracilene Ferreira de Souza

Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 10 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, José Iramar Batista da Costa, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

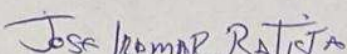
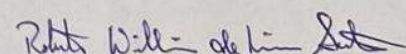
Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.


Assinatura do (a) participante
 
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 10 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Jorge Luis de Lima Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

JORGE LUIS de LIMA SILVA
Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 11 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Maria Aparecida Nascimento Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada*, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

+ Maria Aparecida Nascimento Silva
Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 11 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Ubiraci de Souza Alves, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

x *Ubiraci de Souza Alves* *Rh-02* *Roberto Willians de Lima Santos*
Assinatura do (a) participante Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 11 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Adeilza Pereira de Lima, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

x Adeilza Pereira de Lima
Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 11 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Sttefânia Bispo dos Santos, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Sttefânia Bispo dos Santos
Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 11 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Thais Vitória dos Santos, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada*, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Thais Vitória dos Santos

Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Técia Cristina Magalhães Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Técia Cristina Magalhães Silva
Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Maria Valéria Aíves Fernando, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Desse modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Maria Valéria Aíves Fernando

Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Alexandra Vitória Gomes da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado *Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada*, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/a Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Desto modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Alexandra

Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Aíxandra Aíves Lima, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Aíxandra Aíves de Lima

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Maria Lúcia Alves Lima, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Maria Lúcia Alves Lima
Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Danilo Ítalo da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

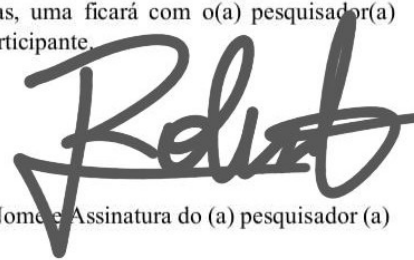
Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.


Assinatura do (a) participante


Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Daniely Maria do Nascimento, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante



Documento assinado digitalmente
ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 24/02/2026 20:13:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Maria Carla da Silva Gadelha, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Roberto Willians de Lima Santos
Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026

Carla



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Victor Pereira dos Santos, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Victor Pereira dos Santos

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Roberto Willians de Lima Santos



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Josenildo da Silva Lima, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.


Assinatura do (a)

Documento assinado digitalmente
gov.br ROBERTO WILLIANS DE LIMA SANTOS
Data: 25/02/2026 21:20:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Nome e Assinatura do (a) pesquisador



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Natália Maria da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Natalia

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Roberto

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

PARA FINS DE PESQUISA

Eu, Hélio Bezerra da Silva, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Variação Sintática em Libras: ordem básica de OV e VO em Serra Talhada, sob responsabilidade de Roberto Willians de Lima Santos vinculado ao/à Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizadas apenas para o aplicativo usa no WhatsApp tirar as fotos de sinalizante.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e a pesquisa explicitadas anteriormente, e conforme minha autorização prévia.

Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de total responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador da pesquisa.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante

Hélio

Cáceres - MT, 23 de fevereiro de 2026

Nome e Assinatura do (a) pesquisador (a)

Roberto